

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A Espada de Alexandre, de Camilo Castelo Branco

Polémica origem e invulgar génese de um texto polémico e invulgar

Ana Luisa Sonsino

Trabalho final orientado pela Prof.^a Doutora Cristina Sobral, especialmente elaborado para a obtenção do grau de mestre em Crítica Textual

Dissertação

2015

A Espada de Alexandre, de Camilo Castelo Branco

Polémica origem e invulgar génese de um texto polémico e invulgar

Ana Luisa Sonsino

Dissertação de mestrado

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Cristina Sobral, pela paciência infinita, confiança e dedicação, mas sobretudo por me abrir as portas ao mundo da Crítica Textual.

Ao Professor Dr. Ivo Castro, pela generosidade com que partilha o seu saber sem perder o humor nem a sensibilidade.

Ao Professor Dr. João Dionísio, por nunca deixar de acreditar em mim.

À São Amaral, por me ajudar nos meus primeiros (e segundos e terceiros) passos com o Português e partilhar a paixão camiliana.

A mi marido, por su apoyo incondicional.

A mis hijos, por ayudarme a convivir mejor con *El Monstruo de la Tesis*.

A la nonna Pia, porque la genética no miente.

A mi mamá, por inculcarme el amor a las letras.

Resumo

A presente tese de mestrado pretende dar conta da génese d'*A Espada de Alexandre*, de Camilo Castelo Branco, e ainda oferecer a sua edição segundo o modelo que se revelou mais apropriado.

Para alcançar esses objectivos, o trabalho divide-se em duas secções, a primeira das quais está dedicada integralmente à génese da obra. Começando por uma breve resenha do contexto socio-histórico onde ela surge tanto a nível mundial como em Portugal, o estudo preliminar foca-se de seguida na descrição e análise do único manuscrito da obra de que se tem conhecimento até hoje. Finalmente, apresentam-se também as duas edições publicadas em vida do autor, ambas geneticamente relevantes, dando particular atenção às singulares circunstâncias em que foi publicada a primeira edição.

A segunda parte do trabalho aborda a questão da edição, tendo em consideração os resultados obtidos no decurso do trabalho precedente. Assim, apresenta-se em primeiro lugar uma análise de como as singularidades do dossiê genético em estudo afectam o resultado final ao tentar utilizar o modelo de edição genética do Professor Ivo Castro sem modificações, para assim poder determinar os ajustes que possibilitem a sua aplicação. Este modelo, utilizado pela primeira vez para a edição de *Amor de Perdição*¹, é ainda o que se tem utilizado desde então para realizar as subsequentes edições genéticas e crítico-genéticas da obra do escritor de Seide. Efectuados os acertos necessários, seguem-se a edição genética do manuscrito e a edição genética do impresso.

Por último, apresenta-se em anexo a transcrição do material que, não sendo geneticamente relevante, pode no entanto revelar-se de interesse para os camilianistas.

Dadas as singularidades do manuscrito objecto de estudo, tanto os dados revelados na análise preliminar como a edição poderão servir de instrumento para futuros estudos mais detalhados dos fenómenos da escrita camiliana.

Palavras chave: Filologia, Edição Genética, Literatura Portuguesa, Camilo Castelo Branco.

¹ CASTELO BRANCO, Camilo, *Amor de Perdição*, edição genética e crítica de Ivo Castro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

Abstract

The goal of this dissertation is to give an account of the genesis of *A Espada de Alexandre*, written by Camilo Castelo Branco, and also to offer an edition on the model that seems to be the most appropriate.

To achieve these objectives, the work is divided into two sections, the first of which is fully dedicated to the genesis. Starting with a brief overview of the socio-historical context in which it appears, both in Portugal and abroad, the preliminary study focuses on the description and detailed analysis of the single manuscript of the booklet which is actually known. Finally, it is also described in detail the two editions published in the author's lifetime, both genetically relevant, and particular attention is paid to the distinctive circumstances in which the first one was published.

The second part addresses the question of the edition, taking into account the results obtained in the first part. Thus, it is first presented an analysis of how the singularities of the genetic dossier study affects the edition when trying to use the genetic edition model of Professor Ivo Castro without any modifications, so that it can be then determined the adjustments that allow its application. This model, first used by Castro for his edition of *Amor de Perdição*², is the one that has been used since then to make subsequent genetic and genetic-critical editions of the Seide writer's work. Once made the necessary arrangements, the genetic edition of the manuscript and the printed editions are presented.

Finally, it is attached the transcript of the material that, in spite of not being genetically relevant, may be of interest to the study of Camilo Castelo Branco's work.

Due to the singularities of the manuscript under study, both the data revealed in the preliminary analysis and the edition itself, may serve as a tool for more detailed studies of the particularities of Camilo's writing in the future.

Key-words: Philology, Genetic Edition, Portuguese Literature, Camilo Castelo Branco.

² CASTELO BRANCO, Camilo, *Amor de Perdição*, genetic and critical edition by Ivo Castro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

Índice

A Espada de Alexandre, de Camilo Castelo Branco

Polémica origem e invulgar génese de um texto polémico e invulgar

Génese

Capítulo 1. Origens e género d’A Espada	p. 10
1. A polémica	p. 10
1.1. O caso Dubourg: a tragédia da Rue des Écoles	p. 11
1.2. O artigo de Henri D’Ideville e a resposta de Alexandre Dumas Filho: <i>L’Homme-Femme</i>	p. 12
1.3. A polémica em Portugal	p. 13
1.3.1. A crítica a Dumas Filho e a crítica à crítica	p. 13
1.3.2. A espada de Alexandre: uma resposta “anónima” e corrosiva	p. 14
2. O género d’A Espada	p. 15
Capítulo 2. Os testemunhos	p. 20
1. O manuscrito autógrafo	p. 20
1.1. Localização e história	p. 20
1.2. Suporte.....	p. 21
1.2.1. Estado de conservação do suporte	p. 23
1.3. Escrita	p. 26
1.3.1. A escrita nas guardas dos planos da encadernação	p. 26
1.3.2. A escrita nas folhas	p. 28
1.3.2.1. O instrumento de escrita e as tintas	p. 31
1.3.2.2. A diagramação das páginas	p. 31
1.3.2.3. As páginas... em branco?	p. 31
1.3.2.4. As sessões de escrita	p. 36
1.3.2.5. Acidentes de escrita	p. 42
1.3.2.5.1. Efeito de espelho	p. 42
1.3.2.5.2. Borrões e impressões digitais	p. 44

1.4. Conclusões	p. 44
2. Percurso Editorial	p. 47
2.1. A primeira edição	p. 47
2.1.1. Exemplar de trabalho	p. 49
2.2. A segunda edição	p. 50
Capítulo 3: A Gênese	p. 51
1. Como foi escrita <i>A Espada</i>	p. 51
1.1. Os rassaibos da fase pré-redaccional	p. 52
1.1.1. Os lembretes: um plano parcial intercalar	p. 52
1.1.2. A marginália: uma lista à cabeça	p. 60
1.2. A fase redaccional	p. 61
1.2.1. A página [33’]: um esboço do final	p. 62
1.2.2. As páginas em branco: o resultado de uma antecipação	p. 66
1.2.3. Exogênese: alguns casos peculiares	p. 71
1.2.4. A biblioteca do autor: uma reconstrução parcial	p. 77
1.2.5. Emendas imediatas na sobrelinha	p. 78
2. As variantes da primeira edição: relação entre o primeiro e o segundo estado genético de que se tem testemunho	p. 81
2.1. Quantidade e qualidade das variantes da primeira edição em relação ao manuscrito	p. 82
3. Terceiro estado genético: as variantes da segunda edição	p. 85
4. Conclusões	p. 87
Edição	
A representação da gênese d’ <i>A Espada de Alexandre</i>	p. 89
1. Tipo de edição: genética e horizontal.....	p. 89
2. O modelo de edição genética da obra de Camilo Castelo Branco.....	p. 90
3. A presente edição.....	p. 91
Bibliografia	p. 95
<i>A Espada de Alexandre</i> – Edição genética.....	p. 98
Anexo A: Transcrição das folhas de guarda	p. 151

Génesis

[N]o puede haber sino borradores. El concepto de texto definitivo
no corresponde sino a la religión o al cansancio.

Jorge Luis Borges

Orígens e género d'A *Espada*

La materialidad y la operatoria de la escritura están
atravesadas de historicidad y nunca podrán ser
auténticamente interpretadas sin dar cuenta de esa
condición³.

Élida Lois

Para poder perceber-se cabalmente a génese de um texto é fundamental conhecer em que contexto é que este surge. Apesar de, evidentemente, não ser possível encontrar todas as chaves que permitam compreender nem o processo de simbolização nem as interacções textuais na história ou na ideologia dominante de uma determinada época, os resultados obtidos pela crítica genética têm vindo demonstrar que, na verdade, *escrita* é apenas um sinónimo para *re-escrita*: o autor re-escreve o que previamente escreveu mentalmente, e ainda se lê a si próprio e re-escreve o que efectivamente trasladou ao papel. A escrita entendida nestes termos torna-se numa espécie de “objeto «redescubierto» por el geneticismo, en tanto soporte material e intelectual de la cultura, [que] recoge en su interior las tensiones del proceso social en el que está inmerso”⁴.

Por outro lado, “las alteraciones de un texto también tienen que ver con el género en que se inscribe”⁵. Assim sendo, o presente estudo não poderia senão começar por dar um enquadramento socio-histórico ao nascimento d'A *Espada*, seguido por uma proposta do género ao qual pertence.

1. A polémica

No ano de 1872, um crime passional daria origem, na França, a um debate que acenderia rapidamente os ânimos de jornalistas, escritores e juristas. A sua dimensão foi tal que a polémica estendeu-se aos países vizinhos e não só, deixando ecos que não desapareceram apesar do tempo decorrido: ainda hoje ressoam as vozes que na altura se levantaram, quer em trabalhos académicos, quer de divulgação científica, que versam sobre diversos temas de interesse socio-histórico ou literário publicados tanto na Europa como na América.

³ É. Lois, “La crítica genética”, p. 76.

⁴ É. Lois, “La crítica genética”, p.77.

⁵ J. Lluch-Prats, “Las variantes de autor”, p. 236.

Para perceber como se articula o texto do manuscrito que será objecto de estudo do presente trabalho com esta espécie de debate internacional, apresentarei brevemente o caso e farei uma sucinta resenha da controvérsia que suscitou.

1.1. O caso Dubourg: a tragédia da Rue des Écoles

Corria o ano de 1869 quando a família da bela Denise MacLeod, de apenas 19 anos, decidiu que a jovem se uniria a Arthur Le Roy Dubourg, um homem de 26 anos, rústico mas de boa família e com posses, num típico matrimónio por conveniência da França de aqueles anos. No entanto, o que ninguém levou em conta foi o facto de que ela estava já apaixonada por outro homem: o Conde de Précorbin, que fora rejeitado pela família dela pela sua falta de recursos financeiros. Como inevitavelmente aconteceria, pouco depois de celebrado o casamento a desafeição entre os cônjuges foi em aumento e, após apenas seis meses, MacLeod pediu por escrito a separação legal ao marido. Dubourg recusou o pedido e, pouco depois, mandou-a internar numa clínica mental para tratar a sua alegada insânia. Entretanto, Dubourg decidiu unir-se ao exército francês e, enquanto esteve no campo de batalha, intercambiou uma correspondência amistosa com a sua mulher. Assim, quando Dubourg voltou da guerra franco-prussiana, reuniram-se os dois e retomaram a vida em comum em Launay, onde, em Março de 1871, nasceu o único filho do casal. No entanto, MacLeod ficou com sequelas do parto que levaram os cônjuges para Paris⁶. Passado algum tempo, Dubourg começou a suspeitar da esposa e, conjuntamente com uma sua ex-amante, desenvolveu um plano para averiguar se MacLeod ainda tinha algum tipo de relacionamento com Précorbin. Dubourg alugou para sua mulher um pequeno quarto mobilado onde poderia viver sozinha e ainda contratou investigadores privados para vigiá-la, enquanto a ex-amante ganhava a confiança de MacLeod para averiguar os detalhes da sua relação com o jovem⁷. Finalmente, no dia 21 de Abril de 1872, Dubourg irrompeu no quarto da Rue des Écoles onde se encontravam os amantes e, enquanto Précorbin fugia pelos telhados das casas vizinhas, Dubourg apunhalava MacLeod repetidamente com uma espada de bengala. Após assestar-lhe no mínimo 15 facadas, Dubourg desceu as escadas, informou o porteiro do que tinha feito, apanhou um táxi e foi entregar-se à polícia. Antes de ser transferido à Prefeitura, foi jantar abundantemente com o oficial que estava a custodiá-lo. Foi libertado sob fiança⁸.

⁶ V. Guimerá, “Hombres y mujeres”, pp. 123-39.

⁷ C. McLeod, *Louisa S. McCord*, pp. 67-8.

⁸ E. Vizetelly, *Republican France, 1870-1912*, pp. 120-1.

Entretanto, MacLeod foi transferida a um hospital, onde morreu poucos dias depois, não sem antes assinar uma declaração em como o seu marido tinha toda a razão em tentar matá-la uma vez que ela merecia esse destino⁹. Tinha 22 anos. O seu amante entregou-se também mais tarde às autoridades, mas, apesar de ter ficado algum tempo sob custódia¹⁰, acabou por não ser punido¹¹.

Tudo parecia correr como habitualmente nestes casos. No entanto, após o julgamento, a corte pronunciou um veredicto sem precedentes: achou Dubourg culpado, embora com atenuantes, e condenou-o a cinco anos de reclusão absoluta, pena que foi comutada pouco depois por cinco anos numa prisão normal¹².

O caso Dubourg teve uma enorme repercussão na sociedade parisiense da época logo desde o início: mulheres de todas as condições sociais encheram a corte durante as audiências como se de um espectáculo a não perder se tratasse, e a imprensa discutiu largamente acerca da culpabilidade ou inocência do marido traído¹³, e consequentemente acerca de se devia ou não ser punido.

Foi no contexto desta discussão que, em Maio de 1872, Henri D'Ideville publicou o artigo de opinião no *Soir* que espoletou a longa e taxativa resposta de Alexandre Dumas Filho, originalmente publicada no *L'Opinion*¹⁴, sob o título de *L'Homme-Femme*.

1.2. O artigo de Henri D'Ideville e a resposta de Alexandre Dumas Filho: *L'Homme-Femme*

Foi a 15 de Maio de 1872 que, no contexto acima descrito, Henri D'Ideville publica no *Soir* um escrito onde reflecte acerca de se a mulher adúltera devia ou não ser perdoada pelo marido. O artigo, que sugeria outras vias que não o assassinato da esposa infiel, invocando portanto o perdão do marido enganado¹⁵, foi rápida e largamente respondido e contestado por Alexandre Dumas Filho. Com efeito, em Junho de 1872 foi publicado, pela primeira vez no *L'Opinion*, um extenso panfleto com o título de *L'Homme-Femme*, indicando explicitamente que era uma resposta a D'Ideville e começando como se de uma carta se tratasse. Nele, Alexandre Dumas Filho discorre largamente acerca de vários tópicos vinculados à natureza

⁹ E. Ferguson, *Gender and Justice*, p. 128.

¹⁰ Notícia não assinada, *Diário de Notícias – Rio de Janeiro*, nº 498, 7 de Junho de 1872, p.2.

¹¹ Notícia não assinada, *Chicago Tribune*, nº 323, 3 de Julho de 1872, p. 2.

¹² C. McLeod, *Louisa S. McCord*, p.68.

¹³ E. Vizetelly, *Republican France*, pp.122-3.

¹⁴ E. Ferguson, *Gender and Justice*, p. 129.

¹⁵ H. D'Ideville, *O marido que mata*.

das mulheres, ao seu lugar na sociedade e no matrimónio e, obviamente, ao que se devia fazer em caso de ela cometer adultério. O seu conselho, a breve frase que se tornou rapidamente célebre e repetida, era simples: “Mata-a”. O livrinho foi um sucesso de vendas: em poucas semanas foram vendidos 50 mil exemplares, e as edições chegaram a 39¹⁶.

Dumas recebeu, por sua vez, múltiplas respostas dos seus contemporâneos. Até ao mês de Agosto de 1872 foram publicados sete livros dirigidos ao autor de *L’Homme-Femme* e que continham no seu título alguma dessas palavras ou faziam expressa referência ao adultério. Émile de Girardin, Maria Deraismes, Hermance Lesguillon, o próprio D’Ideville, entre outros, foram os autores dessas obras, que tinham na sua maioria o mesmo formato de carta que a que as provocara¹⁷.

A obra foi traduzida para várias línguas, e ainda contestada em muitas delas, entre as quais o português.

1.3. A polémica em Portugal

Segundo Alexandre Cabral, publicaram-se várias edições de *L’Homme-Femme* em Portugal, das quais a primeira foi de Gervásio Lobato e a segunda de Santos Nazaré. Ambas esgotaram em aproximadamente uma semana¹⁸. Mas não só foi traduzida no próprio ano a obra de Dumas, senão ainda o artigo original e algumas das obras que se publicaram como resposta.

Como era de esperar, os autores portugueses puseram mãos à pena e, rapidamente, começaram a aparecer as publicações locais que tratavam do assunto.

1.3.1. A crítica a Dumas Filho e a crítica à crítica

Como referido anteriormente, não demorou que alguns autores portugueses se pronunciassem quanto a esta questão, quer acerca do que Alexandre Dumas Filho escreveu, quer acerca da polémica em si. Valham como exemplo de um e outro caso dois escritos diametralmente opostos: num extremo encontramos Santos Nazaré, tradutor de uma das edições de *L’Homme-Femme*, que publicou a inícios de 1873 um opúsculo dirigido, como indica no subtítulo, aos leitores do *Homem-Mulher*. Nas suas 60 páginas apresenta num tom sério, académico até, argumentos de diversa índole, alguns deles bastante semelhantes aos de

¹⁶ C. McLeod, *Louisa S. McCord* p. 70. E. Vizetelly, em *Republican France* (p. 122) refere 10 edições em apenas duas semanas.

¹⁷ E. Ferguson, *Gender and Justice*, p.129.

¹⁸ A.Cabral, *Dicionário de Camilo*, s.v. “(A) Espada de Alexandre”.

Girardin, a favor do divórcio e contra o “*Mata-a*” de Dumas. Apesar de não começar como carta, finaliza com um “*Resposta, fico-te esperando*”¹⁹.

No outro extremo, encontramos Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz que, n’*As Farpas* de Setembro a Outubro de 1872, dedicam 32 páginas (as primeiras deste número) a esta questão. Com o estilo mordaz que caracteriza esta publicação, alegam no seu artigo não ter lido nem o livro do Dumas nem nenhum dos outros que saíram a responder-lhe e que pululavam na altura um pouco por todo o lado, mas não se privam de dar a sua opinião acerca da questão do adultério e da possibilidade de vir a aplicar para ela uma solução do tipo “*Mata-a*” ou “*Não a mates*”. Finalizam o escrito com a seguinte nota:

Os auctores resolveram de commum accordo [...] eliminar a ultima parte d’elle, que se referia ao *adulterio segundo a opinião e os costumes actuaes*. Os auctores reconheceram que os nossos habitos burguezes não supportam criticas realistas²⁰.

Assim, criticando a polémica, acabaram por fazer também parte dela.

Nas palavras de Pinheiro Chagas, tinha “[chegado] também a Portugal a febre da questão *Homme-Femme*, arrojada por A. Dumas, filho, à curiosidade das turbas”²¹.

1.3.2. A espada de Alexandre: uma resposta “anónima” e corrosiva

O tema central desta polémica era, como é sabido, uma questão muito sensível para Camilo Castelo Branco. Não é preciso ser um grande camiliano para saber alguns pormenores acerca dos começos da sua relação com Ana Plácido, nem que esteve preso, após terem sido denunciados pelo marido dela, justamente por adultério.

Já é preciso aprofundar um bocadinho mais para saber que, em Novembro de 1870, o seu grande amigo José Cardoso Vieira de Castro foi condenado a 10 anos de degredo por ter assassinado a sua mulher (a qual aparentemente o teria traído) em Maio desse ano. Vieira de Castro morreu a 7 de Outubro de 1872 em Luanda, menos de um mês depois de Camilo ter acabado *A Espada*. A biografia que escrevera de Camilo para o ajudar no julgamento pelo

¹⁹ S. Nazaré, *Problemas e Soluções*, p. 60.

²⁰ R. Ortigão, E. de Queirós, Artigo sem título publicado n’*As Farpas*, número correspondente aos meses de Setembro a Outubro de 1872, p. 35.

²¹ Pinheiro Chagas, folhetim publicado no *Eco Americano*, apud A. Cabral, “(A) Espada”, *Dicionário*, p. 253. Segundo Alexandre Cabral, o folhetim teria aparecido ainda traduzido no *Diário Illustrado*, o que não foi possível confirmar, por não se ter encontrado nem no número referido nem nos anteriores ou posteriores (pesquisei desde o início do jornal, três meses antes, até Janeiro de 1873, três meses depois).

adultério com Ana Plácido virou-se contra ele no seu próprio julgamento, e isto terá sido algo que, com certeza, perturbou Camilo²².

Assim, Camilo decide intervir na refrega com a pequena obra que será objecto de estudo deste trabalho, numa edição que veria a luz no Porto, em Setembro de 1872, sob circunstâncias muito peculiares que serão devidamente tratadas no **Capítulo 2**.

Num tom irónico, azedo e sagaz, o escritor redige a sua carta (ele também escolheu este formato) como uma resposta a um vizinho poeta. Pelo conteúdo da obra sabemos que, quando entrou na controvérsia, tinha lido já não só a obra de Dumas mas também as principais respostas que surgiram na França e ainda a tradução de Santos Nazaré ou pelo menos a teve à sua frente. Com efeito, Camilo cita no seu opúsculo não só os autores que responderam na altura na França mas ainda inclui na trama do seu próprio texto títulos de livros que vêm publicitados nas capas da tradução de Santos Nazaré, o que constitui um curioso caso de exogénese que, pela sua raridade, será devidamente tratado no capítulo sobre a génese do texto.

2. O género d’*A Espada*

Apesar de existir muita bibliografia sobre as polémicas camilianas, *A Espada de Alexandre* não está incluída nem é sequer mencionada nos estudos que tratam delas. No entanto, não há dúvida de que o texto d’*A Espada* é um texto polémico, mas será que pode considerar-se um texto de polémica? Pelo que brevemente se expôs da obra até agora já podemos responder sem hesitar a esta pergunta: sim, este é um texto de polémica. Baste para reforçar esta afirmação citar o título que teve na sua primeira edição: *A Espada de Alexandre. Corte profundo na questão do Homem-Mulher e Mulher-Homem*. Em apenas duas frases, o escritor faz referência ao crime, ao autor que deu origem à discussão escrita e às respostas que surgiram, jogando ainda com a polissemia do termo cortar, uma vez que faz referência não só à maneira como foi cometido o crime mas ainda ao facto de ele achar que, depois do presente texto, a questão fica resolvida e portanto estaria cortando a discussão²³.

No entanto, analisando-o detidamente, reparamos que não é um texto nada simples e que classificá-lo só como texto polémico seria negar-lhe a sua pertença a outros géneros dos quais é um belo expoente: a sátira e a paródia.

²² M.Oliveira, *Os Biógrafos de Camilo*, pp. 28-9.

²³ “[S]e a questão do *Homem-mulher* não está assim resolvida, sou eu mais lorpa do que penso, ou a questão é mais infame que o acto que ella discute”. C. Castelo Branco, *A Espada de Alexandre*, p. 50.

Com efeito, Camilo parodia o livro de Alexandre Dumas, seguindo a sua estrutura e o seu padrão argumentativo mas com um sarcasmo do qual só a sua pena era capaz. No entanto, logo desde o início dá sinais de que irá satirizar não só Dumas Filho, mas ainda todas as vozes que na França se levantaram para o contestar. O autor redige a sua carta ao vizinho e poeta laureado *n'Águia D'Ouro*²⁴ após ouvir a discussão que ele e a sua esposa mantiveram numa cálida noite de verão acerca do livro de Alexandre Dumas Filho e da temática que nele se tratava. Bela metáfora para falar dos autores e autoras franceses que, entre Maio e Agosto desse ano, discutiram acalorada e publicamente acerca desse assunto.

Apesar de que a análise do discurso que permitiria classificar o texto como pertencente a um ou outro género excede os objectivos do presente trabalho, apresentarei algumas passagens que me sirvam para fundamentar ao menos parcialmente o afirmado há apenas umas linhas, não sem antes revisitar brevemente os conceitos de sátira e paródia, assim como a diferença existente entre eles.

Carlos Ceia afirma que “a paródia, enquanto termo literário, refere-se ao processo de imitação textual com intenção de produzir um efeito de cómico. A forma como se processa essa imitação, a motivação para o acto imitativo e as consequências esperadas para esse acto determinam a natureza literária da paródia”²⁵. O mesmo autor afirma ainda que é normal existirem confusões entre este conceito e o de outras formas literárias muito próximas. Entre elas, como era de supor, encontramos a sátira. Para apurar as diferenças e semelhanças entre estas duas manifestações literárias, pode-se dizer que tanto uma como outra referenciam um texto preexistente perante o qual adoptam uma atitude de protesto tomando distância ideológica e ridicularizando-o a través da ironia, mas a paródia ainda o desenvolve ao mesmo tempo que o deforma, imitando-o sem o transcrever, coisa que a sátira não faz. Ambas atacam o texto objecto, mas diferenciam-se no modo como isto é feito: enquanto a paródia o faz com alguma dissimulação, a sátira ataca abertamente, pois despreza e censura o objecto satirizado. Eventualmente, a paródia expropria o objecto do seu sentido original e cria as condições para que o próprio sentido parodístico seja auto-destruidor. É justamente este fenómeno que se dá n'*A Espada* (apesar de o verbete citado dar esta característica como típica da paródia posmodernista), o que deixa o leitor num estado de confusão após a sua leitura.

²⁴ Segundo Alexandre Cabral, a *Águia de Ouro* era “um dos locais predilectos de Camilo, para estar e conviver, no período da boémia portuense”. Este café, que terá sido testemunha de grande parte da vida intelectual e literária da época, foi mencionado pelo autor em várias das suas obras. (A. Cabral, s.v. “*Águia de Ouro*”, pp.18-9).

²⁵ C. Ceia, “Paródia”, *E-Dicionário*.

Mas, antes de prosseguir, vejamos os exemplos que permitem afirmar que *A Espada* possui características tanto de sátira como de paródia.

Para provar o carácter satírico da obra, bastem as presentes citações da 1ª edição:

- Jesus não fez o casamento: quiz fazer a nova Eva, com o pé sobre os colmilhos da serpe, e a fronte amparada no seio amantissimo do homem. Ah! Jesus disse: «Amai-vos!» Isto de: «maridai-vos» é preceito de concilios, e é palavra que não soa no lexicon hebreu nem chaldeu. (p. 11)
- A definição, dada recentemente pela minha collega Maria Deraismes, recende aromas de tão subtil feminilidade, que não ha ahi coisa mais balsamica de donzellice e pudicicia!

Ora, leia, poeta e senhor meu, e confesse que, ao par d'isto, os seus madrigaes são trovas de marujo que fadeja nas fontes cabalinas da Travessa dos Barbadinhos.

«O casamento – diz a dama, invectivando Alexandre Dumas – é a união de dois organismos, cada qual com seu officio a exercer, em consequencia de precisoens, appetites, e desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um pelo outro, sendo o objecto desta satisfação a perpetuidade da especie. Eis a essencia, o fim do casamento.»

Esta minha collega physiologica [...] Em materia de casamento não é christan, nem mahometana, nem pagan: é organista. (p. 13)

- Gosto d'esta senhora! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe: «Caza-te com esta D. Maria da Eva, se queres saber biologia.» (p. 14)
- Cá está outra: a snr.^a D. Hermance Lesguillon, versada em Aristoteles.

Esta dama abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, porque elle parece alvittrar que as meninas se abstenham de interpretar muito á lettra o preceito genesiaco. A douta matrona, auctora de quatorze livros, exclama:

«Qual é o fim da criação? É decisivamente convento para as mulheres e mosteiro para os homens? Isto, a fallar verdade, é ridículo! Onde quer o snr. que ellas vão? Aos vicios contra-natura, como Aristoteles os attribue ao *masculino* nas republicas gregas?»

Veja-me esta sábia, ó snr. Raimundo!. (pp. 14-5)

Já para demonstrar que se trata de uma paródia, as passagens escolhidas de cada obra estão organizadas num quadro que permite comparar o que aparece no livro de Dumas Filho com o texto que lhe corresponde n' *A Espada de Alexandre* (1ª ed.):

<i>O Homem-Mulher</i> <i>(Tradução de Santos Nazaré)</i>	<i>A Espada de Alexandre</i> <i>(Primeira edição)</i>
[H]a quatro ou cinco annos que trago na cabeça esta questão, que a estudo, que a interrogo. Ha de ser ella a base da minha proxima peça: <i>A mulher de Claudio</i> . Esta carta por conseguinte ha de parecer a primeira vista um chamariz para a peça que medito. (p. 6)	Os sentimentos bem ou mal expendidos n' esta carta, meu prezado visinho, são uma especie de prolegómenos com que tenciono predispor os animos para a representação de uma tragedia, em que trabalho ha muito, intitulada <i>O homem de Claudia</i> . Não se presume, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores para a minha tragedia no Theatro-Circo. (p.6)
Eu, meu caro senhor, se tivesse algum filho, havia de leval-o, no dia em que completasse vinte e um annos, havia de leval-o á minha montanha e dizer-lhe: «Conheces já das sciencias exactas e positivas o que muitos homens não sabem, cousas que eu nunca soube nem saberei, em consequencia de ter dispersado a mocidade ao acaso e passado os primeiros annos da idade madura a procural-a e a ajuntar os pedaços que ia achando [...]. (p.104)	Se eu tivesse um filho [...] iria com elle a um ponto culminante da cidade, á Torre dos Clerigos, por exemplo, na falta da montanha de Alexandre Dumas, e dir-lhe-hia o seguinte: «Meu filho, tens quarenta annos. Fizeste exame de instrucção primaria: – coisa que eu não era capaz de fazer. [...] Eu é que não sei nada d'isso; porque desbaratei a minha mocidade com o <i>Thesouro de meninos</i> , e depois com a tisoura das meninas, umas costureiras que me cortaram os voadouros, quando eu batia as azas para a região superior do <i>Manual encyclopedico</i> . Perdi-me. (p.43-4)
Tens vinte e um annos. A lei declara-te maior, e, por conseguinte, senhor das tuas acções [...] mas não te deixa casar antes dos vinte e cinco annos, o que prova que ella considera a direcção da mulher como sendo a cousa mais difficil para o homem. Tenho portanto quatro annos para te ensinar essa tal cousa difficil. (p.104-5)	Caza-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco annos – período não de sobra para bem digerires e ruminares certos preceitos. É bom ruminar desde já, para que depois não estranhes as operaçoens physiologicas de ruminante. (p.45)
[C]onservaste-te casto, e hoje achas-te na presença do amor e por consequencia do casamento cheio de crenças, robustez e virgindade. (p. 108)	Tenho a satisfação de saber que chegaste á florida idade dos quarenta, sem que uma só petala se haja fenecido na tua grinalda de virgem. (p. 45)
Casa-te portanto, seja em que classe for, toda a vez que a mulher que destinas para esposa for crente, pudica, laboriosa, saudavel e alegre, sem ironia. (p. 110)	Entretanto, procura esposa que não saiba lêr nem escrever, se tanto for possível; receio, porém, que a não topes n' este paiz onde a instrucção está por tanta maneira derramada. (p. 45)
[É] a macaca do paiz de Nod, é a femea de Caim; - mata-a. (p. 113)	[S]abes o que hasde fazer a essa macaca, meu filho? – Não lhe faças nada: deixa correr o marfim. (p. 50)
Junho 1872 – Seignelay. (Debaixo dos castanheiros.) (p. 114)	S. C. 10 de setembro, Anno da Graça 1872. Á sombra... dos 240 réis. (p. 50)

Tabela 1.

Assim, podemos concluir que este opúsculo de Camilo é uma sátira que apela à paródia para participar, de um modo realmente singular para a sua época, da polémica que o livro de Dumas Filho gerou. Com efeito, ao satirizar os textos dos autores que alçaram a voz contra *L'Homme-Femme* e ainda os preceitos de instituições bem reputadas na altura, como por exemplo a Igreja Católica, para parodiar as passagens argumentativas do texto de Alexandre Dumas, Camilo não só expropria o sentido do objecto da paródia como retira o sentido do próprio texto fazendo-o implodir. Destruídas tanto a obra de Dumas Filho como a de todos os que intervieram na controvérsia, incluída a própria, o autor almeja extinguir uma polémica que, com certeza, surgiu na altura da sua vida em que mais poderia incomodá-lo.

Os testemunhos

[E]l estudio de los manuscritos es el punto de partida por donde hay que releer una obra. A su luz, se aclara el papel del entorno psico-socio-cultural, y no al revés²⁶.

Raymonde Debray-Genette

1. O manuscrito autógrafo

Ao contrário de todos os outros manuscritos literários camilianos de que se tem conhecimento até hoje, o suporte em que foi redigido o d' *A espada* é um caderno. Um caderno, aliás, que tem o aspecto de ter sido de uso doméstico, de apontamentos ou rascunhos, até ter encontrado, por mero acaso, um destino diferente, que lhe permitiu chegar até aos dias de hoje.

1.1. Localização e história

Este manuscrito encontra-se no Centro de Estudos da Casa de Camilo, em São Miguel de Seide, com cota CC-FG D CAS/esp e registo 3190²⁷. Foi conseguido no ano de 1915 pela Comissão de Homenagem Póstuma aquando da aquisição do espólio aos netos do escritor e desde então forma parte do conjunto de autógrafos conservados na Casa Museu.

Segundo consta no relatório e prestação de contas da Comissão de Homenagem Póstuma ao escritor, reunida pela primeira vez em abril de 1915, foi comprado aos herdeiros de Camilo o que foi salvo do incêndio que reduziu a cinzas a sua casa²⁸. Assim, foram obtidos (entre outros bens) alguns dos seus manuscritos autógrafos. No primeiro catálogo que aparece no volume *Camillo Homenageado*, sob o título geral de “Autographos de Camillo e de D. Anna Placido, sob a rubrica «Via Dolorosa», e títulos academicos honorificos do grande escriptor” pode ler-se que, entre esses autógrafos, encontravam-se “Cadernetas com desenhos e caricaturas dos filhos de Camillo; apontamentos d’este sobre varios assumptos; algumas folhas do original *A Espada de Alexandre*; referencias aos Brocas, a Leonor Telles, a João das

²⁶ R. Debray-Genette, “Esbozo de método”, p. 89.

²⁷ À Casa de Camilo, proprietária do manuscrito autógrafo d’*A Espada de Alexandre*, é devido um agradecimento na pessoa do Dr. José Manuel de Oliveira, seu Director, pelo facto de me ter, sem restrições, facultado o acesso directo ao manuscrito, o que me permitiu fazer a descrição material, e por me ter fornecido as imagens com que trabalhei e que reproduzo parcialmente nas páginas seguintes.

²⁸ J.A.Menezes, D.A.Santos, F.M.O.Silva, *Camillo Homenageado*, pp. VII-X.

Regras, aos Castros e a Camões [...]”²⁹. Perante esta descrição, não há dúvida nenhuma de que o manuscrito ainda conservado na Casa Museu é, de facto, aquele que foi adquirido naquela altura pela Comissão. Porém, e como procurarei provar mais adiante, o que estava naquilo que ficou inventariado como caderneta não eram apenas “algumas folhas” d’A *Espada*.

1.2. Suporte

A *Espada* foi escrita num caderno de 190 x 150 mm, do qual restam apenas 30 folhas. Encadernado em pastas de cartão, as suas capas estão forradas a papel azul marmoreado e a lombada reforçada com uma fita de tecido preto. O exterior apresenta sinais evidentes de desgaste próprio do uso.

Além do descrito, as capas não apresentam nenhum outro tipo de marca, identificação, etiqueta colada nem nada que o distinga ou permita pensar que é mais do que um caderno vulgar. No entanto, para evitar ambiguidades na descrição e a partir de agora, designarei livro este objecto a que normalmente chamaríamos caderno, para não confundi-lo com os cadernos na acepção codicológica do termo. Por outras palavras, utilizarei a palavra caderno para designar o conjunto de folhas encasadas e livro para o objecto que resulta da reunião solidária, através de um processo de encadernação, de vários desses conjuntos, apesar de as suas folhas terem estado originalmente em branco.

Interiormente, o livro era originalmente constituído no mínimo por 6 cadernos cuja estrutura apresento em seguida, num esquema onde as folhas perdidas foram representadas a tracejado e as que efectivamente lá estão com traço contínuo (a paginação será descrita mais adiante):

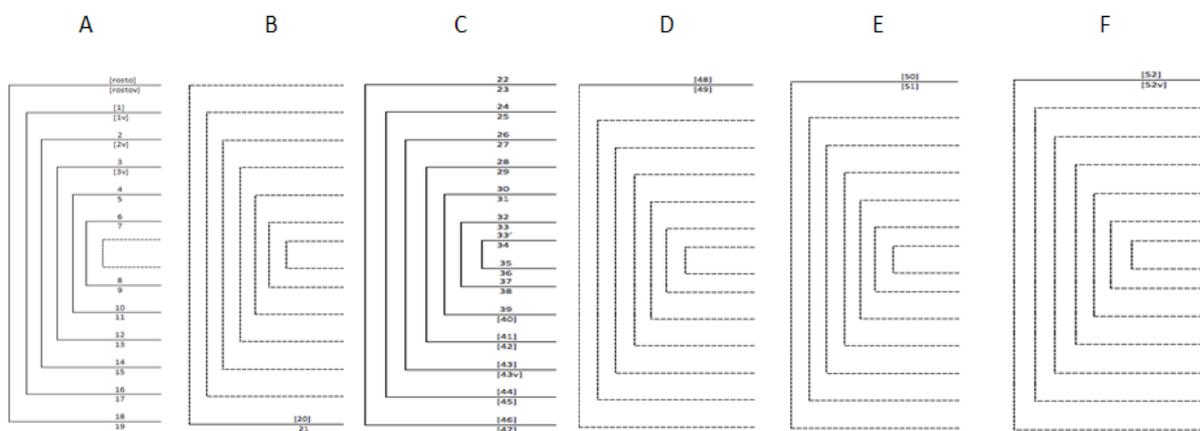


Figura 1. Estrutura Codicológica

²⁹ J.A.Menezes, D.A.Santos, F.M.O.Silva, *Camillo Homenageado*, p. 2.

- A cosedura visível
- B resta só uma folha, sem restos de cosedura, colada ao caderno C
- C cosedura visível
- D resta só uma folha, sem restos de cosedura, colada ao caderno C
- E só uma folha, com restos de cosedura e de outras folhas que foram arrancadas
- F só uma folha, sem nada escrito e sem restos de cosedura ou de outras folhas

Estes cadernos não formam atualmente um conjunto solidário com a encadernação, parecendo no entanto que tal acontece por degradação e não por nunca terem estado unidos.

Os planos interiores da encadernação estão protegidos com guardas do mesmo papel do miolo, coladas. A lombada foi reforçada com uma tira de papel colado que se sobrepõe marginalmente a estas guardas (v. Imagem 13). Este reforço, apesar de não ser recente, não é tão pouco contemporâneo da produção do caderno: antes parece ser uma tentativa posterior de reparação de estragos cuja data de realização se desconhece. Pelo tipo de material utilizado para fazer o conserto, com certeza este não é coetâneo do livro, pois a fita utilizada parece ser fita de mascarar³⁰, uma fita autocolante (por sinal, a primeira fita autocolante) que foi inventada em 1925 por um funcionário da 3M³¹, o que descarta portanto a hipótese de o arranjo ter sido feito pela família de Camilo, pois nesse ano o manuscrito já pertencia à Casa Museu. No entanto, segundo a informação obtida na Casa, a reparação também não foi feita pelos conservadores actuais. Assim, é possível atribuir este restauro a antigos funcionários do Museu, apesar de não ter ficado registo disso.

As folhas, com 185x150 mm, são de papel de gramagem fina, não pautadas e sem marcas de água. As que ainda se conservam dentro do livro foram maioritariamente usadas para a escrita d'*A Espada de Alexandre* (com as excepções que adiante se descrevem). No entanto, com base no número de folhas que ainda possui o caderno mais conservado e partindo do pressuposto de que o livro tinha inicialmente apenas estes seis cadernos, todos com o mesmo número de folhas (o que é bastante provável), pode deduzir-se que o livro continha originalmente um mínimo de 84 folhas. O facto de faltarem mais de metade das folhas

³⁰ Fita de mascarar é um dos nomes técnicos das também conhecidas como fitas de pintura, de mascaramento ou crepe, utilizadas pelos pintores para proteger das tintas as zonas que não se querem pintar.

³¹ Segundo a história fornecida pela própria empresa, o inventor, Richard G. Drew, foi também responsável pela invenção, posterior, da fita-cola (3M. Company Information. History: http://solutions.3m.com/wps/portal/3M/en_US/3M-Company/Information/Resources/History/ (acesso em 10-08-2015).

origianis não só explica o porque da separação dos cadernos da capa, como ainda pode estar na origem de que tenha sido afirmado, em pelo menos duas oportunidades e por reconhecidos camilianos, que o manuscrito d'*A espada* estava incompleto.

1.2.1. Estado de conservação do suporte

Apesar de se poder considerar bem conservado, o manuscrito apresenta sinais de degradação, alguns próprios da passagem do tempo (basicamente os assinalados na descrição anterior) e outros que têm a ver com acidentes que podem ser contemporâneos ou pouco posteriores (e até anteriores) à escrita.

Assim, logo no início encontramos, na página [1], uma mancha que se estende à frente até à página 10 (onde é apenas perceptível) e ainda, para trás, alastrou-se até à folha de rosto, o que sugere que o caderno foi fechado antes de a mancha secar (v. Imagem 1). Deduzo que seja gordura pelo modo como se vai difundindo ao longo das páginas, e ainda pelo seu efeito na tinta: dissolve aquilo que já estava escrito e, ainda, impede que a tinta penetre na folha. Este último efeito também poderia dar-se com um pingo de cera, mas nesse caso limitar-se-ia a uma única folha e os contornos seriam regulares.

Apesar de ter afectado várias páginas, o papel não ficou transparente, o que significa que o contacto com a gordura, se foi caso disso, não foi intenso. Porém, a tinta ficou dissolvida nas zonas mais danificadas, o que afecta por vezes a legibilidade do texto:

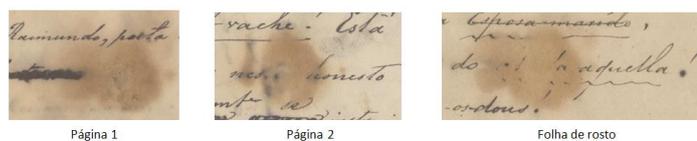


Imagem 1.

No verso da página 2 encontramos uma mancha de origem desconhecida que parece resultar da descolagem de algum material sólido de sobre um pingo de tinta, deixando restos que se imprimiram na página 3 por efeito de espelho:



Imagem 2.

A partir da página 5 começam a aparecer, com alguma regularidade, manchas que, pelo seu contorno e/ou a sua cor, parecem ser de líquido e tinta. Estas aparecem até à página 10, e o fenómeno repete-se entre as páginas 18 a 20, 24 a 26 e 50. A grande maioria delas, no entanto, não afecta a leitura. As mais destacáveis destas manchas são:

- Página 5 (alastra à p. 4):



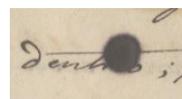
Imagem 3.

- Página 8 (alastra até às pp. 4 e 13):



Imagem 4.

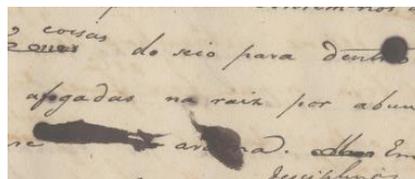
- Página 18 (alastra até as pp. 14 e 22):



Página 18: dentro

Imagem 5.

Esta última mancha, que condiciona a leitura, é-lhe posterior. Quanto às outras duas manchas importantes que se encontram abaixo dela mas muito próximas, a primeira é anterior à escrita (a escrita contorna a mancha) mas a segunda é posterior (apesar de se conseguir ler, metade da palavra ficou por baixo da mancha):



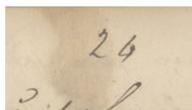
Página 18: aroma

Imagem 6.

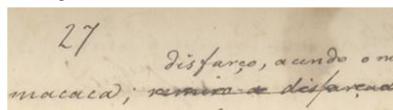
- Página 25: Mancha de tinta que fez espelho na página 26 (onde condicionou a localização destes números, ver secção 1.3.2.) e ainda alastrou às páginas 24 e 27.



Páginas 25 e 26



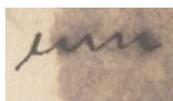
Página 24



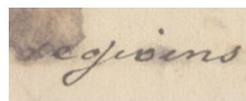
Página 27

Imagem 7.

Pela diluição da tinta, a mancha parece ser posterior à escrita. A origem desta mancha parece estar numa que se encontra na folha de guarda colada ao segundo plano de encadernação (cf. 1.3.1).



Página 25: um

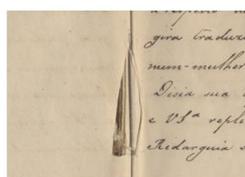


Página 26: regioens

Imagem 8.

Encontramos ainda quatro rupturas importantes do suporte:

- Duas delas parecem ter origem na separação das folhas que contêm *A espada...* das restantes folhas do livro:



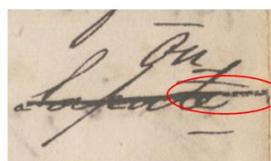
Verso da folha de rosto e P. [1]



P. 49

Imagem 9.

- Um outro rasgão, na página 41, poderá dever-se à força com que foi feito o traço horizontal do cancelamento:



Página 41: <sapate-> ou-

Imagem 10.

- Por último, na página 24, há um pequeno buraco causado por lume, provavelmente por uma fagulha:



Imagem 11.

Contudo, não há em todo o manuscrito acidentes no suporte que condicionem a sua leitura ao ponto de não se perceber o que está escrito.

1.3. Escrita

O livro que contém o texto de *A Espada* possui duas zonas de escrita com características bem diferenciadas e que, portanto, merecem ser analisadas em pormenor e separadamente.

1.3.1. A escrita nas guardas dos planos da encadernação

As guardas coladas no interior de ambos os planos da encadernação foram usadas como suporte de escrita para recolha de apontamentos sem relação com *A Espada de Alexandre*.

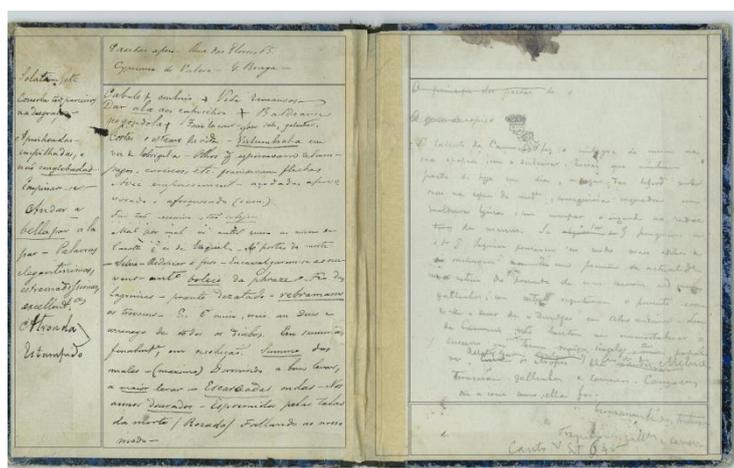
A guarda do primeiro plano de encadernação foi aproveitada de forma tal que se podem apreciar três caixas de texto: uma caixa de texto principal, a que terá sido planificada inicialmente pelo escritor, de 157 x 99 mm e duas secundárias, que surgem do reaproveitamento das margens, uma na margem de cabeça, de 16 x 99 mm, e outra na margem de goteira, de 173 x 33 mm. A primeira era originalmente de 25 mm e a segunda de 40 mm (medidas antes de serem ocupadas com texto). Os apontamentos inscritos nesta folha foram feitos a tinta.

A guarda colada no interior do segundo plano da encadernação foi usada também como suporte de escrita de apontamentos, mas desta vez feitos a lápis e apresentando uma orientação mais irregular. Entre as notas, há ainda um desenho também feito a lápis. A caixa de texto ocupa um espaço de 140 x 125 mm. As margens são de 25 mm a de cabeça, 29 mm a de pé (posteriormente também ocupada com texto), 15 mm a de dorso e 10 mm a de goteira. O desenho, de 20 x 20 mm, encontra-se entre a quarta e a quinta linha. Esta folha de guarda tem, na sua parte superior, uma mancha de tinta semelhante à das páginas 25 e 26, que, pela posição e intensidade aqui apresentada, parece estar na sua origem:



Página 26

Imagem 12.



Folhas de Guarda (a marcação das margens é minha).

Imagem 13.

O texto da folha de guarda do plano anterior da encadernação revela ser uma série de notas de leitura ou apontamentos que Camilo pensava, talvez, aproveitar na escrita de futuros textos. Nenhuma das palavras semanticamente mais relevantes ocorre no texto d'*A Espada*, nem tão pouco nela é citado o autor registado à cabeça da página, Cipriano de Valera³² (nem estas notas se lhe referem ou são citações das suas obras). Não há, portanto, razões para crer que esta página pertença à génese d'*A Espada*. No entanto, merece a pena assinalar que, na página [1v], aparece um desenho que pode ser interpretado como uma caricatura de Valera, feita presumivelmente pela mão de Camilo:

³² “Vamos a dar breves noticias bibliográficas de uno de los mas célebres protestantes españoles del siglo XVI, del calvinista Cipriano de Valera, comúnmente llamado El hereje español, que, habiendo tenido la desgracia de abandonar la religión de sus mayores, trabajó con increíble tenacidad para introducir en su patria las doctrinas reformistas, siendo incansable en componer y dar a la estampa libros en que tales doctrinas se enseñaban. Cipriano de Valera, sin tener conocimiento profundo de los idiomas orientales, como Casiodoro de Reina, ni ser grande helenista, como Francisco de Encinas, ni parecerse en nada al ilustre Juan de Valdés, uno de los primeros escritores del siglo XVI; siendo, en suma, un hereje vulgar, hubiera hecho más daño que todos ellos, a no ser tan adverso al protestantismo el espíritu de nuestra patria”. Assim introduz Menéndez y Pelayo a figura de Cipriano de Valera. Segundo o autor, o teólogo nasceu em Sevilha em 1532 e o seu rasto histórico perde-se em Londres em 1602. Foi tradutor, editor e autor de várias obras, todas elas de temática religiosa e ligadas à reforma. (M. Menéndez y Pelayo, “Biblioteca de traductores españoles” pp. 323-9).



Imagem 14.

O texto da folha de guarda do plano posterior da encadernação contém uma extensa nota que louva Camões, o qual, sim, aparece citado n' *A Espada* (duas vezes) e ainda uma citação no que parece ter sido inicialmente a margem de pé. Porém, a citação utilizada no texto da polémica não corresponde à destes apontamentos, não sendo possível portanto afirmar que exista relação entre eles e o texto conservado no miolo. Nesta guarda aparece também mais uma caricatura, desta vez de Camões:



Imagem 15.

A transcrição de ambas as folhas de guarda pode ler-se no Anexo A, na página 153.

1.3.2. A escrita nas folhas

O manuscrito apresenta paginação autógrafa irregular, registada no esquema de representação dos cadernos com os números simples. Os números entre colchetes foram atribuídos por mim a páginas não numeradas. Devido à falta de numeração tanto em páginas intercaladas entre as que possuíam numeração autógrafa como nas finais, nas que o autor deixou simplesmente de numerar, e sendo ainda que algumas continham texto da obra que tinha contiguidade com o texto das páginas antecedentes/precedentes enquanto outras

³³ Não pude apurar a fonte desta imagem, reproduzida em páginas institucionais do protestantismo (por exemplo http://protestantedigital.com/magacin/10472/El_espanol_Cipriano_de_Valera_reformador_y_traductor_de_Calvi no, visitada em 01-07-2015). Nenhuma delas cita a fonte mas a difusão e quase omnipresença da imagem permite supor que será tradicionalmente conhecida e imediatamente identificada como rosto de Valera.

³⁴ Luís de Camões, retrato por François Gérard (1770-1837), datável de c. 1790/1810, gravura por B. Roger, colecção particular. Reproduzido em Bridgeman Art (<http://www.bridgemanimages.com>), imagem XJF105876 (05-07-2015).

continham rascunhos e apontamentos, ou estavam simplesmente em branco, decidi atribuir a numeração em falta segundo os seguintes critérios:

- às páginas em branco ou sem texto que pertença à obra, que coincidiam com o verso de uma folha que continha texto (salvo a folha final, que serve de guarda) dei o mesmo número do que à página que a antecede seguida de um v, para indicar que se trata do verso da folha, excepção feita da folha de rosto, que leva esse nome. Apesar de a palavra *verso* não se aplicar a páginas, e assumindo o risco de perder rigor na nomenclatura, pareceu-me a indicação que melhor evidenciaria o local ocupado por este tipo de páginas no manuscrito.
- à única página dedicada integralmente a um esboço, e por este motivo saltada pelo autor ao numerar, dei o número da anterior acrescido de uma linha ([33']) por se encontrar no recto da correspondente folha.

Esta escolha permite que tanto o manuscrito como a minha edição possuam a mesma numeração sem que ocorram saltos ao eliminar da edição as páginas sem conteúdo genético directamente nela representado. Assim, de cada vez que no presente trabalho se indicar uma página, o leitor poderá conferir, com a mesma indicação, tanto o que se encontra no autógrafo como no texto editado, excepção feita das páginas indicadas como v: [1v], [2v], [3v], [43v] e as [52] e [52v] (em branco).

Há indícios materiais que sugerem que a numeração, nas páginas que a contêm, foi realizada logo após finalizada cada sessão de escrita. Apontam neste sentido não só as características do traço de cada grupo de números mas também outros fenómenos, como por exemplo o efeito de espelho ou o facto de, na página, os números localizarem-se sempre no cabeçalho, mas alternando a sua posição ora por necessidade (devido ao espaço ocupado pelo texto, que já lá estava aquando da numeração), ora sem motivo aparente. Veja-se por exemplo a numeração das páginas 24 a 31 (correspondentes à quinta campanha de escrita, v. Imagem 16): toda esta sequência de números está mais ou menos descentrada à esquerda e, seguindo esse desvio do eixo central, o 26 deveria ter sido escrito pouco mais ou menos onde está a mancha de que se falou em 1.2.1 (que de facto se vê por trás do 2 do número 24) e não muito mais à direita. Camilo tinha espaço entre a mancha e a emenda para escrever o 26 centrado, mas escolheu escrevê-lo à esquerda, que é para onde preferencialmente descentra a numeração não só nesta campanha em particular mas ainda no manuscrito em geral (20 dos 37 números de página estão descentrados à esquerda e apenas 8 à direita).



Páginas 23 a 32

Imagem 16.

No entanto, a numeração das páginas 7 a 14 (correspondentes à terceira campanha de redacção), encontra-se tendencialmente descentrada à direita:



Páginas 7 a 14

Imagem 17.

Os números das páginas 31 a 39, que correspondem à sexta sessão de escrita (e aos últimos números escritos pelo autor) estão situados numa posição mais central do cabeçalho (excepto o 36 e o 39). Cabe assinalar que os primeiros dois números desta sequência foram escritos no final da campanha anterior (cf. secção 1.3.2.5.1), e portanto apenas reproduzirei as imagens correspondente aos restantes cabeçalhos:



Páginas 33 a 39

Imagem 18.

1.3.2.1. O instrumento de escrita e as tintas

Quanto à tinta e instrumento de escrita nas folhas do livro, não existem variações significativas com as utilizadas pelo autor nos outros manuscritos autógrafos camilianos estudados. Trata-se portanto das habituais canetas económicas³⁵ e tinta ferrogálica típicas da época.

1.3.2.2 A diagramação das páginas

Como habitualmente, Camilo escreve ocupando o espaço da página sem deixar margens laterais mas deixando margens de cabeça e de pé, com, aproximadamente, 15 e 17 mm, as quais pode utilizar posteriormente se necessita de emendar o texto. Cada página tem 20 linhas de texto, excepto as seguintes: página 7, com 17 linhas, as 34, 35, 40 e a 48, com 19 linhas e as 38, 39 e 44 com 21 linhas.

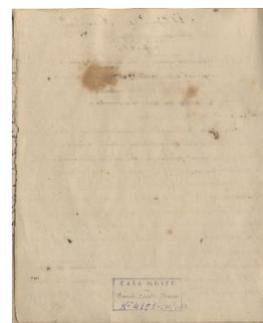
Número de linhas	Página(s)
17	7
19	34, 35, 40, 48
21	38, 39, 44

Tabela 1.

1.3.2.3. As páginas... em branco?

O texto d'A *Espada* ocupa por inteiro o espaço das páginas do livro, com a excepção das seguintes: [rosto v], [1v], [2v], [3v], [33^v], [43], [43v], [52] e [52v].

O verso do rosto foi deixado em branco para que o texto começasse em página ímpar, como convencionava o código bibliográfico. Actualmente possui um carimbo com o número de registo da Casa Museu.



[rosto v]

Imagem 19.

³⁵ O próprio Camilo dá conta da simplicidade dos instrumentos de escrita por ele utilizados ao afirmar, por exemplo, “A minha arma é esta caneta de 10 Réis” (Camilo Castelo Branco, “A polémica «da Sebenta»” in A.Cabral, *Polémicas de Camilo*, v. VIII, p. 46).



Página [52]

Imagem 20.

A última folha (que corresponde às páginas [52] e [52v]) ficou completamente em branco. Apesar de estar solta, as suas características permitem supor que de facto pertenceu ao mesmo objecto codicológico que as outras folhas. Esta folha foi deixada em branco porque, tendo o texto terminado, Camilo decidiu não a eliminar para que ela servisse de folha de guarda, como é de regra em todos os livros.

As pp. [1v], [2v] e [3v] colocam questões mais interessantes, não só porque apresentam traços de mão alógrafa como porque surgem como interrupção topográfica do *continuum* da escrita. São páginas deixadas “em branco”, nem sempre no sentido de se encontrarem virgens de escrita mas no de não terem sido utilizadas por Camilo para a escrita em curso do texto.



Página [1v]

Imagem 21.

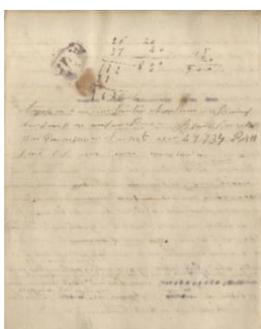
A p.[1v] foi usada pelo autor para fazer uma adição mediata, o que significa que começou por ser rejeitada durante a primeira redacção e usada só mais tarde, como recurso, durante a leitura e revisão do texto. A razão por que Camilo saltou esta página está evidentemente no facto de ela ter sido previamente ocupada com os desenhos a lápis que se vêem a meio.



Pormenor p. [1v]

Imagem 22.

O traço rudimentar de alguns destes desenhos poderá explicar-se por mão infantil, embora não exclua necessariamente mão adulta mas inepta para o desenho.



Página [2v]

Imagem 23.

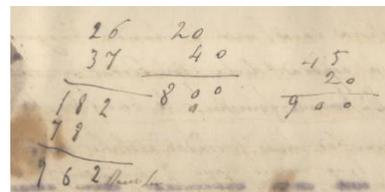
É a observação das pp. [2v] e [3v] que pode levar à classificação de pelo menos alguns destes desenhos como infantis. De facto, nestas duas páginas vêem-se rabiscos que pretendem imitar escrita, quer pela sua topografia, quer pela cursividade do traço. É o tipo de traços que faz uma criança que ainda não aprendeu a escrever mas que deseja imitar o acto de escrita que vê praticar aos adultos.

Na página 2[v] podemos observar, para além destes rabiscos, umas contas de multiplicar feitas pela mão de Camilo mas sem relação evidente com o conteúdo do texto. Porém, existe uma passagem parcialmente cancelada do texto, na página 25, em que

Camilo se refere à produção de um outro autor, e que pode ajudar a dar uma possível explicação a estes cálculos e à sua presença neste manuscrito. Esta passagem diz:

Elle ã entrou com <73>/37\25 paginas, <a trinta linhas por pagina, e quarenta letras por linha,>

Este passo mostra que o escritor, como outros autores que publicavam e tinham de calcular ou medir o resultado material da sua produção, estava habituado a calculá-lo por estimativa de números de páginas, linhas e letras.



Por menor p. [2v]
Imagem 24.

Como referido na secção anterior, cada página do manuscrito que está a ser analisado contém sensivelmente 20 linhas e ainda a numeração da mão do autor pára na página 39. Pode observar-se também que uma das contas que aparece na página [2v] é 20 x 40, que corresponderá então ao cálculo que permitira ao escritor estimar o número de linhas que já tinha redigido.

Além disto, cada linha do manuscrito contém, aproximadamente, 45 letras. O cálculo a seguir ao acima mencionado é 45 x 20, que será então o cálculo de letras por página. Repare-se no facto de que estes cálculos são os mesmos de que se fala na passagem supracitada, mas com os dados d'A *Espada*: Camilo tinha escrito até então quase 40 páginas, a 20 linhas por página e 45 letras por linha. Com efeito, Camilo terá feito estas duas contas pouco antes de começar a página 40, no início de uma nova sessão de escrita. Há, como se verá na próxima secção, uma campanha de escrita que acaba a meio da página 39, o que explicaria ainda que as páginas anteriores estivessem numeradas mas que não exista numeração posterior: os indícios materiais que se apresentarão na secção **1.3.2.5.1.** permitem inferir que o escritor numerava as páginas aquando da finalização de uma campanha de escrita ou logo no início da seguinte. Assim, o escritor estaria pronto para recomeçar o trabalho mas, antes de o fazer, voltou atrás à procura de um espaço em branco para fazer as contas que o informassem sobre o número de linhas e palavras que estaria prestes a atingir. Como tinha ali aquela página saltada porque estava cheia de rabiscos, usou-a. Feito o cálculo, prosseguiu o trabalho sem se preocupar já em numerar as folhas, pois o que lhe interessava estava já calculado.

No entanto, resta ainda um cálculo: $26 \times 37 = 962$. Apesar de estes números não aparecerem tal e qual quer no manuscrito, quer na primeira edição, constata-se de facto que o texto ocupa, no autógrafo, um total de 51 páginas, das quais uma corresponde à folha de rosto. Ficam, portanto, 50 páginas com aproximadamente 20 linhas cada uma delas, salvo a primeira

e a última, que contém menos linhas. Assim, restam 48 páginas com umas 960 linhas ao todo. Sendo 26 um número possível de linhas nos folhetins publicados na época³⁶, e dado o resultado da conta ser quase o mesmo que o número de linhas do texto, esta conta poderá ter a ver com uma estimativa do número de páginas que teria a primeira edição. O escritor, acabada a obra, volta ao sítio onde tinha feito as duas primeiras contas e efectua este terceiro cálculo. Note-se que, apesar de não haver razão material para tal, a inclinação com que são escritos os algarismos é completamente diferente da das outras duas, o que é um indício de um momento de escrita diferente.

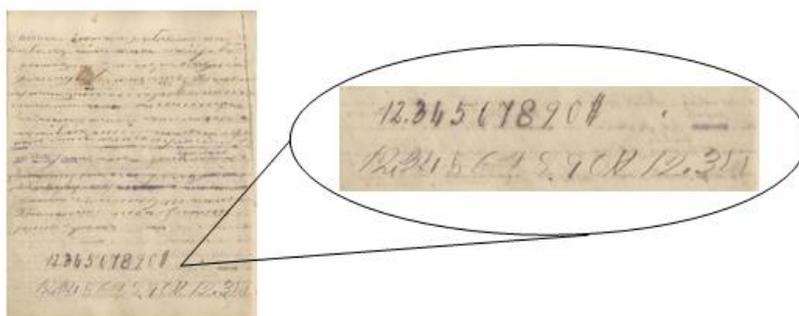
O interesse que tinha Camilo em conhecer estes dados poderia ter tido a ver com os custos da impressão, se se tratasse de uma verdadeira edição de autor por ele suportada. No entanto, e apesar de não ser evidente pela informação que se pode obter da brochura, o autor está de facto a escrever para um editor, com o qual teria de cumprir um determinado contrato, que implicaria número de páginas contra um certo pagamento. O objectivo terá sido, portanto, saber quão longe se encontrava ainda do produto contratado e até publicamente comunicado (ver secção 2.1.). A primeira edição teve, finalmente, 50 páginas (o mínimo anunciado). As páginas continham 25 linhas cada uma. Se descontarmos a primeira e a última página, como fizemos no caso do manuscrito e pelos mesmos motivos, ficam 43 páginas completamente impressas (o texto começa apenas na página 6), o que perfaz um total de 1075 (43 x 25) linhas.

Assim, muito embora não seja possível provar positivamente o significado das contas, creio que a explicação proposta constitui uma conjectura plausível.

Já no final da página [3v] encontramos duas série de algarismos:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 \$

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 \$ 1 2 3 4



Página [3v] e pormenor.

Imagem 25.

³⁶ Como parte do trabalho de pesquisa para redigir a presente tese consultei vários folhetins da época: *O Homem-Mulher*, *Mulher-Homem*, *O marido que mata e o marido que perdoa*, *Problemas e Soluções*, *Carta de E. Girardin a Dumas, filho* e ainda, obviamente, *A Espada de Alexandre*. Verifiquei então o número de linhas em cada um deles, o qual oscilou entre 19 e 31.

A primeira, feita com aplicação intensa do instrumento de escrita e com traço cuidado, aparenta ser um “exercício” passado a um aprendiz que, em baixo, o executa repetindo a série e recomeçando, a seguir ao cifrão, até onde o espaço permitiu. O traço inábil deste símbolo e de alguns algarismos da segunda série parece indicar que o aprendiz poderia ser uma criança. À mesma mão provavelmente pertence o 2 da numeração desta página que, na verdade, é o verso da página numerada como 3 por Camilo:



Imagem 26.

Observa-se nitidamente que a tendência para rematar o algarismo com uma curva fechada não se encontra nem no da primeira série nem nos algarismos da paginação autógrafa:

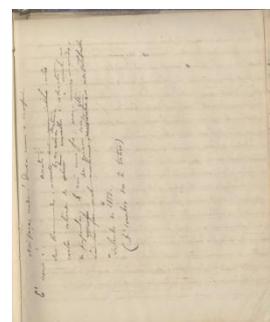


Imagem 27.

Não é evidente, porém, que a primeira série de algarismos seja da mão de Camilo, embora não seja de excluir a hipótese, explicando-se as diferenças entre o 2 da primeira série e os outros pelo *cursus* mais rígido que pode esperar-se do desenho de um modelo para ser copiado.

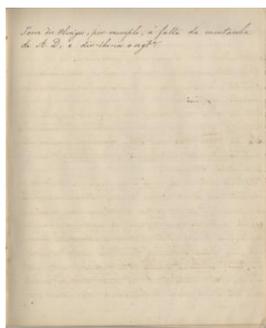
Assim, será convincente argumentar que as páginas [1v], [2v] e [3v] foram saltadas porque estavam ocupadas com desenhos, “rabiscos” e exercícios de escrita de crianças.

Já a página [33’] apresenta singularidades que serão tratadas no capítulo dedicado à gênese do texto. No entanto, e para explicar a “página em branco” que não é realmente tal, direi por enquanto que nesta página o autor escreveu, a modo de lembrete, um antecipação do que viria ser o final da obra. Como o texto foi escrito na vertical (isto é, as linhas de escrita são perpendiculares às habituais) a página ficou inutilizada para continuar com a escrita abandonada imediatamente antes e portanto foi preciso virá-la para poder continuar.

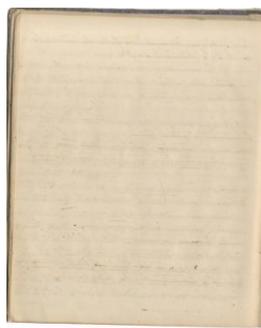


Página [33’]
Imagem 28.

Resta compreender finalmente porque é que o texto salta quase toda a página [43] e toda a página [43v]. Estas páginas em branco são, de facto, as mais difíceis de explicar. No entanto, este comportamento poderá encontrar explicação em aspectos da génese do texto que analisarei no capítulo seguinte. No imediato, direi apenas que este salto pode estar também relacionado com uma antecipação de texto.



Página [43]



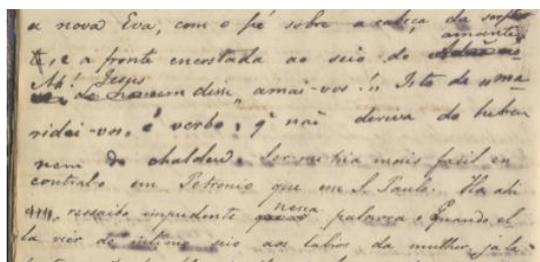
Página [43v]

Imagem 29.

1.3.2.4. As sessões de escrita

Do ponto de vista estritamente material, e com base nos indícios que o manuscrito oferece, podemos distinguir pelo menos oito campanhas de escrita.

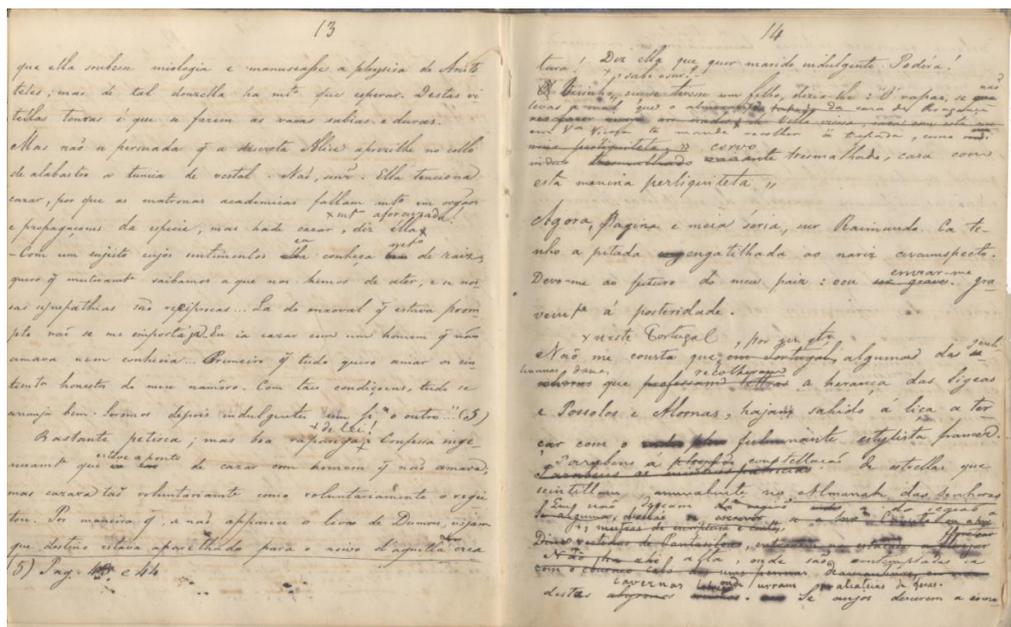
O primeiro indício encontra-se na página 7. A meio da 12ª linha observa-se uma brusca mudança não só na grossura do traço, senão também na orientação das linhas. Assim, o texto passa de ser escrito com um traço engrossado e uma orientação ligeiramente ascendente para um traço mais fino e regular (que poderia dever-se a uma mudança de caneta) e ainda de novo perfeitamente horizontal:



Página 7

Imagem 30.

A segunda campanha, que começara na página 7, parece acabar pouco depois de começada a página 14. Apesar de ser um ponto bastante confuso do manuscrito, pois a página 14 está muito emendada (sobretudo no início da nova campanha), pode observar-se uma clara diferença nos traços das palavras da página 13 e nos da página 14:



Páginas 13 e 14
Imagem 31.

Dificulta ainda mais detectar esta mudança o facto de a nova campanha ter começado logo por uma emenda feita sobre o que se escreveu no final da campanha anterior, o que mistura os traços de ambas as campanhas. No entanto, distinguem-se dois tipos de letra. Um deles pertence à segunda campanha de escrita, e a ele corresponde o seguinte texto:

tura! [Diz ella que quer marido indulgente. Podéra!

<Ó> <v>/V\isinho, [↑, sabe o snr?-) eu se tivesse um filho, dizia-lhe: “Ó rapaz, se queres fazer inveja aos viados [↑da tapada] de Villa viçosa, caza com esta menina perliquiteta.»

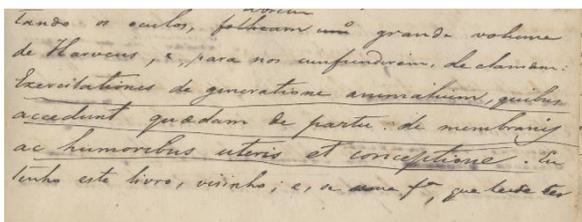
Porém, logo no início da terceira campanha, Camilo corrige o que escrevera, e o passo fica assim:

tura! [Diz ella que quer marido indulgente. Podéra!

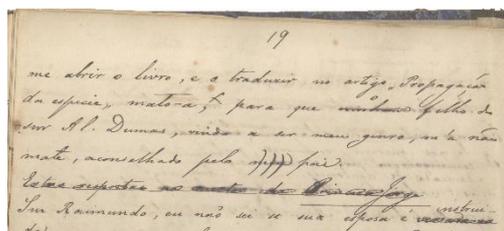
<Ó> <v>/V\isinho, [↑, sabe o snr?-) eu se tivesse um filho, dizia-lhe: “Ó rapaz, se <queres fazer inveja aos viados [↑da tapada] de Villa viçosa, caza com esta menina perliquiteta.»> [↑não levas a mal que o almoxarife da caza de Braganza em V^a Viçosa te mande recolher á tapada, como <individuo tresmalhado> <ruminante>[↑cervo] tresmalhado, caza com esta menina perliquiteta »]

Mas, apesar das dificuldades, e se olharmos sobretudo para a página 13 e o tura! da página 14, podemos observar que, de facto, a escrita da página 14 é mais descurada, o traço é mais grosso e o corpo da letra é maior, mesmo nos locais onde não há emendas, características que se mantêm até quase acabar a página 18, página em que estas características se acentuam ainda mais.

Efectivamente, já a meados da página 18 o corpo da letra começa a aumentar, e a escrita começa a ficar ainda mais descurada, tornando-se isto particularmente notável no final da página, no título do livro citado, onde o sublinhado ameaça sobrepor-se ao texto. No entanto, isto reverte bastante na última linha desta página e volta à letra habitual no início da 19, o que resulta provavelmente de interrupção da escrita imediatamente depois do título sublinhado.



Página 18

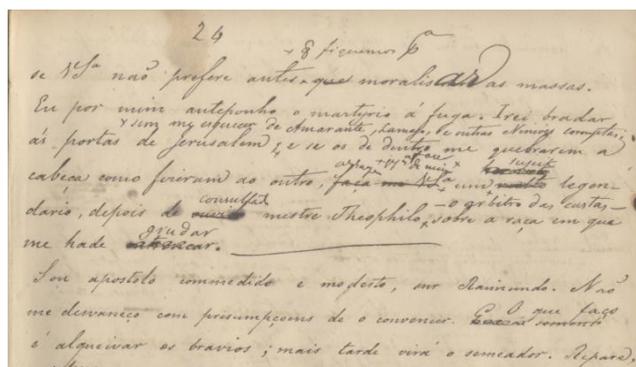


Página 19

Imagem 32.

Podemos identificar portanto aqui o local onde acaba a terceira e começa a quarta sessão de escrita, da qual surgiram as seguintes seis páginas.

Será o efeito de espelho que ajudará a confirmar, em breve, a hipótese de que, na página 24, começa uma nova campanha de escrita. No entanto, pode-se observar já na Imagem 33 que o corpo da letra das primeiras seis linhas é ligeiramente maior do que a das seguintes, a caligrafia é mais descuidada do que a que vem a continuação e há ainda uma espécie de traço semi-inclinado que parece indicar o final de uma fase.



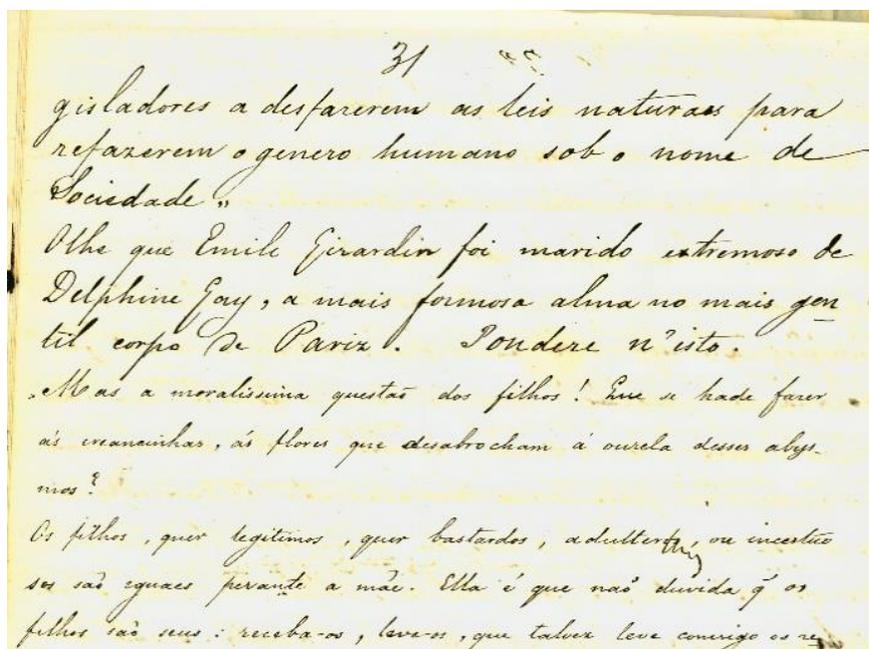
Página 24

Imagem 33.

Apesar da má qualidade da digitalização³⁷, na Imagem 34 pode-se apreciar o local onde acaba a sessão de escrita. Por se tratar de uma página quase sem emendas, é mais fácil

³⁷ Na altura da digitalização do manuscrito, por engano, faltou digitalizar as páginas 31 e 32. Muito provavelmente, e pelas características materiais do suporte, as folhas que contêm as páginas 30 a 33 ficaram “coladas” ao virar a página 30 sem que a pessoa que estava a realizar o trabalho se apercebesse disso. Quando solicitei que me enviassem as páginas em falta, o pedido foi celeremente respondido mas a digitalização sofreu o

distinguir onde acaba a quinta campanha e começa a sexta: as seis primeiras linhas apresentam uma letra de corpo visivelmente maior do que a das seguintes, e ainda uma letra menos aprimorada.



Página 31

Imagem 34.

A sétima sessão de escrita será a mais breve, começando na página 39 (v. Imagem 34) e prolongando-se apenas até à página 42. Será, mais uma vez, uma argumentação baseada nas deduções que se depreendam da análise do efeito de espelho a que prove mais convincentemente o facto de que há aqui uma mudança de campanha (cf. na seguinte secção). No entanto, e apesar de o tamanho do corpo da letra ser bastante regular, nota-se que a letra é bastante mais descuidada nas sete primeiras linhas da página, voltando ao traço esmerado e regular na oitava linha. Com efeito, as letras nas primeiras linhas são menos arredondadas (nota-se muito bem nos *m*) e mais largas (nota-se bem no *q*). Além disso, a inclinação da escrita nas primeiras sete linhas é ligeiramente menos pronunciada do que nas subsequentes, e o corpo da letra da palavra *creou* é ligeiramente maior do que o das outras palavras, sobretudo das que vêm a seguir a ela.

efeito de uma sobreexposição à luz. No entanto, e uma vez que o texto se lê sem dificuldade, não solicitei uma nova digitalização destas páginas.

Resumindo, foram encontradas provas materiais de, pelo menos, oito sessões de escrita, que se distribuem da seguinte maneira:

Sessão de escrita	Limites (pp.)	Total de pp.
1 ^a	1 – 7	7
2 ^a	7 – 14	7
3 ^a	14 – 18	4
4 ^a	18 – 24	6
5 ^a	24 – 31	7
6 ^a	31 – 39	8
7 ^a	39 – 42	3
8 ^a	42 – 51	8*
* A página 43 contém apenas duas linhas escritas, sendo portanto oito as páginas efectivamente escritas nesta campanha, e sendo este o valor utilizado na realização de todos os cálculos e considerações quanto ao nº de pp./campanha.		

Tabela 2.

Como pode deduzir-se da tabela acima apresentada, o trabalho durante as diferentes campanhas de escrita foi bastante semelhante. O texto foi redigido ao longo de oito sessões, das quais três deram como fruto sete páginas, duas oito, uma seis, uma quatro e uma três, o que perfaz uma média de 6,25 páginas por sessão. Tomando este valor como referência, pode-se afirmar que a velocidade de escrita d’A *Espada* seria comparável à velocidade de escrita da tradução da *História de Gabriel Malagrida*, único manuscrito camiliano em que, até agora, foi estudado este aspecto³⁸.

³⁸ Cabe assinalar que os fólhos da tradução são comparáveis às páginas do manuscrito da *Espada*, pois, apesar de aqueles serem mais altos, estas são mais largas, acabando quase por se compensar nas suas diferenças. Nos fólhos da tradução, Camilo fica com apenas mais 10% de espaço disponível para escrita do que nas páginas d’A *Espada*. Cf. J. Firmino, *A gênese de uma tradução*, p. 16.

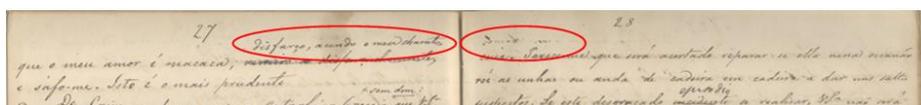
Numa tradução (como é o caso do *Malagrida*) a liberdade de génese é muito limitada, pois o texto deverá cingir-se, em princípio, àquele que está a traduzir. Se existisse uma relação entre a liberdade criativa e a velocidade de escrita, esta seria maior no caso de uma tradução do que a que seria expectável para um texto completamente novo. No entanto, apesar de não ter a limitação do texto de partida de uma tradução, *A Espada* é uma paródia-sátira, o que também condiciona o processo criativo, uma vez que deve manter certo paralelismo com o texto parodiado. Seria interessante, portanto, possuir mais dados que permitam constatar se existe ou não uma relação entre a velocidade de escrita de uma obra e a liberdade de escrita de que goza o autor.

1.3.2.5. Acidentes de escrita

1.3.2.5.1. Efeito de espelho

Pelas informações que poderia fornecer no que diz respeito aos tempos relativos de escrita, o efeito de espelho é um fenómeno que merece particular atenção no estudo de qualquer manuscrito. Contudo, neste caso em particular, o interesse que suscita é ainda maior, pois é um tipo de informação material com que não contávamos em nenhum outro dos manuscritos camilianos estudados. De facto, a escrita sobre folhas soltas só acidentalmente poderá produzir efeitos de espelho. Pelo contrário, a escrita sobre um suporte previamente conformado como livro e encadernado produzirá naturalmente decalques de tinta de uma página à sua contígua, se a escrita for suficientemente veloz para não permitir a secagem perfeita, sobretudo em pontos de maior concentração. Assim, também por esta razão, este manuscrito é singular entre os autógrafos camilianos.

Por exemplo, a adição feita na primeira linha da página 27 (v. Imagem 37) não pertence à mesma campanha de revisão das restantes emendas mediatas destas duas páginas, porque o efeito de espelho que ela deixou na página 28 supõe que esta foi virada logo depois de feita a adição, sem dar tempo à tinta para secar. Como não ficou efeito de espelho das outras emendas mediatas, é porque elas não foram feitas na mesma altura.



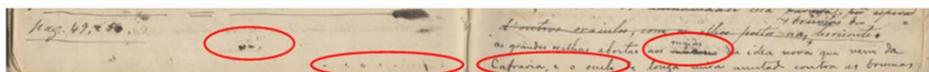
Páginas 27 e 28

Imagem 37.

Este fenómeno repete-se, com texto e de forma muito significativa, nas páginas 13, 23 e 34:



Páginas 13 e 14



Páginas 23 e 24



Páginas 34 e 35

Imagem 38.

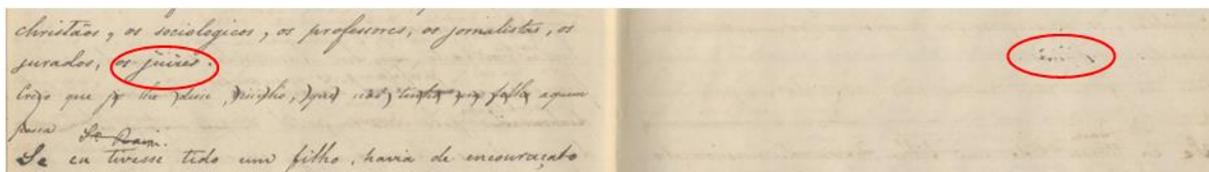
Várias vezes, ainda, encontra-se este efeito na numeração:

O número da página...	espelha na página...
24	23
25	26
26	25
30	29
32	31

Tabela 3.

Pelo circunscrito da zona onde isto acontece, aqui o efeito de espelho poderia estar a indicar que todos estes números foram escritos em sequência imediata como corolário de uma sessão de escrita. Com efeito, e tal como assinalado na secção anterior, há uma campanha de escrita que vai da página 24 até à terceira parte da página 31. Assim, logo no final dessa campanha, Camilo numerou, de seguida, as páginas que tinha escrito, a começar pela 24, e ainda a que seria escrita imediatamente a seguir, ou seja a 32, e fechou o caderno sem dar tempo a que a tinta secasse, dando lugar a esta espécie de sequência de efeitos de espelho na numeração.

Por último, encontramos um exemplo pequeno deste efeito que, num primeiro momento, poderia parecer pouco significativo. De facto, na página [43] espelha-se a palavra *juizes*, que é a última da sessão de escrita que acaba na página [42]:



Páginas 42 e 43

Imagem 39.

Não apresentando esta palavra (*juizes*) uma intensidade de tinta nem de traço que a distingua especialmente, e encontrando-se no primeiro terço da página (6ª linha) e não no seu final, não há motivo para que produza um efeito de espelho notoriamente diferente do resto da página, a menos que a folha tenha sido virada (ou o livro fechado) imediatamente a seguir à sua inscrição no suporte, estando, portanto, ainda por preencher os dois terços seguintes da página, o que apoia portanto a hipótese de que, efectivamente, houve neste ponto uma pausa na escrita.

1.3.2.5.2. Borrões e impressões digitais

Quanto aos borrões de tinta pode-se afirmar que, apesar de serem um acidente de escrita bastante frequente neste manuscrito, não condicionam a leitura.

Finalmente, é importante ressaltar que nas páginas do livro não são visíveis borrões de tinta de tipografia nem impressões digitais, salvo três que, no entanto, parecem ser do próprio Camilo:



Pormenor página 12

Pormenor página 20

Pormenor página 30

Imagem 40.

1.4. Conclusões

A primeira conclusão é a confirmação de que, tal como se previa desde o início, este manuscrito camiliano possui características que o diferenciam notavelmente de todos os outros actualmente estudados.

Com efeito, todos os manuscritos das obras de Camilo estudados até agora são tiras de papel escritas apenas no recto. Já o suporte em que se inscreve o texto d'*A Espada* é um caderno (na acepção vulgar do termo) e, muito provavelmente, um caderno que fora de apontamentos, de uso doméstico, o que justifica a presença dos desenhos, simulações de escrita e outras intervenções que certamente não foram da mão de Camilo. Cabe relembrar que, em 1872, os seus filhos Jorge e Nuno contavam 9 e 8 anos de idade respectivamente. O filho Jorge, como é sabido, gostava de desenhar³⁹ e, devido aos seus problemas mentais, teve um atraso na aquisição da leitura e da escrita. Assim, é provável que as intervenções que ficaram registadas nas páginas iniciais do manuscrito sejam da sua mão infantil, ainda inexperiente nas lides da escrita.

Não se pode descartar, tão pouco, a intervenção de outra mão adulta nas páginas deste livro. Com efeito, há pelo menos um sítio onde, apesar de não se poder provar que a mão da escrita não é a de Camilo, também não se pode afirmar que o seja (secção 2.1.3.2.3.). Sendo um objeto de uso doméstico, e estando muito provavelmente pelo menos um dos filhos em processo de aprendizagem das primeiras letras, não seria de estranhar que Ana Plácido também tivesse deixado marcas nas que em princípio não seriam mais do que as páginas de um vulgar livro de notas que até podia muito bem ficar esquecido na mesa da cozinha.

No entanto, numa tentativa de que apenas o texto d'*A Espada* ficasse plasmado nas suas modestas páginas, o aspecto deste outrora caderno de apontamentos alterou-se radicalmente: as folhas que não continham nada que tivesse a ver com a obra foram eliminadas, muito provavelmente pela própria mão do autor, pois só ele saberia quais das páginas parcialmente escritas deveriam ser conservadas e quais não. Assim, caso as folhas que faltam tenham sido retiradas antes de *A Espada* ter sido redactada, com certeza foi o escritor quem decidiu quais folhas do caderno iria reaproveitar, apesar de parcialmente utilizadas, e quais iria descartar. Já se estas tivessem sido tiradas depois, teria sido muito difícil para alguém que não fosse o próprio Camilo distinguir o que era texto d'*A Espada* do que não o era. De facto, as notícias publicadas acerca deste manuscrito - tanto no *Dicionário de Camilo* de Alexandre Cabral⁴⁰

³⁹ Encontramos notícias deste gosto de Jorge pelo desenho, por exemplo, em algumas das cartas publicadas no *Camilo Íntimo*: “O Jorge fica a pintar cabeças apostólicas, com os narizes cor de malagueta. Se o governo o conhecesse, mandava-o para Roma, assim como quem dá a reitoria das belas-artes ao parvajola do Sousa-Holstein”, carta ao Visconde de Ouguela, de 8 out 1876; “Está aqui o Jorge ao pé de mim a querer inventar um carro que possa mover-se sem burros. Vai amanhã ver se um ferreiro lhe faz as molas segundo os desenhos”, carta datável de 1876 (*Camilo Íntimo*, pp. 225 e 235, respectivamente).

⁴⁰ A. Cabral, *Dicionário de Camilo*, apud Castro, I., “Introdução”, p. 11. O verbete pertence à segunda edição do dicionário, publicada em 2003.

como no *Camillo Homenageado* (p. 2) - diziam que ele continha apenas parte da obra, o que se revelou falso após a edição genética do texto, adiante apresentada. Isto mostra como, para quem não conhece o que lá está, seria muito difícil escolher o que tirar e o que deixar. Os poucos apontamentos que restaram de outro tipo (não vinculados à obra mas certamente escritos por Camilo) ficaram apenas nas folhas de guarda coladas às capas. De resto, todas as folhas que chegaram a nós contêm algo d'A *Espada*, excepto a última folha, que está totalmente em branco e serve de guarda.

Além disto, todos os outros manuscritos estudados foram usados como original de imprensa. Quanto a este, já há até aqui elementos suficientes para deduzir que este suporte não foi usado como original de imprensa. Assim, desde o ponto de vista estritamente material, permitem-me afirmar isso os seguintes elementos:

- O tipo de suporte: o texto inscreve-se num caderno, o que dificultaria a sua utilização na tipografia como original de imprensa.
- O sítio onde foi encontrado o caderno: o manuscrito esteve, até a sua aquisição, quando passou a formar parte do património da Casa Museu, na posse da família e não no espólio de uma casa editorial. Embora, teoricamente, isto por si só não anule completamente a possibilidade de ter sido original de imprensa, pois eventualmente o manuscrito poderia ter sido reclamado pelo autor após a impressão, é, no entanto, contrário ao que sabemos sobre a história dos restantes manuscritos camilianos e sobre o desinteresse de Camilo pelos seus manuscritos uma vez entregues aos editores (ver secção **2.1.** do **Capítulo 3**).
- Os vestígios de escrita decorrentes da segunda funcionalidade que este caderno evidentemente teve na altura: os rastros deixados tanto por mão alógrafa como pela própria mão de Camilo neste suporte teriam gerado bastante confusão na tipografia na altura de compor o texto.
- As consequências materiais da escrita de jacto: devido ao que Almuth Grésillon chamaria *écriture à processus*⁴¹, ficaram no manuscrito notas, lembretes, espaços em branco e apontamentos cuja presença poderia também perturbar a correcta interpretação do texto para sua composição.

⁴¹ A. Grésillon, *Éléments de critique génétique*, p. 243.

Isto permite afirmar que, muito provavelmente, estamos perante o primeiro rascunho camiliano a chegar até nós para ser estudado, o que obriga a relativizar a assunção aceite até agora de que Camilo nunca fazia rascunhos dos seus textos e a pôr em questão outros aspectos dados como certos até agora. Por exemplo, este manuscrito poderia servir ainda de teste à hipótese normalmente usada para explicar por que razão Camilo faz emendas imediatas na sobrelinha, contra a prática mais comum de outros autores de usar o espaço livre do suporte à sua frente. Se a explicação que diz que isso se devia à necessidade de contabilizar o número de tiras escritas, medida-padrão acordada com os impressores, estiver correcta, então seria interessante analisar como se manifesta este fenómeno neste caso tão particular, onde o suporte não são as mencionadas tiras, mas o autor tem igualmente de controlar o número de páginas a serem impressas, pois o incumprimento do acordo feito com o editor tinha implicações financeiras que não convinha esquecer (cf. notícias secção **2.1.**).

Trata-se, portanto, de um manuscrito excepcional na história dos processos de escrita camiliana, o qual, por isso mesmo, merece toda a nossa atenção, pois pode vir a ser revelador de aspectos desconhecidos destes processos.

2. Percurso Editorial

A Espada conheceu duas edições impressas em vida do autor: a primeira, um folhetim publicado sob pseudónimo; a segunda, como parte integrante da colectânea *Boémia do Espírito*.

2.1. A primeira edição

A Espada de Alexandre foi publicada pela primeira vez em 1872 no Porto. Esta edição, aparentemente de autor, apareceu sob pseudónimo e foi impressa na Typographia da Casa Real.

No entanto, há notícias que revelam que nem o autor era desconhecido ao público, nem a obra carecia de editor. Com efeito, no *Diário Illustrado* de 3 de Setembro de 1872 pode ler-se

Dentro de poucos dias publicar-se-ha no Porto um interessante opusculo de 50 a 60 paginas, editado pelo notavel livreiro Chardron, que estamos certos, vae despertar largamente a curiosidade publica.

Versa sobre a questão do *L'homme femme* e dos outros livros respectivos a este assumpto, o qual é tratado jocosamente por um escriptor muito conhecido e muito abalisado. O opusculo tem por titulo o que se vae ler em seguida, o que ja de si dá brilhante idéa do merito do texto. Eis o titulo:

A grande questão do Marido esposa – da Esposa-marido – do Mata-aquelle – do Mata-aquella – do Mata os dois, por um socio prendado de varias phylarmonicas.

Quer agora o leitor saber quem é este *socio prendado de varias phylarmonicas* que trata de tantas coisas boas, e que habilmente se esconde nas sombras do anonymo? É Camillo Castello Branco, o incansavel romancista, que apesar do seu máu estado de saude, nos dá sempre a meudo provas scintillantes de fecundidade⁴².

A primícia confirma-se, dias depois, no mesmo jornal:

A Espada de Alexandre. – Recebemos este folheto publicado por um socio prendado de varias philarmonicas, mas que todos sabem ser devido a penna magica de um dos nossos primeiros escriptores, e editado pela respeitavel casa editora E. Chardron, do Porto, occupa-se da questão da actualidade suscitada pelos folhetos *Homem-mulher* e *Mulher-homem* e deve tratar o assumpto de modo muito interessante e agradável. Vamos lê-lo para depois darmos d'elle mais desenvolvida conta⁴³.

Assim, as identidades tanto do autor como do editor d'A *Espada* eram um segredo de Polichinelo, o que visava sem dúvida garantir a venda do opúsculo. Provavelmente, a publicação anónima sob este pseudónimo fazia parte de um jogo paródico em que não entrara só o nosso autor, uma vez que, pouco depois, apareceu, da mesma casa editora, uma outra obra anónima cuja tradução foi erroneamente atribuída durante muito tempo a Camilo⁴⁴ e da qual também dá notícia o *Diário Illustrado*:

O emprehendedor livreiro e editor Ernesto Chardron, deve pôr hoje á venda na cidade do Porto uma obra muito curiosa, ácerca de um assumpto da actualidade, e que está sendo discutido vivamente, e para que o leitor faça idéa approximada d'esta nova producção dâmos-lhe aqui o seu titulo por inteiro:

Mata-a, ou ella te matará; ou homem-mulher, ou mulher-homem; ou nem homem, nem mulher; ou Alexandre bestialisado por Emilio, ou Emilio bestialisado por Alexandre. Estudo succinto e conceituoso, lardeado de cantoria, combates de espada e bala, terminando por uma cançoneta entusiastica com musica já conhecida.

N.B. Quem quizer entrar no miolo da obra, não se esqueça de ler e reler a brochura (*Homem-mulher*, por Dumas, filho.)

*Scenas da vida conjugal, por ****, com um prefacio inedito, traducção aprimorada de Gervasio Lopes Canavarro, mestre da philarmonica d'*Afifa*, ex-

⁴² Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 65, 3 de Setembro de 1872, p. 259.

⁴³ Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 86, 24 de Setembro de 1872, p. 343.

⁴⁴ Um exemplar desta obra foi a leilão em 2011, descrito no respectivo catálogo com a seguinte nota: “Curioso opúsculo publicado anónimo, durante muito tempo atribuído a Camilo, mas cuja tradução está documental e garantidamente como sendo da autoria de Alberto Pimentel. No «Segundo ESCRINIO Bibliografico da Importante e Valiosa Livraria (...) de Rodrigo Veloso», vêm as circunstâncias da tradução e preço porque [sic] ela foi feita por Alberto Pimentel.” (*Biblioteca do Dr. José de Sá Monteiro de Frias*, pp. 84-5).

sachristão da irmandade do cordão e chagas, e confrado do Joaquim dos musicos.

Agora que o leitor sabe do que trata o folheto, diremos muito em segredo que o seu autor é... Alberto Pimentel, escriptor já muito conhecido e festejado na republica das lettras⁴⁵.

A escolha do pseudónimo do tradutor, em sintonia com o teor satírico-paródico da obra do escritor de Seide e, pelo que se depreende do título, do da obra que acabava de traduzir, está sem dúvida nenhuma na origem da atribuição errada desta tradução a Camilo.

2.1.1. Exemplar de trabalho

O exemplar da primeira edição d'*A Espada* que utilizei é propriedade particular e pude dispor dele durante todo o tempo de elaboração deste trabalho⁴⁶. Este exemplar possui uma encadernação meia-francesa amator. As pastas de cartão estão forradas com uma espécie de papel fantasia, mas feito em material sintético, com fundo preto e grandes folhas a branco e cinzento. O lombo, feito com um material castanho que imita a pele, avança sobre as pastas até cobrir sensivelmente um terço dos planos. No limite entre eles há gravada uma estreita tira decorativa dourada que apresenta também um desenho de pequenas folhas. A lombada tem os quatro nervos falsos típicos deste tipo de encadernação, ficando então dividido em cinco casas. Na segunda delas, em letras douradas e sobre fundo *bordeaux*, está gravado o nome da obra. As outras quatro casas apresentam uma decoração dourada com, mais uma vez, um motivo de folhas. Quase na base da lombada, sobre o traço horizontal que aparece a oito milímetros do bordo, e apesar de estar o material muito desgastado, lê-se ainda 872, o que permite deduzir que aí estava gravado o ano de publicação, 1872, também a dourado. No interior do primeiro plano de encadernação, na seixa, lê-se ainda *Fersi-Porto* gravado a dourado. A encadernação possui guarda e contra-guarda. O papel fantasia utilizado para fazer a contra-guarda, grosso, é de fundo bege com decorações a dourado. Tem ainda uma fita de raso vermelha presa à lombada que serve de marca-páginas. O papel do ante-rosto é um papel mais grosso do que o do resto do opúsculo e não parece ser original mas sim um fac-símile. Apresenta uma inscrição feita à mão na parte superior central que diz *tontos facsimiles*. A partir da folha de rosto todo o resto do livro é a primeira edição original e encontra-se em perfeito estado de conservação, sendo a passagem do tempo reflectida apenas na cor das suas folhas.

⁴⁵ Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 93, 01 de Outubro de 1872, p. 372.

⁴⁶ Agradeço ao Prof. Ivo Castro o empréstimo do exemplar que lhe pertence e que utilizei.

De dimensões pequenas (215 x 135 mm), tem apenas 50 páginas. Por ser importante para responder a uma das questões colocadas na secção anterior, cabe mencionar ainda que cada página possui 25 linhas com pouco mais de que 40 letras cada uma.

2.2. A segunda edição

O texto d'*A Espada* foi publicado pela segunda vez em 1886, também no Porto, dentro de uma colectânea intitulada *Boémia do Espírito*. Foi nesta edição, da Livraria Civilização, que Camilo reconheceu a autoria deste opúsculo, que escrevera e publicara quase quinze anos antes.

O exemplar utilizado foi o que se encontra na Biblioteca Nacional com cota L. 60192 V. Com apenas 223 x 145 mm, conta 455 páginas, o que faz dele um livro pequeno mas bastante volumoso. Encadernado em pastas de cartão escuras marmoreadas a preto e branco (das quais falta a posterior) e com a lombada em azul, não tem mais decorações do que a dos nervos na lombada onde se podem ver, ainda, gravados a dourado, *C. C. BRANCO* e *BOHEMIA DO ESPIRITO* e mais uma etiqueta autocolante com os dados da cota do volume. A encadernação encontra-se muito degradada, com a lombada seriamente danificada no extremo superior e com sinais de desprendimento da pasta dianteira.

Apesar de a folha de rosto estar danificada, o resto do miolo encontra-se em geral em bom estado de conservação, pois ficou bem protegido pelas folhas de guarda (feitas de um papel grosso e brilhante marmoreado em cores claras e com decorações a verde e vermelho). As folhas do livro são grossas, de melhor qualidade do que as da primeira edição.

O texto d'*A Espada* ocupa da página 135 à 168. Cada página contém 36 linhas e cada linha aproximadamente 40 letras.

A gênese

Dentro del archivo de escritura [encontramos] [...] un lugar intermedio entre la idea y la forma, en el cual un autor se alimenta de otros autores, de otros textos, de otras palabras, para emprender su propia creación⁴⁷.

Erica Durante

1. Como foi escrita *A Espada*

Segundo Biasi, existem

dois grandes tipos de escrituras literárias: há escritores que só podem trabalhar com um esquema preciso [...] e outros que necessitam lançar-se na redação sem se sentir limitados por planos, seguindo o método de uma «estruturação redacional» que se constrói à medida que a obra vai sendo elaborada⁴⁸.

Estas duas modalidades de escrita reflectem-se, como cabe esperar, no tipo de manuscritos, e, conseqüentemente, de dossiê genético com que se irá trabalhar. O mesmo autor afirma que, se uma obra foi publicada, deveria ser possível reconhecer claramente nos testemunhos que se possam recolher quatro grandes fases de trabalho: *pré-redaccional*, *redaccional*, *pré-editorial* e *editorial*. No entanto, elas terão manifestações diferentes consoante o tipo de escrita, podendo alguma delas não deixar rasto ou então deixá-lo misturado com os testemunhos que dão conta de outra fase. No caso dos escritores que trabalham sem planos ou esquemas, a fase que costuma não deixar sinais é a *pré-redaccional*: o autor começa a redação e escreve de jacto, retornando eventualmente ao já redigido (aquando o início de uma nova sessão de escrita, por exemplo) para o reler, rever e emendar, se for caso disso⁴⁹.

O texto d'*A Espada*, como disse anteriormente, foi escrito em muito pouco tempo. A polémica desatara em Junho de 1872 em Paris e já em Setembro desse mesmo ano, apenas três meses depois, a resposta de Camilo estava acabada e pronta para ir para a tipografia no Porto. Mas a irónica réplica ao texto de Alexandre Dumas não incorporava apenas o panfleto que espoletara a controvérsia, senão também várias das respostas que imediatamente recebera e ainda elementos pertencentes ao paratexto de uma das traduções de *L'Homme-Femme* publicadas em Portugal na altura, sarcástica e habilmente utilizados ao longo de toda a obra.

Assim, apresentarei em seguida as evidências textuais de que este escrito foi fruto de uma

⁴⁷ E. Durante, "La biblioteca de escritor", p. 23.

⁴⁸ P.-M. de Biasi, *A genética dos textos*, pp. 43-4.

⁴⁹ *Idem*, *passim*.

empreitada sem planificação nem fase preparatória, o que deixa sempre rastros, quer a nível material (descritos no capítulo anterior), quer a nível textual, e ainda tentarei reconstituir, ao menos em parte, a biblioteca de autor que subjaz à sua criação.

1.1. Os ressaibos da fase pré-redaccional

A inexistência de um plano de trabalho escrito e/ou definido antes de começar a redacção de uma obra pode levar o escritor a ter de apontar em qualquer lugar disponível, que não seja o do próprio texto, as ideias que lhe vão surgindo enquanto escreve e que poderão vir a ser aproveitadas mais tarde, sem ter bem a certeza de quanto tempo depois será esse “mais tarde”.

Esses sítios onde se recolhem os apontamentos podem ser desde as páginas em branco de um caderno destinado a tal fim (foi demonstrado no capítulo anterior que era essa uma das funções deste caderno antes de acolher o texto *d’A Espada*) até o próprio suporte que está a ser utilizado na altura. Neste último caso, os lembretes ganham espaços que até então não estavam destinados à escrita, o que obriga o texto a adoptar orientações pouco habituais e o escritor a encontrar estratégias que lhe permitam, mais tarde, distinguir facilmente o lembrete do resto do texto. Nas palavras de Javier Lluch Prats,

en cuantos soportes el autor improvisa y toma notas, surgen primero anotaciones metaescriturarias en donde un autor se autoinstruye y comenta su producción. Son anotaciones de la fase pre-redaccional de la escritura que pueden funcionar como pre-textos de una obra redactada al compás de esas notas, o bien de otras ulteriores, e incluso pueden originar un texto paralelo [...]. Son propias [...] de fases de endogénesis y de exogénesis, con funciones operativas de orientación, explotación, concepción, información y programación.⁵⁰

Apesar de já existirem referências a notas deixadas por Camilo⁵¹ para os compositores dos seus textos, não tinham sido encontrados até agora elementos deste tipo que o tivessem a ele próprio como destinatário. É, portanto, de grande interesse tentar perceber como o autor dialogava consigo mesmo na marginalia (e não só) do livro que estava a escrever.

1.1.1. Os lembretes: um plano parcial intercalar

Nas páginas 17 e 18 encontramos três notas que não fazem parte do texto da obra mas que surgem intercaladas nele, todas elas redigidas por e para o autor:

⁵⁰ J. Lluch-Prats, “El obrador del escritor”, p.99.

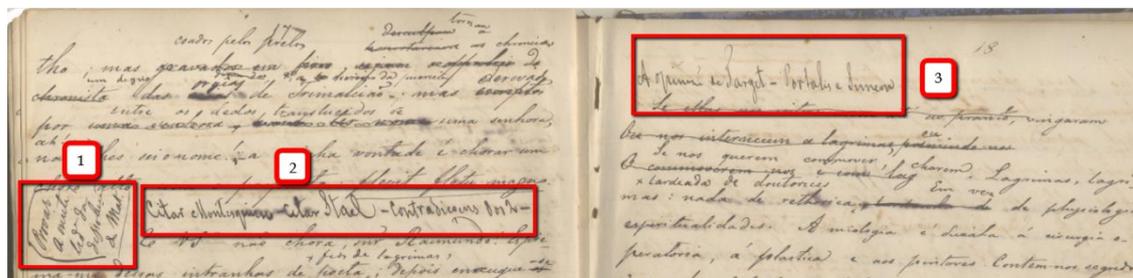
⁵¹ “Nas linhas deixadas em branco, Camilo escreveu instruções para o tipógrafo: «Segue sem espaço de permeio na segte tira»”. C. Sobral, “Nota à edição”, p. 359.

“Camilo [escreveu] um recado ao compositor tipográfico na página fronteira [à que continha o texto emendado] (fl. 2v): (*Não obstante os riscos da folha seguinte, componha o que la se acha legível*)”. I. Castro, “O manuscrito”, sem página.

Nota 1: “Provar a inutilid^e da dissolução do Mat.”

Nota 2: “Citar Montesquieu - Citar Stael - Contradiçõens dos 2 –“

Nota 3: “A opinião de Target - Portalis e Simeon”



Páginas 17 e 18

Imagem 1.

Estas anotações metaescriturárias⁵² constituem, de facto, um plano de trabalho parcial (com as características dos documentos da fase pré-redaccional) que foi desenvolvido logo a partir da campanha de redacção subsequente (convém lembrar que é quase no pé da página 18 que localizamos o final da terceira sessão de escrita). Assim, no decorrer das três sessões de escrita seguintes, entre as páginas 20 e 33, Camilo alega as razões pelas quais considera que o divórcio não resolve o problema que está a ser debatido e, ao longo dessa argumentação, vai utilizar os raciocínios e discursos dos autores mencionados nas notas 2 e 3. Sirvam as seguintes passagens como exemplo do que acabo de afirmar:

Aquella opinião é talvez vulneravel; <mas o que ella tem mais impenetravel que o tenda> não resiste, p^r ventura a Montesquieu ou Portalis (p. 21).

Montesquieu dá [33] a rasão deste caso phenomenico: «Marido e mulher soffriam pacientem^e os dissabores domesticos, por saberem que podiam cortal-os; e só por q̃ tinham liberdade de tal acto, passavam a vida inteira sem practical-o» (p. 32).

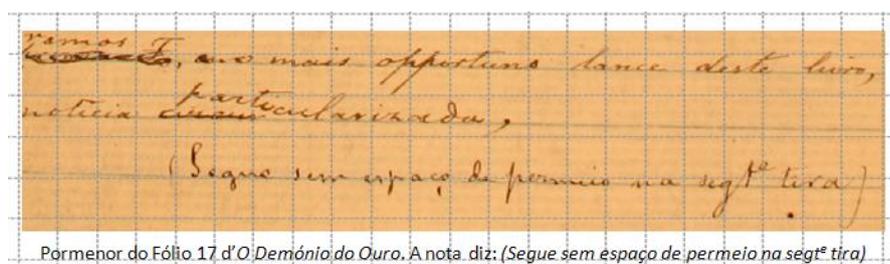
Dou-lhe como exemplo Stael [...]. Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divorcio, e reprovou-o (p. 20).

Target, o collaborador do Codigo Civil de França [↑ responde-lhe melhor do que eu] (p. 32).

⁵² “[Un]caso especial constituyen las anotaciones metaescriturarias, en las que un autor comenta su propia producción o se da instrucciones a sí mismo, ya que pueden funcionar – o no – como nuevos pre-textos preparatorios”. (É.Lois, “La crítica genética”, p.72).

Há ainda duas coisas pouco ou nada frequentes nos escritos camilianos estudados até agora que chamam a atenção nestes lembretes (para além do facto de não serem para outrem): no primeiro deles, a orientação da escrita, nos outros dois, a inclinação das letras.

A explicação do primeiro destes fenómenos parece ser quase imediata: esta configuração topográfica da escrita permite duas coisas muito úteis ao autor nesta particular circunstância de ter de escrever o plano de trabalho sobre o que seria, segundo a classificação proposta por Biasi⁵³, rascunho e manuscrito pré-definitivo ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, permite encontrar rapidamente o sítio onde foi escrito aquilo que não pertence ao texto da obra e, em segundo lugar, permite escrever mais palavras, pois estas podem estar quase tão perto quanto se queira das linhas horizontais sem se misturarem com o escrito nelas. No entanto, este lembrete não chegou, e foi preciso introduzir mais dois, que já foram escritos na horizontal. É desse facto que depreendo a explicação para a segunda peculiaridade que me ocupa, a inclinação dada às letras, à esquerda na Nota 2 e quase vertical na Nota 3. Em nenhuma delas observamos as letras inclinadas à direita como na Nota 1 e na escrita habitual de Camilo. Ora bem, se os lembretes fossem escritos na horizontal e ainda com a mesma inclinação que habitualmente, seria quase impossível distingui-los do texto da obra, e portanto o lembrete confundir-se-ia visualmente com a obra. De facto, já foram observados anteriormente fenómenos similares a estes em condições semelhantes, mas nas notas que Camilo deixava aos compositores com indicações:



Pormento do Fólio 17 d'*O Demónio do Ouro*. A nota diz: (Segue sem espaço de permissão na segtª tira)

Imagem 2⁵⁴.

Na Imagem 2, que pertence ao manuscrito d'*O Demónio*, a letra, que corresponde a uma nota inserida numa página que ainda contém texto pertencente à obra, está quase vertical. Muito menos acentuada é a mudança na inclinação da letra na nota inserida no fólio [2v] do *Amor de Perdição* (cf. Imagem 3). Esta nota, ao contrário da anterior, encontra-se numa página que não contém mais texto do que o dela.

⁵³ P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 120.

⁵⁴ Agradeço à Professora Cristina Sobral a cedência desta imagem do manuscrito d'*O Demónio do Ouro*, guardado na Biblioteca de Sintra.

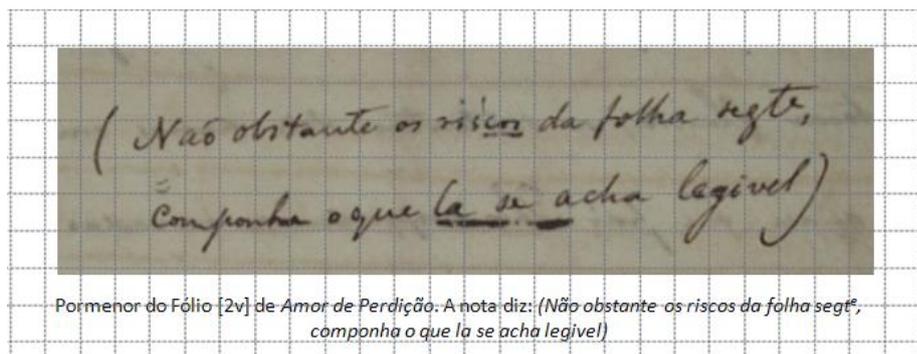


Imagem 3⁵⁵.

Assim, esta parece ser uma estratégia premeditada do escritor: ao mudar radical e forçadamente a inclinação das palavras, estas sobressaem do resto do que lá está escrito e o leitor (no caso que nos ocupa, o próprio autor) encontra rapidamente os apontamentos que não fazem parte do texto da obra aquando da sua utilização. Abona também esta afirmação o facto de a letra estar inclinada acentuadamente à esquerda na Nota 2, que se encontra entre duas linhas da obra, e praticamente nada (as letras parecem verticais) na Nota 3 que, por estar escrita na linha 1 da página 18, só tem texto da obra nas linhas que lhe sucedem.

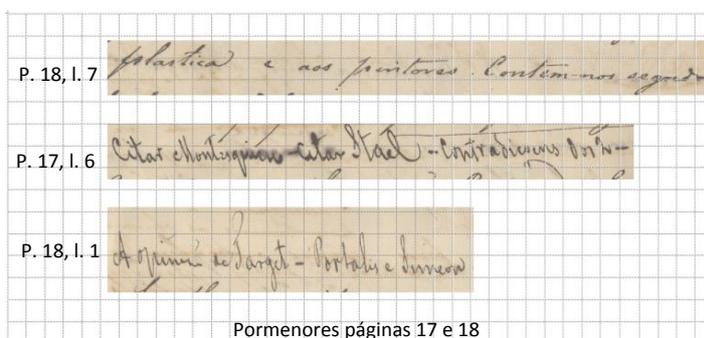


Imagem 4.

Parece também confirmar este suposto o facto de a letra manter a inclinação habitual nas anotações que nunca poderiam ser confundidas com o texto da obra e se afastam visualmente dele o suficiente sem ter de apelar a este recurso, como no caso da Nota 1 e ainda da lista de nomes que aparece no cabeçalho da página 32 (ver Imagem 5).

⁵⁵ Agradeço ao Professor Ivo Castro a cedência desta imagem do manuscrito do *Amor de Perdição*, que pertence, sem cota, à Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.



P. 18, l. 7

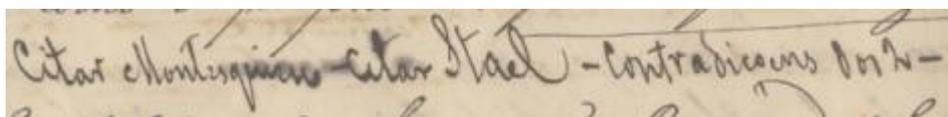
Página 17

Página 32

Imagem 5.

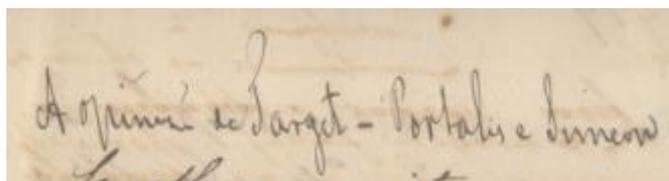
No entanto, e como devido à diferença no traço das palavras das Notas 2 e 3 seria possível questionar a sua autoria, parece-me apropriado demonstrar que ambas são, de facto, da mão de Camilo.

Eis os dois lembretes que poderiam suscitar suspeitas:



Página 17, linha 6

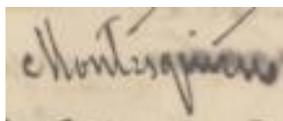
Imagem 6.



P. 18, l. 1

Imagem 7.

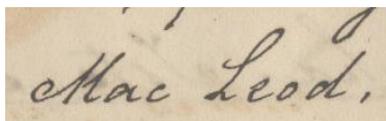
Para cada um deles escolhi duas letras que, pelas suas características, poderiam servir para denunciar mãos diferentes. Para a Nota 2 as letras escolhidas foram o *M* e o *d*. No caso do *M*, observa-se que, na palavra *Montesquieu*, este foi feito com um único traço:



P. 17, l. 6

Imagem 8.

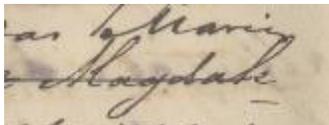
Cinco linhas mais abaixo, encontramos um *M* feito em dois golpes de pena:



P. 17, l. 11

Imagem 9.

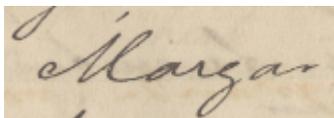
Porém, basta descer mais duas linhas para encontrarmos ambos os *M* um acima do outro. Com efeito, Camilo escreveu *Magdalena*, arrependeu-se, cancelou e substituiu por *Marias*. O *M* da escrita cuidada (na linha) é feito com dois traços, o da emenda com um só:



P. 17, l. 13

Imagem 10.

Duas linhas abaixo desta emenda, e ainda como parte dela, encontramos o quarto e último *M* desta página na palavra *Marg^{ar}* (abreviatura para *Margarida*), desenhado também num traço só:



P. 17, l. 15

Imagem 11.

Por fim, tomando uma amostra aleatória dos *M* ao longo do manuscrito, pode ver-se que ele é feito indistintamente em um ou dois traços, com, aparentemente, uma maior tendência para ser feito num traço só:



Imagem 12.

Quanto ao *d* de *contradições*, observa-se que o seu ascendente apresenta uma inclinação semelhante à de um δ , quando o mais frequente na escrita do autor é esta ser recta ou encurvada para a esquerda:

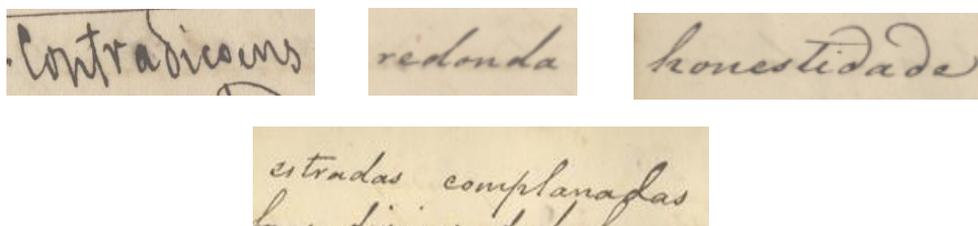


Imagem 13.

Utilizando mais uma vez o recurso de percorrer o próprio manuscrito autógrafo, encontramos que, apesar de esta orientação tipo δ ser pouco frequente, não é inexistente noutras partes do texto, aparecendo pelo menos mais duas vezes:



P. 18, l. 6

P. 15, l. 16

Imagem 14.

De resto, na Nota 2, a única alternativa disponível seria o ascendente recto. O encurvamento para a esquerda, que desenha um círculo com a base da letra, só é possível porque a letra inclinada para a direita deixa espaço para isso, espaço esse que, se a inclinação fosse à esquerda, estaria ocupado pela letra anterior, tornando portanto impossível essa curvatura da ascendente.

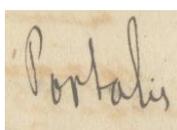


P. 17, l. 6

P. 21, l. 13

Imagem 15.

Para a Nota 3 as letras escolhidas foram o *P* e o *T*. Na nota, o *P* foi desenhado com um traço só:



P. 18, l. 1

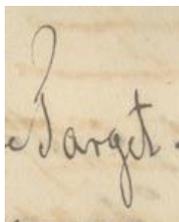
Imagem 16.

No entanto, ao longo do autógrafo, o *P* aparece, tal como o *M*, realizado com um ou dois traços indistintamente, sendo neste caso mais frequente o feito em dois golpes de pena. Há ainda um, numa emenda, que é completamente diferente de qualquer outro (o de *Portugal* nos exemplos a seguir) e que põe em evidência o quanto pode variar a escrita de Camilo quando não está a escrever o texto “corrido”:



Imagem 17.

Observaremos agora o *T* de *Target*:



P. 18, l. 1

Imagem 18.

Ao contrário dos casos anteriores, não foi possível encontrar outro exemplo como este em todo o manuscrito. Todavia, isto parece dever-se ao facto de Camilo estar a escrever com uma inclinação à esquerda, que lhe era estranha. Assim, a sua mão produziu um traço de topo excessiva e precocemente encurvado para a esquerda, com um resultado esquisito que deve resultar da pouca habilidade para escrever com esta inclinação.

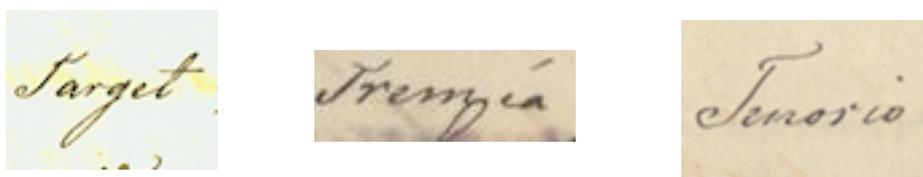
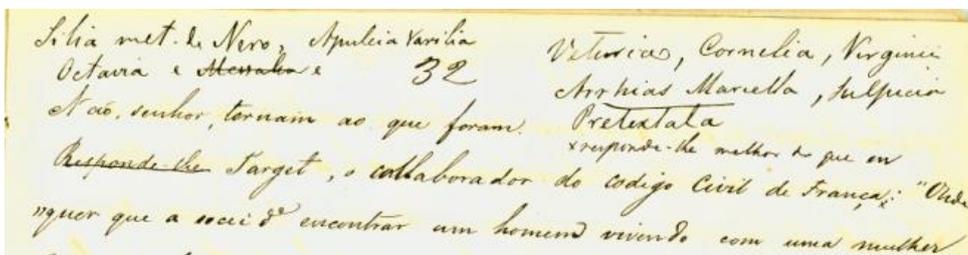


Imagem 19.

1.1.2. A marginália: uma lista à cabeça

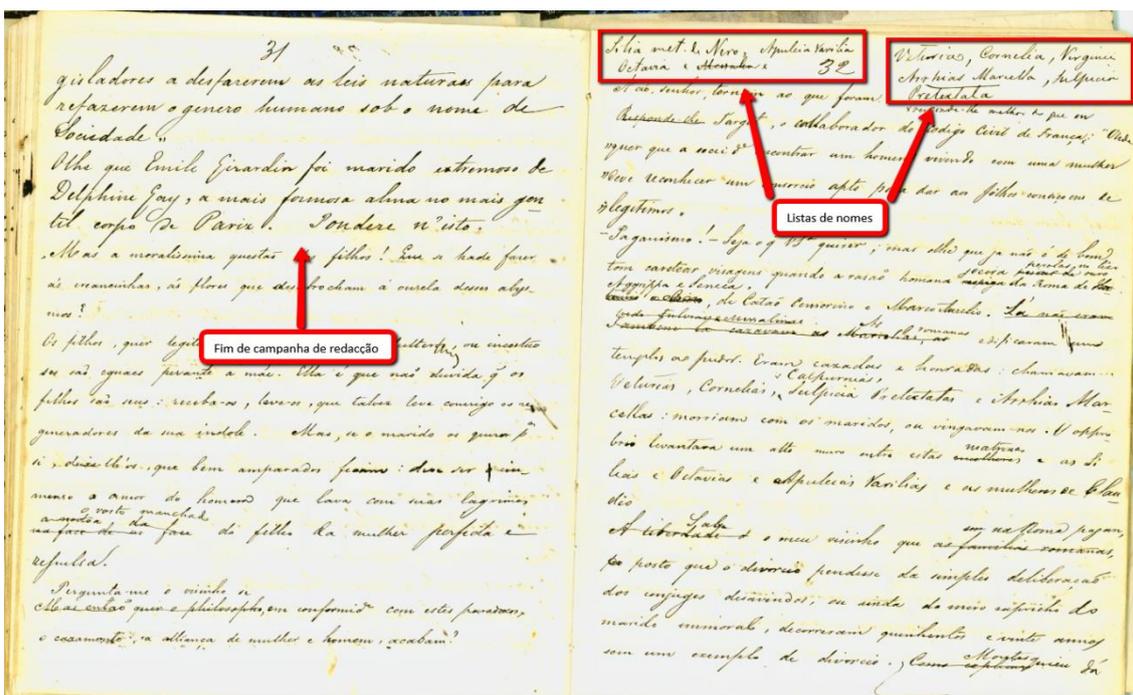
No cabeçalho da página 32 encontramos mais um elemento típico da fase pré-redaccional: uma, ou melhor, duas listas. Neste caso particular, de nomes de mulher:



Página 32

Imagem 20.

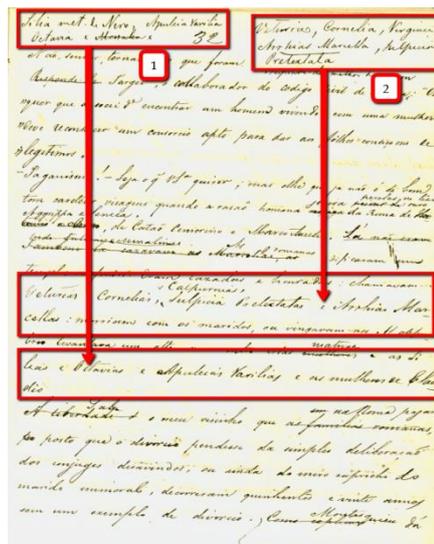
Mais uma vez, este elemento aparece muito próximo do ponto onde há uma mudança de sessão de escrita:



Páginas 31 e 32

Imagem 21.

Porém, desta vez bastará ler apenas uma linhas para encontrar o lugar onde eles foram utilizados:



Página 32

Imagem 22.

1.2. A fase redaccional

Assim como na fase pré-redaccional têm lugar uma série de processos de que podemos ou não encontrar vestígios materiais, também a fase redaccional tem os seus próprios processos de que surgirá, como última expressão, o manuscrito pré-definitivo, um rascunho que não irá à imprensa, mas que já tem uma versão do texto da obra bastante bem estruturado e muito semelhante à que finalmente chegará às mãos do compositor.

O escritor que escreve sem plano inicial trabalha sobre um manuscrito único no qual vão sendo plasmados os avanços e retrocessos. Apesar de a obra parecer escrita “de jacto”, na verdade existe um processo constante de retrocesso antes do avanço seguinte: no início de cada nova sessão de trabalho, o escritor relê o que já foi escrito e faz os ajustes necessários para poder continuar. Assim,

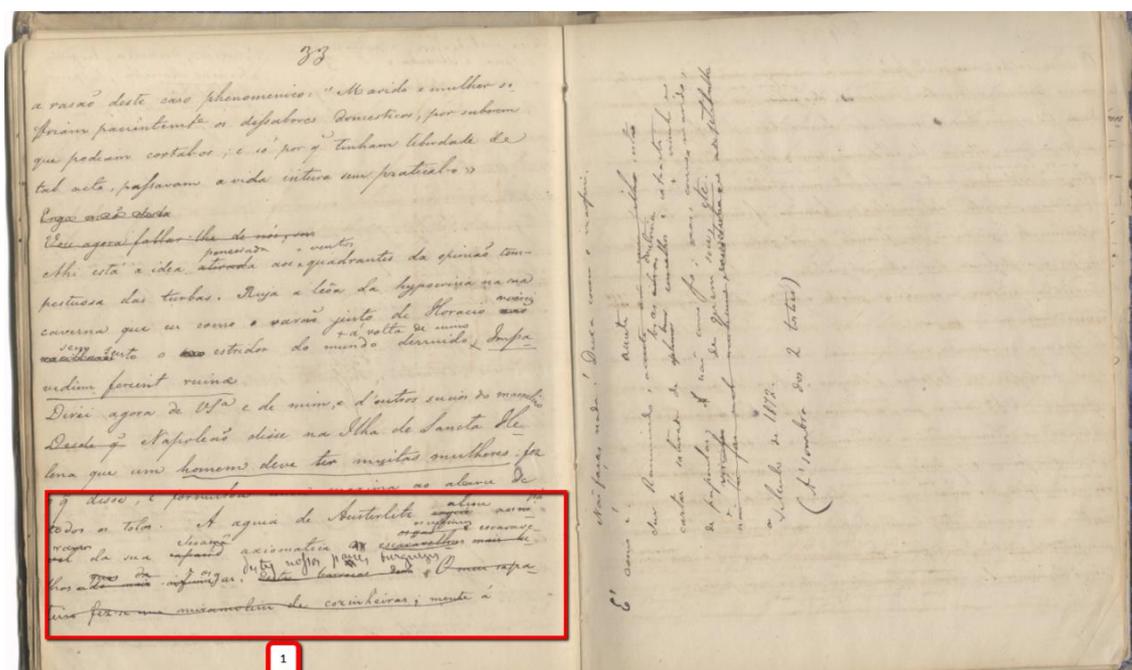
[q]uando chega ao fim do seu trabalho, o escritor dispõe de fato de uma versão quase definitiva da obra, mas sob a forma de um manuscrito muitas vezes cheio de correções maciças contendo, por exemplo, trechos intercalados, indicações de reorganização estrutural, acréscimos marginais, indicações de transferências ou permutações⁵⁶.

É com esta perspectiva de sobreposição de documentos de trabalho num mesmo suporte que vou propor justificações para as páginas em branco que ficaram por ser explicadas no capítulo anterior.

⁵⁶ P-M. de Biasi, *A genética dos textos*, p. 57.

1.2.1. A página [33']: um esboço do final

Segundo Biasi, uma das funções operatórias típicas do início da fase redaccional é a estruturação geral e local da redacção. Um dos elementos que dão conta desta estruturação são os esboços⁵⁷. Como já foi referido, o manuscrito de trabalho de um escritor que utilize estruturação redaccional apresentará num único suporte os vestígios dos documentos pertencentes às diferentes etapas de trabalho e o manuscrito pré-definitivo. A página [33'] parece ser um claro exemplo disto. Mas, para perceber cabalmente o fenómeno, devem ser consideradas ainda as páginas 33 e 34.



Páginas 33 e [33']

Imagem 23.

No final da página 33 encontramos o seguinte texto:

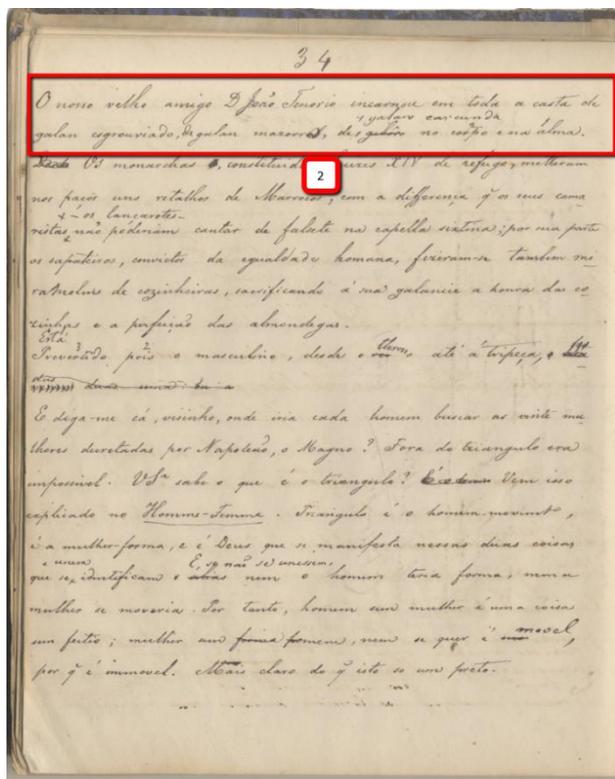
A aguia de Austerlitz <ergue> [↑alçou] ao[s] <nível> [↑ páramos] da sua <capacidº> [↑ elevação] axiomatica <<o>/a/s <escaravelhos mais he> osgas e> [↑ os infimos] escaravelhos <e do mais> <que da infima> e osgas <, destas barracas desta> <es> destes nossos paues burguezes. <O meu sapateiro fez-se um miramolim de cozinheiras; mente á>

Depois de algumas hesitações, Camilo abandona a meio a frase do sapateiro e deixa ainda a última linha da página sem escrever.

A página numerada em seguida pela mão do autor, a 34, começa assim:

⁵⁷ P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 120.

O nosso velho amigo D João Tenorio incarnou em toda a casta de galan esgrouviado, de galan mazorr<al>/o\, de <gibôso> [↑ galan corcunda] no ²corpo e na ¹alma.



Páginas 34

Imagem 24.

Apesar de a ideia subjacente tanto à frase cancelada como à primeira da página 34 ser a mesma (dar ao leitor a imagem ridicularizada de um mulherengo vulgar e empedernido), nada indica que uma tenha sido escrita logo a seguir à outra.

Vejamos agora o que está escrito na página [33'], e porque pode ser considerado apenas um esboço do final. Se virarmos o caderno, na página [33'] poderemos ler o seguinte texto:

<Não faças nada! Deixa correr o marfim.
É como é.

Snr Raimundo, <acceite não como filho,> aceite esta carta saturada de <<optimos> [↑bons] concelhos> [↑ boas <ideias> doutrinas] e extracto de papoulas. <Se> não como fº; mas, como [↑ visinho e] marido, [↑ e <visinho>] <não lhe faz mal nenhum, <adotal-a,> <adoptal-<a>[lha]> de quem sou, etc.

[↑ a] Setembro de 1872.
(Á sombra dos 2 tostoos)>

Basta uma simples leitura para perceber tanto que o que está lá escrito não tem nada a ver com o que está nas páginas 33 e 34, como que é o final da obra, mais uma vez em tom de paródia do final do opúsculo de Alexandre Dumas:

[...] – mata-a.»

Aqui está, meu caro sr., o que eu diria ao meu filho se o tivesse. Mas como o não tenho, estes meus conselhos são como se eu os não desse, á similhaça de tantos outros que tenho dado, porque ninguem tem direito de ensinar aos filhos alheios idéas tão absolutas e provavelmente tão insensatas como as minhas.

Em todo o caso, são estas as que eu tenho ha muito tempo; veio evocal-as e confirmal-as a leitura da sua agradável carta, e não pude resistir ao desejo de lh'as communicar.

Acceite-as, meu caro sr., como collega, não como filho, e creia-me animado dos melhores sentimentos a seu respeito.

AL. DUMAS FILS

Junho 1872. – Seignelay.

(Debaixo dos castanheiros.)

Já na página 51 do manuscrito, encontramos o seguinte:

Não lh<es>/e\ faça nada; deixa correr o marfim»

Isto é o que eu diria ao meu filho; mas, como não o tenho, <nem>[↑e] me [↑não] quero ingerir nas vidas alheias, cerro-me por aqui.

<Visinho, seja como for, o corte está dado.>[↑ Visinho, se a questão do Homem-mulher não está assim resolvida, sou eu mais tolo do que penso, e a questão é *desi mais <†>/inf\ame que o acto que ella discute.]

<Agora>[↓Seja como for,] Pax Domini sit semper tecum, e boas noutes.

10 de setembro. Ano da Graça de 1872.

(Á sombra... dos 2 Tostoens)

Assim, o que temos no final é sem dúvida uma versão mais extensa e mais próxima de Dumas do que o que está na página [33']. Com efeito, há tantos elementos dessa primeira versão que se conservam iguais na segunda (o conselho inicial *não faça nada! deixa correr o marfim*) ou quase (a data final) como elementos que desaparecem, designadamente a oferta de conselho (as *boas doutrinas* e o *extracto de papoula*), substituída pelo seu inverso (*me[↑não] quero ingerir nas vidas alheias*) e a fórmula de despedida, igualmente substituída (*de quem sou, etc. / Pax Domini sit semper tecum, e boas noutes.*). O restante, isto é o parágrafo que antecede a despedida, é novo. Isto mostra que, na altura da escrita da página [33'], são apenas decididas duas coisas: a sátira terminaria com um conselho oposto ao de Dumas e com uma réplica paródica (do *castanheiro* pelos *tostoens*). Fora estes dois elementos, vemos na primeira versão um Camilo hesitante a respeito do encerramento da

obra. Observamos assim muitas emendas para tão poucas linhas: retornos (veja-se a posição de *acceite* e do adjectivo, ainda que este varie em grau e género (*optimos / bons / boas*), neste último caso por determinação da substituição do nome, que sofre variação sinonímica (*concelhos / ideias / doutrinas*); retroprojectões (*como [↑visinho e] marido, [↑e <visinho>]*). Já na versão final, o texto parece ter tido uma formulação não hesitante, como supõe a ausência de emendas imediatas:

Não lhes façam nada; deixa correr o marfim»

Isto é o que eu diria ao meu filho; mas, como não o tenho, nem me quero ingerir nas vidas alheias, cerro-me por aqui.

Visinho, seja como for, o corte está dado.

Agora Pax Domini sit semper tecum, e boas noutes.

10 de setembro. Ano da Graça de 1872.

(Á sombra... dos 2 Tostoens)

A intervenção posterior, que deu origem às emendas mediatas, parece orientada, sobretudo, pelo apuramento estilístico:

lh<es>/e\ façam

<nem>[↑e] me [↑não]

<Agora>[↓Seja como for,]

Nem a substituição mais significativa altera verdadeiramente o que estava decidido mas constitui mais uma amplificação explicitadora:

<Visinho, seja como for, o corte está dado.>[↑Visinho, se a questão do Homem-mulher não está assim resolvida, sou eu mais tolo do que penso, e a questão é *desi mais <†>/inf\ame que o acto que ella discute.]

Como se depreende do exposto, na página [51] o autor já não tinha dúvidas acerca do final, apenas estava, com as suas correcções, a melhorar a redacção e a acentuar, ainda mais, a imitação do texto de Dumas e o tom sarcástico de toda a obra, enquanto que na versão da página [33'] ainda falta conteúdo, e o pouco que tem manifesta-se com um alto grau de instabilidade. São, assim, estas diferenças que mostram a relação genética entre os dois segmentos de texto.

Quanto à orientação perpendicular do texto, esta deve-se certamente à necessidade de distinguir facilmente o que lá estava do resto do texto da obra, justamente por ser um elemento mais próximo (quanto a tipo e função) do plano descrito em 1.1.1 do que do manuscrito final. Camilo sabia, aquando da escrita da primeira versão, que ela era apenas um apontamento e não, ainda, a versão que queria para o final. Isto leva-o a escolher uma

orientação que lhe permitisse encontrar rapidamente o seu rascunho na hora de escrever o verdadeiro final. De facto, só a Nota 1 e este esboço possuem esta peculiar orientação na página.

Resta tentar perceber, então, quando é que esse esboço foi aí redactado. Aceitando que efectivamente a paginação autógrafa foi realizada aquando da finalização de cada campanha de redacção e tendo em conta que a sexta sessão de escrita começa na página 31, pode-se asseverar que tanto a página 33 como a 34 foram numeradas na mesma altura. Logo, a página [33'] foi deliberadamente não numerada, evidentemente por conter já o esboço do final da obra e portanto por não fazer parte da sequência lógica que a numeração das páginas impõe ao texto por elas contido. Assim, podemos afirmar que as linhas da página [33'] foram escritas antes de a página 34 ter sido começada. Todavia, é difícil precisar em que momento exacto é que ela foi escrita. No entanto, o facto de a frase final da página 33 ser cortada abruptamente e cancelada, acrescido do não preenchimento da última linha prevista no esquema da página, sugere com bastante força que o bosquejo foi escrito logo após este cancelamento e antes de começar a nova redacção da ideia pouco antes abandonada do homem mulherengo ridicularizado.

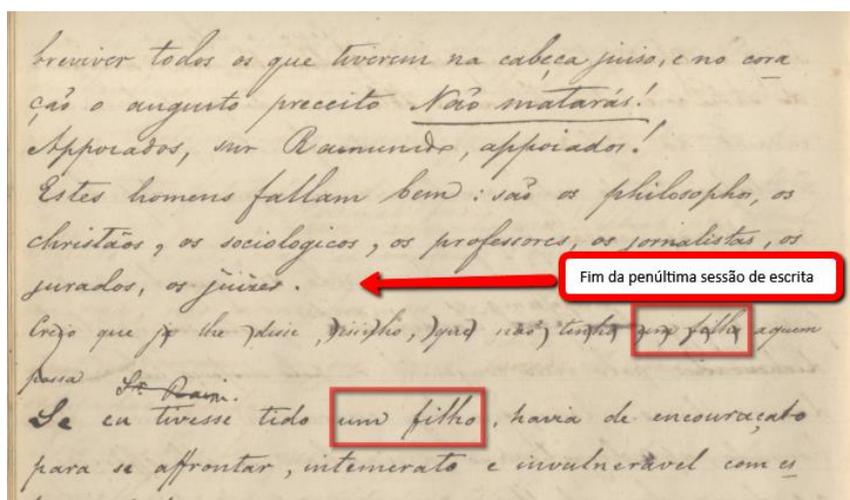
1.2.2. As páginas em branco: o resultado de uma antecipação

As páginas [43] e [43v] são talvez as que apresentam a maior dificuldade na hora de serem explicadas não pelo que lá está escrito, senão justamente pelo contrário: são as únicas páginas em todo o manuscrito que, estando perfeitamente inseridas tanto desde o ponto de vista material como textual no testemunho, ficaram quase totalmente em branco. Para além destas, as outras páginas em branco são as da folha descrita oportunamente na secção **1.3.2.3** do **Capítulo 2**, que está solta e que cumpre a função de folha de guarda. Mas, voltando às que nos ocupam nesta secção, será prudente começar por observar o que é que está escrito nessas únicas duas linhas da página [43], o que é que é esse “quase” que fez com que a folha não fosse arrancada como todas as outras que não faziam parte do texto da obra. Vejamos então a última frase registada nestas páginas, que começa na página [42], continua na [43] e acaba na [44]:

Aperfeiçoada desta arte a educação intellectual do meu herdeiro, eu iria com elle a um ponto culminante da cidade, á [43] Torre dos Clerigos, por exemplo, á falta da montanha de A. D, e dir-lhe-hia o segt^o: [44] «Meu <, > filho, <tens quarenta annos>.

Como pode apreciar-se claramente, o salto material não se vê reflectido num salto no discurso, que se mantém perfeitamente coerente. Isto, que em princípio poderia parecer um sem-sentido é, na verdade, o que dá sentido à explicação encontrada para a origem destas páginas. Mas, para se poder perceber melhor esta origem, será necessário recuar ainda mais umas linhas.

Já foi descrito em **1.3.2.4**, no **Capítulo 2**, que, na página [42], há uma mudança de sessão de escrita:



Página [42]

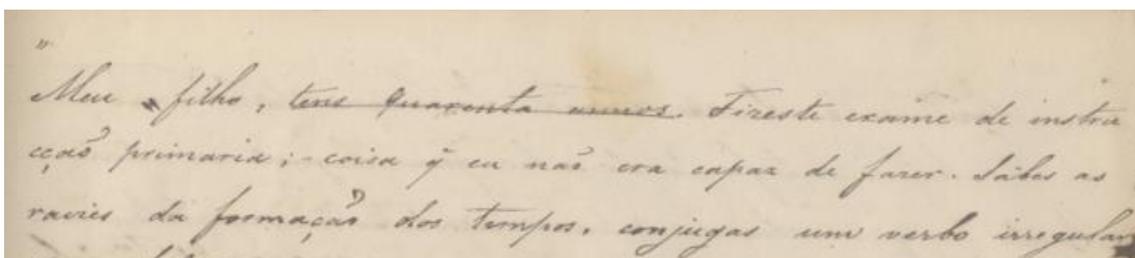
Imagem 27.

Com efeito, observa-se que as seis primeiras linhas da página [42] pertencem ainda à sétima e penúltima sessão de escrita, que começara na oitava linha da página 39. Nesta breve campanha, Camilo escreve acerca da naturalidade das reacções suscitadas pelo adultério e evidencia ainda a hipocrisia encerrada nos discursos que embandeiraram a virtude do perdão sem retaliação após a deslealdade de algum dos cônjuges. O final desta campanha coincide com o final da argumentação.

As linhas sete e oito, pertencentes ao início da última sessão de escrita, foram canceladas. O texto por baixo do cancelamento diz “Creio que ja lhe disse, visinho, que não tenho um filho a quem possa”. Abandonada a meio e anulada, a ideia é retomada na linha nove com um tom marcadamente mais paródico do texto de Alexandre Dumas: “Se eu tivesse tido um filho [...]”. Contudo, a linha nove não parece ter sido escrita logo a seguir à sete: a letra é mais cuidada e de corpo ligeiramente menor nesta do que naquela, mais semelhante à que encontramos habitualmente no início de campanha, enquanto a das linhas nove e seguintes é mais parecida à que encontramos a meio das campanhas (mais descurada, maior, de traço

mais apressado, mas sem chegar ao quase desleixo que costuma aparecer no final de uma sessão de escrita, sobretudo se for prolongada).

Observemos agora mais em detalhe as primeiras linhas da página [44]:



Página [44]
Imagem 28.

Nestas linhas encontramos novamente um corpo de letra ligeiramente menor e um desenho mais aprimorado, muito similar ao das linhas canceladas. Temos, por acaso, uma palavra que se repete nas três linhas de que estamos a falar, e que pode portanto dar uma ideia destas pequenas diferenças que estou a referir:

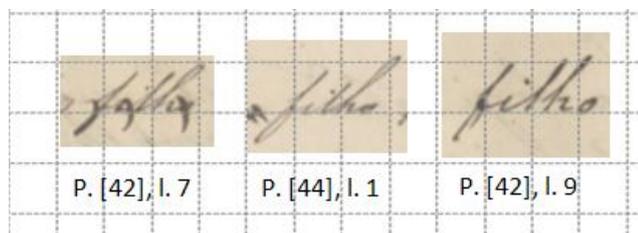


Imagem 29.

O recorte foi feito sem alterar, na medida do possível, as dimensões da imagem, para se ter uma noção próxima das proporções reais e poder observar o aumento gradual do tamanho da letra, seguindo uma ordem p.[43], l.7 -> p.[44], l.1 -> p.[43], l.9; sendo a diferença mais notável entre a segunda e a terceira ocorrências da palavra, o que se deve certamente a que a escrita da primeira e da segunda foi temporalmente mais próxima do que a das duas últimas. A quadrícula sobre a que se colocaram as imagens permite apreciar a diferença do corpo das letras, que no entanto deve ser interpretada com alguma cautela, pois o método utilizado (devido aos recursos de que dispunha para comparar as imagens digitalizadas) não é o apropriado para realizar de forma rigorosa este tipo de observações.

Demos atenção agora ao texto contido nas primeiras linhas da página [44], que corresponde às palavras que o autor dirigiria a um hipotético filho:

«Meu<,> filho, <tens quarenta annos>. Fizeste exame de instrucção primaria; - coisa ã eu não era capaz de fazer[...].Estás prompto. Eu não sei nada d'isso, por que desbaratei a minha mocidade

E ainda àquelas que Alexandre Dumas escreveu no *Homme-Femme*:

«Conheces já das sciências exactas e positivas o que muitos homens não sabem, cousas que eu nunca soube nem saberei, em consequencia de ter dispersado a mocidade ao acaso [...]»⁵⁸.

Como se vê imediatamente, as primeiras parodiam as segundas. Parece razoável então pensar que, no início da última campanha de escrita, Camilo começou a redacção onde era suposto: na linha sete da página [42]. Todavia, a escrita foi interrompida para redigir, antes de continuar com essa ideia, o discurso que seria dado ao filho. Neste gesto, é retomada a mecânica de imitação do texto de Dumas, o que se reflecte no modo como a frase sobre o filho fica finalmente redigida quando Camilo retoma a escrita da página [42]. Com efeito, no texto de Alexandre Dumas, logo antes de começar a arenga ao filho, pode ler-se:

Eu, meu caro senhor, se tivesse algum filho, havia de leval-o, no dia em que elle completasse vinte e um annos, havia de leval-o á minha montanha e dizer-lhe:⁵⁹

Frase que fica assim espelhada n'*A Espada*:

Aperfeiçoada desta arte a educação intellectual do meu herdeiro, eu iria com elle a um ponto culminante da cidade, á Torre dos Clerigos, por exemplo, á falta da montanha de A. D, e dir-lhe-hia o segt^e:

Deste modo, a explicação para estas páginas quase totalmente em branco prende-se com a utilização de um mecanismo similar em alguns aspectos ao do esboço do final analisado no ponto anterior, mas resultando agora num texto de carácter definitivo, uma espécie de antecipação. Quando o autor interrompe a escrita do que seria a introdução ao discurso dado ao filho, sabe que precisará de algum espaço para a escrever, mas não tem a certeza de quanto irá precisar. Decide por isso deixar em branco não só o que resta da página [42] mas ainda toda a folha a seguir, retomando a paródia no discurso directo que começa na página [44].

Eventualmente, em algum ponto da sua redacção, há um retorno à página abandonada e, já completamente imbuído da escrita paródica de que não se desprenderá até finalizar a obra, poucas páginas mais à frente, escreve a tal introdução. O espaço deixado na página [42] não é

⁵⁸ A. Dumas F., *O Homem-Mulher*, p. 104.

⁵⁹ *Idem, ibidem.*

suficiente, e são portanto utilizadas duas linhas da página seguinte. A seguir a esta introdução vem, como é de esperar, o discurso que já tinha sido redigido nas páginas [44] e seguintes.

Este mecanismo de interromper a escrita, deixar o espaço em branco para retornar ao ponto mais tarde, e continuar mais à frente a redacção do que vem a seguir até ter mais certeza do que se quer escrever naquele espaço, foi utilizado ainda no contexto de um apuramento de dados históricos n’*O Demónio do Ouro*. Apesar de não serem casos idênticos, são suficientemente semelhantes para considerá-los exemplares de um mesmo tipo de fenómeno: a antecipação. Como o manuscrito d’*O Demónio* foi original de imprensa, Camilo teve de acrescentar uma indicação acerca do que fazer com as linhas que ficaram em branco após o preenchimento posterior do espaço reservado. Com efeito, nele pode ler-se “Segue sem espaço de permeio na segt^e tira”⁶⁰.

No caso que nos ocupa, fica um espaço em branco que não foi utilizado simplesmente porque não foi preciso, e que não contém indicação nenhuma pois estamos perante um manuscrito cujo destino final não era a tipografia. Certamente, se a introdução tivesse cabido no espaço que tinha ficado livre da página [42], a folha deixada em branco teria sido tirada (como foram tiradas tantas outras do caderno para que ficasse nele só o texto da obra) e não teria ficado rasto deste mecanismo particular de redacção.

1.2.3. Exogénese: alguns casos peculiares

A exogénese é o proceso pelo qual, após um trabalho de pesquisa e selecção, elementos provenientes de fontes exteriores ao texto que está a ser redigido são nele integrados. Um dos casos mais simples de identificar é o das citações, pois, apesar de estarem integrados num texto novo, o autor mostra ao leitor de onde é que provêm esses elementos – que antes lhe foram alheios – e como os integrou⁶¹. Há, ainda, géneros literários em que o autor faz do sinal exogenético a matéria-prima da própria escrita como, por exemplo, o do caso que nos ocupa: a paródia. No entanto,

“los elementos exogenéticos del ante-texto tienen, como vocación, la de convertirse progresivamente en materia endogenética. [...] Esta conversión de lo exogenético en endogenético se cumple principalmente bajo el efecto de la textualización, función operativa cuya ejecución depende en lo esencial de los *borradores*. Al terminar sus múltiples transformaciones, el elemento exogenético inicial (por

⁶⁰ Cristina Sobral, “Nota à edição crítica d’*O Demónio do Ouro*”, p. 359.

⁶¹ Cabe ressaltar que “la exogénesis no designa las «fuentes» de la obra [...] sino la huella reconocible de estos referentes-fuentes en términos de documentos”. (de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 134).

ejemplo, un apunte topográfico, un detalle o una situación tomadas de una obra literaria) puede convertirse perfectamente en irreconocible⁶².

Na obra que nos ocupa, há pelo menos três destes casos.

I. A Senhora Canuto

O final da página 14 e o começo da 15 do manuscrito d'*A Espada* é uma das zonas mais emendadas e difíceis de representar geneticamente. Nela encontramos escrito o seguinte:

Parabens á <pleyade> constellação de estrellas que scintillam annualm^{te} no *Almanak das Senhoras* Se alguma <dellas <se> escrever>, [↓mestras de escriptura e contas,] se a Snr^a Canuto ou a Snr^a Dine, vestidas de Pantasileas, entrarem na estacada a <florejar>[↑floretear] com o eburneo cabo das suas pennas deamantinas, eu não [15] direi ao meu filho que se matrimonie com a snr^a Dine nem com a senhora Canuto>⁶³

Aparecem aqui dois elementos, um que se mantém e outro que foi eliminado. O primeiro é o *Almanak das Senhoras* e o segundo a Senhora Canuto. Vejamos, sem cancelamentos, a parte do texto que nos ocupa agora numa das versões substituídas:

Parabens á constellação de estrellas que scintillam annualm^{te} no *Almanak das Senhoras*. Se alguma dellas escrever, se a Snr^a Canuto ou a Snr^a Dine vestidas de Pantasileas entrarem na estacada a floretear com o eburneo cabo das suas pennas deamantinas, eu não [15] direi ao meu filho que se matrimonie com a snr^a Dine nem com a senhora Canuto.

Maria José da Silva Canuto, que aparece aqui mencionada ao lado do *Almanak das Senhoras*, foi escritora, professora e, talvez, a primeira mulher que se dedicou ao jornalismo político em Portugal⁶⁴. Não só foi contemporânea de Camilo senão também colaborou pelo menos numa publicação na qual o escritor também participou: o *Almanach das Senhoras para 1872*.

⁶² P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 135.

⁶³ Cf. o contexto deste passo, de muito difícil representação, no texto editado.

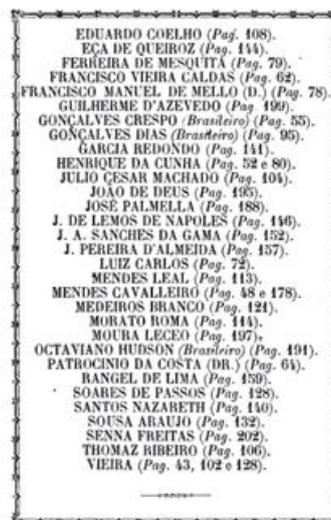
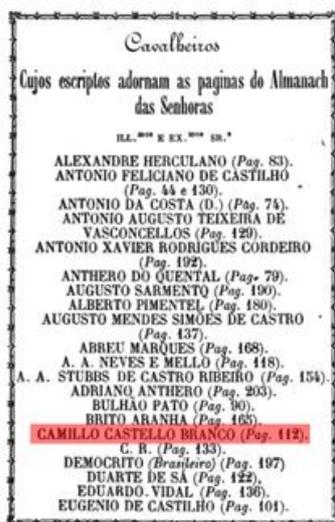
⁶⁴ M. H. Pereira, *Do Estado Liberal ao Estado-Providência*, p. 165.



2226631

Páginas III e IV do Almanach das Senhoras para 1872.

Imagem 30.



Páginas V e VI do Almanach das Senhoras para 1872.

Imagem 31.

No entanto, a Senhora Canuto é riscada desta passagem e passa para a página 20 do manuscrito:

Mas se ella descambar da[s] <lira para a *profund> <[↑canção] , e do Almanak do Palhaço para> <doçuras da maviosi> branduras de Sapho para as Meditações socio-[20]lógicas da snr^a Canuto, peço-lhe snr Raimundo, que a obrigue a ler as obras de meu mestre Theophilo, afim de ganhar odio á letra redonda — virtude supranumeraria dos escriptos d'aquelle varão.

O seu rasto mantém-se apenas na primeira edição, pois na segunda o seu nome desaparece completamente.

II. O Cozinheiro dos Cozinheiros

Mas talvez ainda mais singular que o anterior é o caso das obras mencionadas por Camilo quase no final d'*A Espada*.

Na página [46] do manuscrito encontramos o seguinte passo:

Se, á falta d'outra, o coração te esporear para mulher versada no alphabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas Artes da cozinha, ã se tem publicado em Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe ã ella conheça este segundo sugeito, mas tão somt^e do <Almanak> Cozinheiro dos Cozinheiros, que elle deu á estampa com outros poetas <byronianos> causticados da inspiração <*v> de Beaudellére.

E, mais à frente, na página [49], este outro:

tua mulher recebeu cartas e respondeu a ellas, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel, dos teus enveloppes; e, p^a cumulo de affronta, da pena com que tu <commentavas> [↑ enriquecias de notas] o Cozinheiro dos Cozinheiros

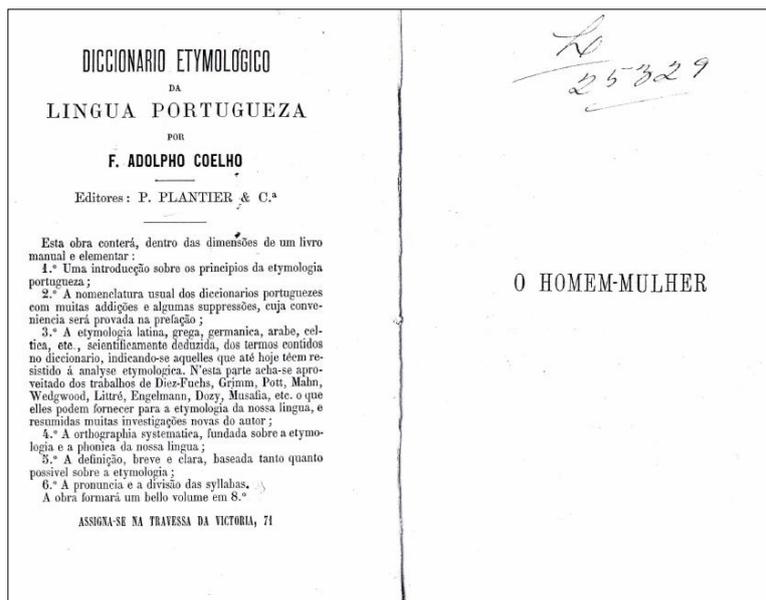
Ainda, o manuscrito d'*A Espada* menciona explicitamente e pela primeira vez o livro de Alexandre Dumas Filho já na página [1], acrescentando aí mesmo que a obra “por ahi gira traduzid<o>/a\ com o titulo hermaphrodit<a>/o\ de: «O homem-mulher»”. A alusão à tradução perde-se logo na primeira edição, onde ainda o título passa a ser citado como *Homem-Mulher*.

Nada disto pareceria estar relacionado, até termos nas nossas mãos a tradução do livro de Alexandre Dumas feita por Santos Nazareth (que, por sinal, também colaborou no *Almanach das Senhoras para 1872*⁶⁵). Esta tradução foi publicada numa edição económica, um brochado que no interior de ambas as capas e na contra-capas tinha impressa publicidade de outras obras da mesma editora. O volume publicitado no verso da capa era o *Diccionario Etymologico da Lingua Portugueza*, de Adolfo Coelho. Já o da contra-capas era *O Cozinheiro dos Cozinheiros*, obra “enriquecida com receitas inventadas e executadas pelos distinctos escriptores e artistas

⁶⁵ Ambos os volumes foram também impressos na mesma tipografia.

portuguezes” (segundo consta no próprio anúncio), entre os quais se contava Ramalho Ortigão.

Como referi noutras secções, Camilo trabalhou com vários dos opúsculos que surgiram na altura como resposta ao panfleto de Dumas. O descrito anteriormente prova ainda que ele tinha na sua posse uma cópia da tradução de *L’Homme-Femme* feita por Santos Nazaré.



O Homem-Mulher, verso da capa e anterrosto.

Imagem 32.



O Homem-Mulher, contra-capas e capa.

Imagem 33.

III. Os narizes tortos

“Los borradores cuentan, día a día, una especie de historia a la vez lógica, psicoafectiva y fenomenológica que no es otra cosa que la vida del escritor en el trabajo: una historia secreta”⁶⁶. Quando temos o privilégio de acceder a um manuscrito como o que foi objecto de estudo no presente trabalho, e que possui, para além do rascunho da obra em estudo, registos de outros momentos da vida do autor que podem nada ter a ver (pelo menos inicialmente) com a obra em questão, podemos encontrar pérolas como esta: um desenho que, feito numa folha descartada para escrever, serviu no entanto como elemento de exogénese no final da redacção.

Segundo de Biasi, se um desenho produz uma transposição escrita, então pode ser considerado um elemento da exogénese⁶⁷.

Como foi referido na secção **1.3.2.3** do **Capítulo 2**, a página [1v] foi inicialmente descartada durante a primeira redacção por ela estar ocupada com desenhos. Efectivamente, encontramos nela uma presumível caricatura de Valera (de que se falou em **1.3.1, Capítulo 2.**) e ainda outros desenhos (Imagem 34) que parecem ter sido feitos ora por mão infantil, ora em colaboração entre uma criança e um adulto com pouco jeito para o desenho ou que estava a “brincar aos desenhos”.



Página [1v]
Imagem 34.

Pela diversidade de elementos que Camilo incorporou de forma realmente original na génese *d’A Espada*, parece plausível que estes desenhos sejam também o elemento espoletador que está na origem do final da seguinte frase:

⁶⁶ P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 115.

⁶⁷ *Idem*, p. 133.

servindo-se [...] da pena com que tu <commentavas>[↑enriquecias de notas] o Cozinheiro dos Cozinheiros, ou <fazias>[↑esboçavas] na[50]rizes [↑tortos] p^a entreter os rapazes.

A frase constitui um caso verdadeiramente curioso de exogénese, não só porque o elemento em questão é um desenho, mas ainda pela sua proveniência: trata-se de um elemento da vida privada, familiar, não literária do autor, que por acaso estava numa das páginas do suporte de escrita da obra, casualidade que faz com que se transforme em elemento textual, e portanto literário, apenas por uma questão de contiguidade material.

O facto de ter tido acesso tanto ao rascunho da obra como a outras publicações que, seguindo os indícios nele deixados, foi possível procurar e consultar de maneira similar a como o próprio escritor o fez na altura da redacção da obra, resultou fulcral para poder descobrir estes processos exogenéticos que evidenciam a magnífica economia que o autor fazia dos recursos que tinha ao seu dispor.

1.2.4. A biblioteca do autor: uma reconstrução parcial

Seguindo os indícios encontrados aqui e ali no manuscrito, foi possível reconstruir, ao menos em parte, a bibliografia efectivamente consultada pelo autor para escrever esta obra.

Além dos livros citados ou apenas mencionados, cuja existência real e coincidência de conteúdos foi verificada, deduziu-se a presença física de outros volumes, como o *Almanach das Senhoras para 1872*.

Estes são, por ordem alfabética, alguns dos livros consultados por Camilo durante a redacção d'*A Espada*:

- Alexandre Dumas Filho, *O Homem-Mulher*, tradução de Santos Nazaré, Lisboa, P. Plantier & C.^a, 1872.
- Anónima, *La Femme-Homme. Mariage - adultère - divorce. Réponse d'une femme à M. Alexandre Dumas Fils*, Paris, Dentu, 1872⁶⁸
- Émile de Girardin, *L'Homme et la Femme. L'Homme suzerain, la femme vassale. Lettre à M. A. Dumas Fils.*, Paris, Michel Levy, 1872.

⁶⁸ Esta obra, publicada anonimamente, é atribuída à feminista Olympe Audouard (1832-1890), cf. D. Bird, *Travelling in different skins*, p. 92.

- Germaine de Staël, *De L'Allemagne, Paris, Librairie de Firmin Didot Frères, 1852.*
- Guiomar Torresão, *Almanach das Senhoras para 1872 Portugal e Brazil, Typographia de Souza & Filho, Lisboa, 1871.*
- Hermance Lesguillon, *L'Homme, réponse à M. Alexandre Dumas fils, Paris, Tresse, 1872.*
- Luís de Camões, *Os Lusíadas*⁶⁹.
- Marie Deraismes, *Eve contre Monsieur Dumas fils, Paris, Dentu, 1872.*

1.2.5 Emendas imediatas na sobrelinha

Resta por fim tratar a questão colocada acerca das emendas imediatas nas conclusões da secção 1.4. do **Capítulo 2**. Lá propus que este manuscrito poderia servir para testar a hipótese normalmente usada para explicar por que razão Camilo faz emendas imediatas na sobrelinha.

No entanto, e antes de avançar, cabe lembrar o que entendemos por emendas imediatas. Existem, quanto à cronologia, dois tipos fundamentais de emendas textuais: a mediata e a imediata. Cada um destes tipos poderá, por sua vez, subdividir-se noutras categorias. Uma vez que o presente estudo não visa realizar uma análise exaustiva das emendas, baste recordar que, quando uma emenda é “introduzida sem ter decorrido nenhum lapso de tempo; quando é emendado o que acaba de ser escrito, fala-se de *emenda imediata*, ou em curso de escrita”⁷⁰. O facto de emendar imediatamente o que acaba de ser escrito costuma ter, como já foi amplamente observado, consequências desde o ponto de vista topográfico, isto é, do espaço que habitualmente este tipo de emendas ocupa na folha. Neste sentido, e “[d]e modo geral, pode dizer-se que a emenda imediata, ocorrendo logo após a escrita da forma que é cancelada, dispõe de todo o resto da linha, e na verdade da página, para ser registada. É portanto uma emenda feita na linha, escrita com os mesmos materiais e o mesmo tipo de letra do resto do texto, só distinguível por ocupar na frase uma posição e uma função que pertenciam à forma

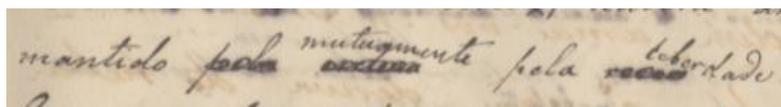
⁶⁹ Sem mais indicações não é possível saber qual a edição que Camilo usou n’*A Espada*. As possibilidades são, provavelmente, uma edição de Francisco Freire de Carvalho, impressa em Lisboa, na Typographia Rollandiana, em 1843, e outra, preparada pelo Morgado de Mateus e Caetano Lopes de Moura, impressa em Paris, na Officina Typographica de Firmin Didot, impressor do Rei, e do Instituto Rio de Janeiro, em 1847. Desta última houve uma reimpressão em 1859, que era a que usava António Feliciano de Castilho, amigo e correspondente de Camilo (e antigo possuidor do exemplar actualmente conservado na BNP com a cota CAM. 150 P.).

⁷⁰ I. Castro, “Introdução”, p.71.

riscada que imediatamente a precede”⁷¹. No entanto, e como já foi mencionado, “é particularidade camiliana inscrever a emenda imediata como fazia com as emendas mediatas: na entrelinha, sobre a forma cancelada [...]. Quando a emenda ultrapassa em extensão aquilo que é substituído, então é que desce para a linha”⁷². O argumento que se utiliza para justificar este comportamento costuma ser o de Camilo ter a necessidade de controlar o número de páginas do que estivesse a escrever para cumprir assim com os compromissos assumidos perante os editores. Como já foi apontado, enquanto a obra estava a ser redactada, foi anunciada no *Diário Ilustrado* a sua próxima aparição, e ainda que teria entre 50 e 60 páginas (cf. notícia citada em **2.1., Capítulo 2**). O nível de controlo alcançado por Camilo sobre a sua produção é tal que o manuscrito autógrafo ocupa 51 páginas e a primeira edição conta com 50. Assim sendo, se o objectivo fosse, efectivamente, emendar na entrelinha para poder controlar o número de páginas que seriam finalmente impressas, será expectável, então, que o manuscrito d’*A Espada* apresente o mesmo fenómeno observado nos outros manuscritos camilianos estudados até agora.

Com efeito, o fenómeno observa-se também neste caso. Escolhi, para o mostrar, alguns exemplos que não permitem hesitação nenhuma quanto à imediatez da emenda:

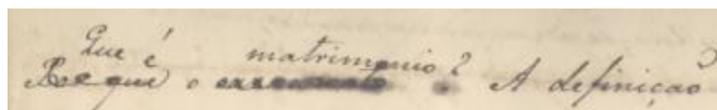
- aqueles em que a nova palavra ou frase começa na entrelinha mas acaba na linha que, como já foi dito, estava ainda por preencher. Assim, na página 8 encontramos por exemplo estes cancelamentos:



P. 8, l. 13: mantido <pela *certeza> mutuamente pela <recor> liberdade

Imagem 35.

E logo a seguir, na 9, este outro:



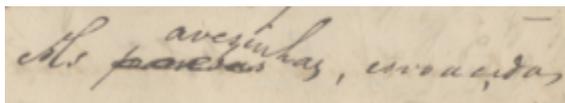
P. 9, l. 1: <Por que o casamento> Que é o matrimonio? A definição

Imagem 36.

⁷¹ I. Castro, “O manuscrito”, sem página.

⁷² *Idem, ibidem.*

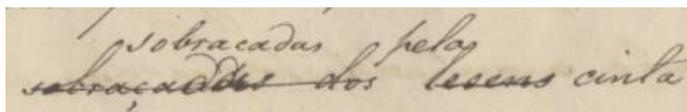
E na 16:



P. 16, l. 1: As <pombas> avezinhas, esvoaçadas

Imagem 37.

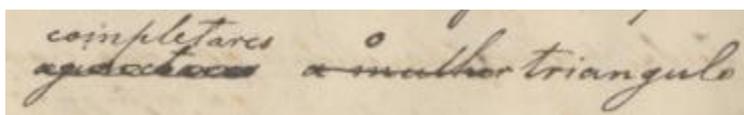
- Aqueles em que, pela harmonia com o que vem a seguir, não há outra hipótese senão a da emenda imediata, como por exemplo na página 36:



P. 36, l. 17: <sobraça<ndo>/das\ dos leões> sobraçadas pela cinta

Imagem 38.

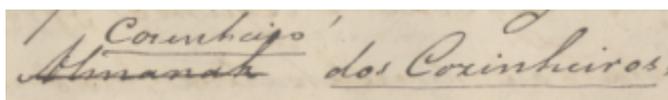
Ou na 45:



P. 45, l. 11: <ajunctares> completares <a mulher> o triangulo

Imagem 39.

- Aqueles em que, pela natureza tanto do que está a ser substituído como do novo elemento, não pode senão ter sido uma emenda imediata, como na página 46:



P. 46, l. 12: <Almanak> Cozinheiro dos Cozinheiros

Imagem 40.

Assim, as características das emendas imediatas encontradas neste manuscrito concordam com as que foram estudadas noutros manuscritos camilianos.

Cabe apontar que esta maneira de realizar as emendas imediatas não é privativa de Camilo, e já foi descrita por Alfredo Stussi:

ci sono scrittori che introducono modifichie immediate utilizzando non lo spazio ancora libero a destra, ma quello soprastante il segmento cancellato, cioè la posizione che dovrebbe essere caratteristica delle varianti tardive. Discriminare

tra i due tipi [di modifiche] diventa allora possibile solo col soccorso di elementi contestuali, come la concordanza grammaticale [...]”⁷³.

Contudo, isto não invalida o facto de que o controlo da dimensão final da obra possa vir a estar no fundamento que tinha Camilo para realizar as emendas em curso de escrita na entrelinha, senão que simplesmente mostra que o fenómeno foi também observado noutros escritores.

2. As variantes da primeira edição: relação entre o primeiro e o segundo estado genético de que se tem testemunho

Tanto da análise material do manuscrito como da correspondente à sua génese surgem importantes indícios, irrefutáveis até, de que estamos, pela primeira vez, perante um rascunho camiliano. Se isto assim for, é de esperar que existam variantes entre este e a primeira edição que não sejam tão singelas como para terem surgido durante a revisão das provas de impressão. Neste sentido, é importante assinalar que, apesar de serem conhecidos processos de escrita em que as primeiras provas de impressão serviam, de facto, como base para uma nova campanha de revisão e reescrita profunda, nada sugere que este seja o caso de Camilo. Alguns autores, como Eça de Queirós⁷⁴, Honoré de Balzac e Benito Pérez Galdós⁷⁵, por exemplo, enviavam o manuscrito para a tipografia para que, depois de uma primeira impressão, as provas de granel resultantes lhes servissem de passagem a limpo sobre a qual continuar a trabalhar, introduzindo variantes que afectavam significativamente o texto. Após este processo, tiravam-se sim as provas de página, que eram novamente revistas pelo autor até ao *bon à tirer*. No entanto, há já documentos que provam que Camilo não gostava de rever provas⁷⁶, e em consequência tudo faria para que o manuscrito que chegasse à tipografia fosse realmente o que Biasi chama manuscrito definitivo.

⁷³ A. Stussi, *Introduzioni agli studi di filologia italiana*, p. 172.

⁷⁴ “Hesitava entre decidir se queria ou não segundas provas — o que é significativo em Eça, se atendermos a que era seu hábito realizar o verdadeiro trabalho estilístico (e não só, como se vê em E, onde introduziu grandes e importantes elementos narrativos) a partir das provas” (L.F Duarte, “Introdução”, p. 40).

⁷⁵ Cf. É. Lois, “La crítica genética”, p. 71. Segundo ela, estes autores teriam uma “compulsión a reescribir sobre las pruebas de página transformándolas en auténticos «borradores»”.

⁷⁶ “Perguntas-me porque é que eu possuo os manuscritos dos dois romances de Camillo, *Amor de Perdição* e *Amor de Salvação*; é fácil de responder: esses livros foram editados na «Casa Moré», assim como muitos outros, no tempo em que meu pae era gerente d’essa casa; e o Camillo, depois de entregar o ms. de mais nada queria saber, nem mesmo da revisão de provas”. Recorte de jornal não identificado, com um artigo intitulado “O manuscrito do ‘Amor de Perdição’: a riqueza d’um escriptor amargurado pela pobreza ou a prodigalidade dos pobres: o que recebeu Camillo pelo original do “Amor de Perdição”, o que rendeu o manuscrito à filha do gerente da livraria Moré”, assinado por Joaquim Leitão, onde transcreve uma carta, datada de 24-11-1917, de Júlia Gomes Monteiro, filha do gerente da Casa Moré, a seu irmão Francisco (*Biblioteca de D. Diogo de Bragança*, p. 84).

Por último, mas se calhar mais importante ainda do que o exposto anteriormente, temos de ter em consideração que em todos os dossiês genéticos camilianos estudados até ao momento é notório que os manuscritos, sendo comprovadamente originais de imprensa, contêm um texto muito próximo do da 1ª edição. Com efeito, as variantes da primeira edição relativamente ao manuscrito raramente afectam mais do que uma palavra e são, portanto, pontuais. Isto prova que o procedimento habitual de Camilo era, efectivamente, o de entregar à tipografia um manuscrito final tão polido quanto possível, para realizar depois apenas correcções mínimas sobre as provas de impressão.

Mas vejamos em seguida o que é que acontece com as variantes no caso que nos ocupa.

2.1. Quantidade e qualidade das variantes da primeira edição em relação ao manuscrito

Aquando do início do trabalho de transcrição e edição do documento aqui estudado, a intenção era realizar uma edição que mostrasse a evolução do texto desde o manuscrito até à última edição revista pelo autor e, portanto, foi nesse sentido que comecei a trabalhar. No decurso da tarefa, o número de variantes que surgiram foi tão elevado e de tal magnitude que, rapidamente, ficou em evidência que as alterações ao texto manuscrito com certeza não tinham sido feitas apenas sobre as provas de impressão e, portanto, faltava um testemunho no dossiê de génese, do qual nada se sabe por agora. Este seria, sem dúvida nenhuma, um factor a ter em conta não só na altura de escolher o modelo de edição, mas ainda aquando da interpretação das diferenças encontradas entre o autógrafo com que estava a trabalhar e a primeira edição.

Nesta secção, tratarei apenas de alguns aspectos das que por enquanto chamaremos simplesmente variantes entre o manuscrito de que dispomos e a primeira edição, sendo que da edição falarei em pormenor no capítulo seguinte.

Vejamos então quais as características que apresentam as variantes entre o manuscrito de Seide e a primeira edição d'*A Espada*. Para começar, diremos que são realmente muito numerosas. No entanto, poderiam ser muito numerosas mas feitas nas provas: a troca de uma palavra por outra ou a supressão de uma ou várias palavras podem ser feitas sobre provas de impressão sem maior dificuldade. Podem, até, ser feitas algumas alterações na ordem de alguns elementos recorrendo para isso a símbolos e números fáceis de intercalar no texto impresso. Há, todavia, acrescentos e reordenamentos que requereriam tanto espaço que, salvo se o autor tiver como prática habitual reescrever as obras sobre as provas de impressão, seriam a todas luzes feitos numa passagem a limpo do texto.

Uma vez que não é, como já foi dito, objectivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva destas variantes, apresentarei apenas uma amostra de casos suficientemente significativos para provar aquilo que acabei de afirmar. Utilizarei para tal pequenas tabelas de três colunas, nas quais a coluna da esquerda indicará a que página do manuscrito corresponde o excerto citado, a do meio conterá o texto do manuscrito autógrafo diplomaticamente transcrito, e a da direita o texto da primeira edição. Com um sublinhado simples, assinalarei as substituições e outras alterações que poderiam ter sido feitas nas provas sem maior dificuldade, e com um de linha dupla as alterações que dificilmente foram feitas nelas. Com um sublinhado de pontos serão evidenciadas as passagens eliminadas e com um em zigue-zague os acrescentos. De cada página escolhida, mostrarei apenas alguns dos lugares que apresentam algumas destas variantes, por forma de obter uma amostra representativa.

P. do ms.	Manuscrito	1ª Edição
3	Os sentimentos <u>expostos</u> n'esta carta, meu <u>illustrado</u> visinho, são uma especie de prolegómenos com que <u>antecedo a publicação de um drama em que estou trabalhando</u> , intitulado O HOMEM DE CLAUDIA. Não se presume, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores <u>ao meu drama</u> no Theatro-Circo.	Os sentimentos <u>bem ou mal expendidos</u> n'esta carta, meu <u>prezado</u> visinho, são uma especie de prolegómenos com que <u>tenciono predispor os animos para a representação de uma tragedia, em que trabalho ha muito</u> , intitulada <u>O homem de Claudia</u> . Não se presume, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores <u>para a minha tragedia</u> no Theatro-Circo.
7	Jesus disse: «Amai-vos !» Isto de: «maridai-vos» <u>é verbo, q̃ não deriva do hebreu nem do chaldeu</u> .	Jesus disse: «Amai-vos !» Isto de: «maridai-vos» <u>é preceito de concilios, e é palavra que não soa no lexicon hebreu nem chaldeu</u> .
10	Esta abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, por que elle parece alvitrar q̃ as meninas <u>se façam freiras</u> . E <u>então, esta</u> douta matrona, authora de quatorze livros, exclama:	Esta <u>dama</u> abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, porque elle parece alvitrar que as meninas <u>se abstenham de interpretar muito á letra o preceito genesiaco</u> . <u>A</u> douta matrona, auctora de quatorze livros, exclama:
11	<u>A referida litterata conta</u> que certa <u>menina</u> , sua amiga, <u>estando para</u> cazar, leu o <u>Homem-mulher</u> . <Tremula>[Tremia] <u>de pavor</u> , <naquelle phrase do> qdº <u>entrou o noivo</u> . Pergunta-lhe <u>elle</u> q̃ tem. Ella mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe <u>aquelle</u>	<u>Conta a referida litterata</u> que certa <u>donzella</u> sua amiga, <u>em vespera de</u> cazar, leu o <u>Homem-mulher</u> . <u>Entrou o noivo, e achou-a a tremer de pavor com o livro entre mãos</u> . Pergunta-lhe que tem; ella mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe <u>com o dedo de ágatha</u> <u>aquelle</u>
16	Neste phrenesi de <u>esgaravatar no temperamento do homem</u> , será racional <u>que elle se sujeite</u> a ser apalpado no craneo pela <d>Mãe da <u>nubente</u> , com o Spu<z>/r\zheim<,> aberto, <u>para</u> <confrontar>[↑averiguar] a <u>bossa da concupiscência</u> , e <u>confrontar entre...si</u> <os>/as\ <frontaes>[↑protuberancias] das duas cabeças <devotadas a<os>/o\ sponsa<es>/li\cio> [↑examinadas <u>pª o mecanismo do casamento</u>].	N'este phrenesi de <u>esgaravunchar em temperamentos</u> , será racional <u>que o noivo se exhiba e sujeite</u> a ser apalpado no craneo pela mãe da <u>noiva</u> , com Spurzheim aberto, <u>para averiguações de bossas, e confronto de protuberancias das duas cabeças examinadas como aptas ao maquinismo da procreação</u> .

19	Acato a <u>sciencia</u> das <u>mulheres</u> quando a figura lhes dá <u>um ar</u> de viragos, <u>um não sei que de neutralidade no sexo</u> .	Acato a <u>sabedoria</u> das <u>senhoras</u> , quando a figura lhes dá <u>geito</u> de virágos, <u>feito de mestras regias jubiladas, e um não sei que de sexo canónico</u> .
23	Aqui tem! [<u>↑Eu não sei se lhe diga</u> , como o poeta: Que honras e famas Em taes Damas não ha p ^a ser damas] <u>A nação, onde uma senhora recatada escreve isto, lavra-lhe nas intranhas o <cancro>[↑scirro] de Ninive e Babilonia.</u> E, por tanto, <amigo preclaro> visinho e amigo, <u>esta mulher e <as> outras [↑sabichans] do mesmo gyneceu, abrem margem a suspeitar-se que</u> somos entrados em <epoca> <u>grandes trabalhos</u> de decomposição. Salve-se quem poder com a sua <u>mulher</u> , <desta peor Troia, cujo fogo> e alguns penates redusidos a <u>letras sacadas sobre os <†> bancos dos Hottentotes</u> , e vamos <u>embora</u>	Aqui tem! <u>Que senhoraça! Não lhe faz saudades a decencia das Cartas de Ninon de Lenclos?</u> Eu <u>estou em dizer-lhe</u> como o poeta, <i>que honras e famas</i> <i>Em taes damas não ha para ser damas(**)</i> E, por tanto, visinho e amigo, <u>á vista do que pregam estas pandorgas folicularias, — symptomas de scirro incurável no coração da França, —</u> somos entrados em periodo de decomposição. Salve-se quem poder com a sua <u>companheira d'esta peor Troia</u> , e leve alguns penates reduzidos em <u>especies bancarias sobre os hottentotes</u> , e vamos <u>para lá muito nas boas horas</u> ,
32	<u>As romanas edificaram um templos ao pudor. Eram cazadas e honradas: chamavam-se Veturias, Cornelias, [↑Calpurnias,] Sulpicia Pretextatas e Arrhias Marcellas;</u> morriam com os maridos, ou vingavam-nos. O opprobrio <u>levantava um alto muro entre estas <mulheres>[↑matronas] e as Sílias e Octavias e <as>/A\puleias Varilias e as</u> mulheres de Claudio	<u>Se o visinho admira nos Congregados e na Trindade muita senhora, devota e escrava de Maria Sanctissima, não se edificaria menos entrando em Roma no templo do Pudor, edificado pelas Veturias, Cornelias, Calpurnias, Sulpicias Pretextatas e Arrhias Marcellas. Estas ou morriam com os maridos amados, ou vingavam-os. O opprobrio não ousava erguer a cabeça petulante de sobre a alta barreira que extremava aquellas matronas das Sílias e Octavias, das Apuleias Varilias e das</u> mulheres de Claudio.
[47]	Que não <u>te esqueça</u> espreitar-lhe com aturada vigilancia o temperamento; se te sahir sanguinea, alimentação vegetal: legumes, <[↑alface]> [↑chicoria,] fructas e macarrão. Se <u>biliosa ou lymphathica</u> , não <u>duvido</u> q̃ a faças quinhoeira <u>das substancias fibrinosas; se predominarem os nervos, [↑saturados de electricid^e.]</u> subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. <Se> Pelo que é de temperam ^{os} entende-te com Alberto Pimentel, auctor dos «Sanguineos [↑lymphatico] e nervosos» <u>escriptor <excellente> e amavel</u> que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horoscopo <u>pela espinal medula</u> , <ou> [↑e] <u>pela systole e dyastole</u> .	«Que não <u>se te olvide</u> de espiar-lhe com aturada vigilancia o temperamento, <u>como clausula em que muito bate o ponto</u> . Se te sahir sanguinea,— alimentação vegetal, legumes, <u>muita</u> chicoria, fructas e macarrão. Se lymphathica, não <u>privo</u> que a faças quinhoeira <u>de</u> substancias <u>fibrosas</u> . <u>Se os nervos predominarem</u> , subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. <u>Em summa</u> , pelo que é de temperamentos, entende-te com Alberto Pimentel, auctor dos <u>Sanguíneos, lymphaticos e nervosos, amavel escriptor</u> que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horóscopo <u>da systole-dyastole, e da espinal medula</u> .

Tabela 1.

Não há nem uma única página em que o texto do manuscrito não apresente diferenças com o da primeira edição, e só uma, a 42 (que contém apenas duas linhas), sem emendas.

Isto, somado ao exposto nos capítulos anteriores, não permite dúvidas quanto ao estatuto de rascunho do manuscrito estudado. É evidente que, para poder realizar todas as alterações que o texto sofreu, e ainda para ele ficar claro para o compositor, o autor deve ter redigido outro manuscrito, o manuscrito final, que serviu como original de imprensa. Foi nele, com certeza, que o escritor fez muitas das mudanças que hoje não podemos senão registar como variantes da primeira edição, mas que devem ser estudadas tendo em consideração o facto de que há um hiato no dossiê genético que condiciona a sua interpretação.

3. Terceiro estado genético: as variantes da segunda edição

As variantes encontradas entre a primeira e a segunda edição são, estas sim, aquelas a que estamos habituados numa edição posterior à primeira revista por Camilo: não há grandes mudanças no que diz respeito às dimensões da obra nem ao seu conteúdo em geral, e todas as alterações realizadas podem ter sido facilmente inscritas nas folhas de uma prova de impressão.

Para além de questões de estilo e alguns retornos às formas inicialmente descartadas no manuscrito, o autor, que nesta edição abandona o anonimato, tenta apenas suavizar levemente alguns sinais da extensão da polémica e apagar as marcas de temporalidade do interior do texto. Assim, o título passa de *A Espada de Alexandre - Corte Profundo na Questão do Homem-Mulher e Mulher-Homem* a, simplesmente, *A Espada de Alexandre*; as “Hippatias de 1872” da p. 22 transformam-se nas “Hippatias actuaes” e a assinatura deixa de conter os parêntesis e a frase “Á sombra... dos 240 réis”, que já não faz sentido, pois a obra já não é um folhetim que se vende por um valor desses mas sim parte integrante de uma colectânea do autor, com outras características y vendida por otro valor.

Registam-se ainda variações que visam corrigir gralhas e/ou leituras erradas da primeira edição que dificilmente teriam sido percebidas pelo compositor, como as seguintes:

página 5

manuscrito: Estas coisas são tão divinas como eu; e, se não ousou dizer como o visinho [...].

1ª edição: Estas coisas são tão divinas como eu; e, senão ousou dizer como o visinho [...].

2ª edição: Estas coisas são tão divinas como eu; e, se não ousou dizer como o visinho [...].

página 15

manuscrito: raspam a sua lepra nas sargetas

1ª edição: raspam a sua lepra nas sargentas

2ª edição: raspam a sua lepra nos muladares

Outras variantes servem para corrigir nomes de autores, como na página 46, onde se menciona o livro *Arte da Cozinha* (título utilizado no plural porque o autor faz referência às suas numerosas edições: *brindando-a com as copiosas Artes da cozinha*), da autoria de Fernão Rodrigues segundo o manuscrito e a primeira edição, e de Domingues Rodrigues na segunda⁷⁷, ou para alterar completamente as personalidades referidas, como na página 27, onde Schlegel e Kant são trocados, na segunda edição, por Comte e Spencer.

Existe ainda uma variante, na página 17, que serve para repor os nomes de duas personagens, as *Marias Egypsiaca e de Cortona*, que voltam na segunda edição cada uma ao seu nome original, Maria Egypsiaca e Margarida de Cortona. Este caso merece um pouco mais de pormenor na sua análise. Se conferirmos o que está na página 17 do manuscrito, veremos que aí lê-se claramente *Marias egypsiacas e Margar. de Cortona*. O facto de o autor ter escrito, por lapso, *egypsiacas*, não muda em nada a atribuição correcta que faz dos nomes Maria e Margarida, só que ele utilizou *Marias*, no plural, porque usa o nome da santa pecadora para, metonimicamente, designar todas as pecadoras. No entanto, o compositor da primeira edição, ignorando este pormenor (também não sabemos como Camilo abreviou, se é que assim o fez, o nome Margarida no original de imprensa, e se foi isso o que o induziu em erro), decidiu simplificar ou até “corrigir” o que Camilo tinha escrito, rebaptizando a Margarida de Cortona e tirando a figura retórica num único gesto. Mais tarde, ao rever as provas da segunda edição, Camilo repara neste pormenor e repõe os nomes correctos. Contudo, e para evitar novas interpretações erróneas, decide retirar o plural metonímico colectivo e manter apenas *Maria Egypsiaca*. Assim, esta variante envolve não apenas uma inovação como ainda uma reposição de uma lição deturpada no processo de transmissão.

Todas estas variantes, introduzidas sem dúvida nenhuma pelo autor, podem e devem ter tido origem na correcção das provas de impressão da segunda edição.

⁷⁷ Domingos Rodrigues, *Arte de Cozinha*, Lisboa, João Galvão, 1680. A obra foi reeditada até 1849, tendo tido no mínimo 15 edições (A. E. A. Vaz, “Os primórdios da cultura impressa”, p. 24). Inocêncio aponta, depois da edição de 1680, mais sete edições, a última das quais de 1836, e acrescenta que muitas outras poderia mencionar (I. Silva, *Diccionario*, vol. xx, p. 197-8).

4. Conclusões

A presença de elementos típicos da fase pré-redacional, assim como as características das variantes entre o manuscrito e a primeira edição, vieram confirmar de forma irrefutável que, efectivamente, o principal objecto de estudo deste trabalho é um rascunho que alcança o estatuto de manuscrito pré-definitivo devido aos hábitos de escrita de Camilo, mas que não foi, com certeza, o manuscrito definitivo ou original de imprensa. Assim, não só ficamos a saber que falta, de facto, um testemunho importante no dossiê genético desta obra, senão também, o que talvez seja ainda mais relevante, que o escritor de Seide fazia sim – pelo menos eventualmente e contra o que se sabia até agora⁷⁸ – rascunhos das suas criações que eram depois passados a limpo antes de ir para a tipografia. A constatação deste facto reveste grande importância para os críticos genéticos de Camilo pois, como afirma Biasi, o rascunho “representa um eslabón esencial en la cadena de de las transformaciones genéticas: el momento de textualización que constituye la mediación entre el proyecto inicial de la obra y el texto definitivo”⁷⁹, mas era um elemento até hoje ausente nos dossiês genéticos da obra de este autor.

O rascunho “permite observar en su estado naciente los recorridos, las estrategias y las metamorfosis de una escritura que [...] trabaja precisamente en hacer sus mecanismos ilocalizables, secretos o problemáticos en la forma acabada do texto definitivo”⁸⁰. Ter podido analisar minuciosamente este documento tão particular permitiu, no caso que nos ocupa, desvendar elementos pertinentes da génese, nomeadamente da exogénese, que, muito provavelmente, teriam ficado completamente disfarçados aos nossos olhos críticos se houvéssemos tido acesso apenas ao original de imprensa, e ainda descobrir, ao menos parcialmente, a biblioteca utilizada pelo autor no decorrer do seu processo criativo.

⁷⁸ “Nos casos conhecidos, Camilo escreve um único manuscrito, do que brota uma edição impressa, sem rascunhos, passagens a limpo, emendas acumuladas em vários suportes [...]. (Mais uma vez, esta afirmação fica a aguardar melhor prova)”. I. Castro, “Camilo: génese e edição”, p. 6.

⁷⁹ P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?” p. 113.

⁸⁰ *Idem*, p. 116.

Edição

[L]as ediciones de documentos autógrafos pueden tomar, en ocasiones, un aspecto esotérico.

Pierre-Marc de Biasi

A representação da génese d'*A Espada de Alexandre*

Problemas taxonómicos e necessidade de rever ideias enraizadas sobre uma obra ou um autor são, afinal, um preço fácil de pagar pela felicidade de aceder a novos dados textuais.

Ivo Castro⁸¹

Paolo Tanganelli afirma que “las redacciones y materiales preparatorios que un escritor coacerva para componer una determinada obra son escritos ancilares que conviene estudiar (y tal vez publicar) solo en la medida en que permiten interpretar mejor la última versión”⁸². Ao longo dos capítulos anteriores foi demonstrado que este é, sem sinal de dúvida, um desses casos onde cabe fazer ambas as coisas (tanto estudar como publicar), não só pelo contributo que este material aporta quanto à intencionalidade autoral como, e sobretudo, pela raridade deste manuscrito em particular quando comparado com os outros manuscritos camilianos de que se tem conhecimento. Fica apenas por determinar o modelo mais apropriado para editar o material contido no dossiê genético (no sentido mais estrito do termo⁸³).

1. Tipo de edição: genética e horizontal

Feita a investigação preliminar que permitiu realizar o estudo precedente, percebe-se como necessário um tipo de edição adequado ao material de que se dispõe. Com efeito, o conjunto dos testemunhos recolhidos carecia de uma edição que se revelasse útil pela sua capacidade de tornar legível a reconstrução do processo de escrita d'*A Espada*. Se aceitarmos que “[u]na edición genética se postula como la transcripción de un proceso significativo fracturado y multidimensional que rompe con la ilusión de linealidad a la que nos tiene acostumbrados la letra impresa”⁸⁴ e ainda que “[r]epresentar ese proceso y facilitar su

⁸¹ I. Castro, “O manuscrito”, sem página.

⁸² P. Tanganelli, “Los borradores”, p. 81.

⁸³ Segundo A. Grésillon, um dossiê genético (*dossier génétique*) é o “ensemble de tous les témoins génétiques écrits conservés d’une œuvre ou d’un projet d’écriture, et classés en fonction de leur chronologie des étapes successives”. (A. Grésillon, *Éléments de critique génétique*, p. 242). No entanto, ao conformar um dossiê genético, constatamos que não interessa apenas o “material prerredaccional, redaccional y editorial de la trayectoria escritural misma; interesan también (aunque tengan carácter complementario) los documentos que aportan informaciones exteriores a la génesis pero valiosas para el analista”. (É. Lois, “La crítica genética”, p. 69). Assim, considero a definição de A. Grésillon como uma definição *estricta* do termo, enquanto que a noção que dele dá Lois será a que denominarei *ampla*.

⁸⁴ É. Lois, “La crítica genética”, p. 65.

«legibilidad» es su finalidad”⁸⁵, não restam dúvidas de que uma edição genética era a escolha acertada.

No entanto, no âmbito da edição genética, o projecto de edição pode tomar duas grandes orientações: as que se interessam apenas por um uma fase, um momento preciso da génese de uma obra, sem se ocupar de todo o seu percurso; e as edições que pretendem dar conta de todas as transformações observadas ao longo do processo de criação da obra, atravessando para isso toda a espessura do seu dossiê de génese⁸⁶. As primeiras são conhecidas como edições horizontais, e as segundas como edições verticais. Estas últimas permitem ainda “prolongar el examen en el estadio textual, yendo de las correcciones de la edición pre-original o de la primera edición hasta eventuales correcciones autógrafas previstas por el autor para la última edición aparecida en su vida”⁸⁷. Dadas as características do dossiê genético de que dispomos, a edição genética vertical apresenta-se como a ideal, uma vez que os testemunhos são apenas três, e dois deles são edições impressas.

A edição vertical foi também a escolhida, com certeza por motivos similares, para editar geneticamente outras obras da produção camiliana. O modelo adoptado nesses casos reveste-se de algumas particularidades, restando então verificar se as características dos testemunhos de que dispomos se adaptam ao modelo já utilizado por reconhecidos camilianos.

2. O modelo de edição genética da obra de Camilo Castelo Branco

Foi em 2007 que o Professor Ivo Castro publicou a que se revelaria como a pedra angular das edições crítico-genéticas subsequentes da produção camiliana: a edição de *Amor de Perdição*, publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda. Com efeito, este volume contém, face a face, duas edições do texto: nas suas páginas pares, uma edição genética que, segundo as palavras do próprio autor, “não poderia limitar-se a reproduzir a variação textual do manuscrito, embora seja a mais abundante e significativa [...]. Ficaria incompleta a reconstituição da génese do texto se a edição não incorporasse as emendas ocorridas nas várias edições”⁸⁸ que foram provavelmente revistas pelo autor. Já nas páginas ímpares encontramos a edição crítica com as suas correspondentes notas (poucas), que permite a leitura limpa do texto a qualquer altura.

⁸⁵ É. Lois, “La crítica genética”, p. 65.

⁸⁶ P-M. de Biasi, “Edición horizontal”, p. 244.

⁸⁷ *Idem*, p. 267.

⁸⁸ I. Castro, “Introdução”, p.120.

Com efeito, a solução encontrada por Ivo Castro (que passarei a referir como Castro 2007) parece óptima para representar a evolução redaccional e editorial da obra e fornecer, ao mesmo tempo e sem mácula do rigor com que se apresenta o trabalho de reconstrução, um texto limpo e de fácil leitura⁸⁹.

Este modelo foi, de facto, utilizado por Carlota Pimenta na edição crítico-genética d'*A Morgada de Romariz*⁹⁰ e tomado como base por Jessica Firmino na edição genética da *História de Gabriel Malagrida*⁹¹, e é o que actualmente está a ser seguido também nas edições genéticas em curso das *Novelas do Minho* (Castro e Pimenta), *O Regicida* (Ângela Correia), *O Demónio do Ouro* e *A Caveira da Mártir* (Cristina Sobral).

3. A presente edição

Dada a eficácia do modelo descrito na secção anterior, este foi, e ainda é, o escolhido para realizar as várias edições genéticas e crítico-genéticas das obras camilianas antes mencionadas, assim como a contida no presente trabalho.

Todavia, a observação rigorosa do modelo Castro 2007 suporia a realização de uma edição crítico-genética, que no entanto não foi, devido às singularidades do material que compõe o dossiê genético desta obra, o tipo de edição escolhido.

Com efeito, a edição seguindo estritamente a proposta de Castro 2007, que de início parecia exequível, desvendou rapidamente que daria como fruto uma edição de complexa leitura e difícil interpretação mesmo para os leitores mais avezados. Porque este dossiê genético não se adaptava a uma aplicação estrita e rigorosa do modelo de Ivo Castro?

Biasi afirma que todos os testemunhos que correspondem às etapas prévias à primeira edição de uma obra dependem de uma genética dos manuscritos, e os que pertencem a etapas posteriores dependem de uma genética do impresso, e acrescenta que “a genética do impresso distingue-se da genética dos manuscritos por um dispositivo nocional apropriado às características de seu objeto, as «variantes textuais», que não são idênticas aos fenômenos de transformação observados nos manuscritos de trabalho”⁹². Não escapa, assim, a esta perspectiva dinâmica do texto, o facto irrefutável de que a sua saída do mundo privado para o

⁸⁹ “La edición crítico-genética expone el fluir de la escritura y ofrece el trabajo del editor con una visión de conjunto, de manera que el lector dispone de todas las redacciones del texto”. J. Lluch-Prats, “Las variantes”, p. 242.

⁹⁰ C. Pimenta, Edições crítica e genética de «A Morgada de Romariz» de Camilo Castelo Branco.

⁹¹ J. F. Firmino, *A gênese de uma tradução de Camilo Castelo Branco: História de Gabriel Malagrida*.

⁹² P.-M. de Biasi, *A genética dos textos*, pp. 39-40.

público representa um marco fundamental no devir desse escrito como ferramenta de comunicação. É a certeza de que essa fronteira será atravessada que leva muitas vezes um autor a intervir na sua própria obra antes de mais ninguém a ter visto, como uma reacção antecipada ao efeito que ela causará nos leitores, a eliminar ou não testemunhos das fases anteriores à editorial, a corrigir sistemática e compulsivamente as provas de impressão, etc⁹³.

Até hoje, acreditava-se que Camilo escrevia apenas um manuscrito das suas obras: aquele que iria para a tipografia. Estes manuscritos, relativamente pouco emendados, permitiam sem maiores dificuldades uma edição como a proposta por Ivo Castro para *Amor de Perdição*, pois realmente o que havia entre eles e a primeira edição eram apenas variantes⁹⁴ (embora muitas vezes significativas).

O manuscrito objecto de estudo do presente trabalho, como já foi provado, revelou-se um elo até agora inexistente na cadeia de testemunhos dos outros dossiês camilianos mas, em contrapartida, deixou em evidência a ausência daquele com que estamos habituados a lidar, aquele para o qual temos uma forma segura e convincente de edição. Com ambos os pés dentro do universo do privado, falta-nos a ponte que serviu de ligação entre ele e o universo do impresso: o manuscrito final ou original de imprensa.

Consequência directa de estarmos em presença de um rascunho, mesmo que muito provavelmente com função de manuscrito pré-definitivo, o alto número de cancelamentos, acrescido ao elevadíssimo número de variantes com respeito à primeira edição (das quais, convém ainda lembrar, na verdade não sabemos quais são efectivamente variantes da primeira edição e quais as correcções realizadas no manuscrito final), dão como resultado, ao intentar editar seguindo rigidamente o modelo antes apontado, páginas sobrecarregadas de símbolos e frases constantemente interrompidas por variantes, por vezes muito extensas, das edições impressas (principalmente da primeira). Como era de esperar, um texto permanentemente interceptado por este tipo de fenómenos resultou numa edição intrincada, e de legibilidade duvidosa.

⁹³ É. Lois, “La crítica genética”, p.71.

⁹⁴ Segundo Biasi, “[s]ea cual sea su importancia, estas modificaciones (o «variantes») que, de nueva edición en nueva edición, pueden producir versiones sensiblemente diferentes de la obra no tienen [...] el mismo status que las transformaciones observables en el dossier de génesis de la obra primitiva”. (“¿Qué es un borrador?”, p. 128). Por sua vez, Castro afirma que prefere falar de correcções e não de variantes de autor porque as últimas aplicam-se mais quando se está a lidar com duas lições alternativas entre as quais o autor não toma uma decisão graficamente explícita. (“Camilo: génesis e edição”, p. 7). Assim, para evitar ambiguidades na interpretação, decidi utilizar o termo *variante* apenas para as diferentes lições que aparecem entre o manuscrito definitivo e a primeira edição, e ainda entre edições, e *correcções* para as lições que são fruto das emendas realizadas nos manuscritos.

Confrontada com esta situação, tinha de procurar uma alternativa que, sem se afastar muito do modelo Castro 2007, permitisse ao leitor usufruir de toda a informação que poderiam oferecer a genética do manuscrito e a genética do impresso e ainda do seu contraste. A solução encontrada passou por oferecer, tal como no *Amor de Perdição*, duas transcrições integrais da obra face a face, mas neste caso duas edições genéticas: a do manuscrito e a das edições impressas, deixando para um trabalho posterior a edição crítica que, quase naturalmente, derivará das presentes.

Contudo, as características do manuscrito e da primeira edição permitiam que tal fosse realizado não página a página, como tinha sido feito até agora, mas sim utilizando duas colunas por página. Como foi referido no segundo capítulo, o número de fólios do manuscrito e de páginas da primeira edição foi praticamente o mesmo: 51 no primeiro caso e 50 no segundo. Por outro lado, cada página do manuscrito contém relativamente pouco texto, o que permite que a sua edição genética, com todos os símbolos e notas que lhe são inerentes, caibam bem numa coluna de uma folha de tamanho A4 utilizada na horizontal. Assim, este texto é o que aparece na coluna da esquerda, enquanto que a coluna da direita contém o texto da edição genética dos impressos.

Apesar de ser uma orientação da folha pouco habitual, ela permite a um tempo oferecer ambas as edições num formato visualmente equilibrado, sem grandes espaços em branco, mas sem constranger quem lê. Não devemos esquecer que o destinatário desta edição poderia querer, a um tempo, cotejar, quase linha a linha, o que se encontra transcrito em cada uma das colunas, e ainda compreender e acompanhar a evolução que o texto comportou no interior de cada um destes momentos da génese tão diferentes. Assim sendo, editar o texto neste formato permite desdobrar a informação que se apresenta, página a página, ao leitor, evitando o risco de ilegibilidade.

Não foram deixadas em branco nem representadas de maneira nenhuma as páginas do manuscrito analisadas em **1.3.2.3.** do **Capítulo 2**, que se revelaram sem valor genético.

Quanto às notas de pé de página, distinguem-se as do autor das da editora da seguinte maneira: logo a seguir ao texto, separado dele por uma linha curta e respeitando os sinais inscritos em cada um deles, são apresentadas as notas de rodapé de cada testemunho. Por baixo delas, e separadas por uma linha que atravessa quase completamente a coluna, oferecem-se as minhas notas editoriais.

Por fim, apresento o elenco dos sinais utilizados e respectivo significado. A simbologia genética desta edição segue o modelo de Ivo Castro⁹⁵:

<...>	segmento riscado pelo autor;
<...>/...\ 	substituição por sobreposição;
<...>[↑...]	cancelamento e adição de segmento na entrelinha superior;
[...]	adição de segmento na linha;
[↑...]	adição de segmento na entrelinha superior;
[↓...]	adição segmento na entrelinha inferior;
*...	leitura conjecturada;
<†>	segmento cancelado e ilegível.

⁹⁵ I. Castro, “Introdução”, pp. 119-120.

Bibliografia

[CASTELO BRANCO, Camilo,] *A Espada de Alexandre. Corte profundo na questão do homem-mulher e mulher-homem*, por Um Socio Prendado de Varias Philarmonicas, Porto, Typographia da Casa Real, 1872.

BIASI, Pierre-Marc de *A genética dos textos*, Porto Alegre, Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

BIASI, Pierre-Marc de, “¿Que és un borrador? El caso Flaubert: ensayo de tipología funcional de los documentos de génesis”, *Genética Textual*, introd., compil. y bibliografía de Emilio Pastor, Platero, Madrid, Arco Libros, 2008, pp. 113-51.

BIASI, Pierre-Marc de, “Edición horizontal, edición vertical. Para una tipología de las ediciones genéticas (El dominio francés 1980-1995)”, *Genética Textual*, introd., compil. y bibliografía de Emilio Pastor, Platero, Madrid, Arco Libros, 2008, pp. 233-72.

Biblioteca de D. Diogo de Bragança, viii Marquês De Marialva & Outros Livros Importantes, Catálogo do leilão, org. Pedro de Azevedo, leitura paleográfica de Susana Tavares Pedro, Lisboa, Outubro de 2013.

Biblioteca do Dr. José de Sá Monteiro de Frias (Literatura e História), Catálogo do leilão organizado pela Livraria Manuel Ferreira, Porto, Março de 2011.

BIRD, Dúnlaith, *Travelling in different skins. Gender identity in European women's oriental travelogues, 1850-1950*, Oxford, Oxford University Press, 2012.

BORGES, Jorge Luis, “Las versiones homéricas”, edición digital a partir de *El reverso del tapiz: Antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria*, Budapest, Eötvös József, 2003, pp. 41-45. Disponível em [http://www.cervantesvirtual.com/obra/las-versiones-homericas/\(19-08-2015\)](http://www.cervantesvirtual.com/obra/las-versiones-homericas/(19-08-2015)).

CABRAL, Alexandre, *Dicionário de Camilo*, 1ª ed., Lisboa, Caminho, 1988.

CABRAL, Alexandre, *Polémicas de Camilo*, v. VIII, Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

Camilo Íntimo. Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao visconde de Ouguela, prefácio A. Campos Matos, posfácio João Bigotte Chorão, Lisboa, Clube do Autor, 2012.

CASTELO BRANCO, Camilo, “A Espada de Alexandre”, *Boémia do Espírito*, Porto, Livraria Civilização, 1886.

CASTRO, Ivo, “Camilo: génese e edição”, Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos (1991), Coimbra, 1994, pp.75-88.

CASTRO, Ivo, “Introdução”, *Amor de Perdição*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

CASTRO, Ivo, “O manuscrito do *Amor de Perdição* e a edição do romance”, comunicação inédita, apresentada no 2.º Congresso Camiliano, S. Miguel de Seide, 1 de Junho de 2005.

CEIA, Carlos, *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, <http://www.edtl.com.pt> (04-08-2015).

D'IDEVILLE, Henri, *O marido que mata e o marido que perdoa. Os reis d'aldêa. Precedido d'uma carta a Alexandre Dumas filho*, versão de Gervásio Lobato, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves, 1872.

DEBRAY-GENETTE, Raymond, “Esbozo de método”, *Genética Textual*, Introd., compil. y bibliografía de Emilio Pastor, Platero, Madrid, Arco Libros, 2008, pp. 79-109.

DUARTE, Luiz Fagundes, «Introdução» in Eça de Queirós, *A Capital! (começos duma carreira)*, Edição crítica por L.F.Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

DUMAS Filho, Alexandre, *O Homem-Mulher*, tradução de Santos Nazaré, Lisboa, P. Plantier & C.^a, 1872.

DURANTE, Erica, “La biblioteca de escritor frente al mundo global. Repensar un método a partir de R. Piglia, D. Link y R. Fresán”, *Manuscritica*, nº 24, 2014, pp. 23-40. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/1467> (20-08-2015).

FERGUSON, Eliza E., *Gender and Justice*, Maryland, The Johns Hopkins University Press, 2010.

FIRMINO, Jessica Fontes, *A gênese de uma tradução de Camilo Castelo Branco: «História de Gabriel Malagrida»*, tese de mestrado em Crítica Textual apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.

GRÉSILLON, Almuth, *Éléments de critique génétique. Lire les manuscrits modernes*, Paris, Presses Universitaires de France, 1994.

GUIMERÁ, Vicente, “Hombres y mujeres”, *Matrimonio, Adulterio, Divorcio*, Tomo II, Madrid, Zaragoza y Jaime Editores, 1873, pp. 117-222.

LLUCH-PRATS, Javier, “El obrador del escritor y la edición filológica del texto literario contemporáneo”, *Crítica genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos. Aportaciones a una «poética de transición entre estados»*, coord. por Bénédicte Vauthier y Jimena Gamba Corradine, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, pp. 97-114.

LLUCH-PRATS, Javier, “Las variantes de autor en el proceso genético y editorial del texto literario contemporáneo”, *Lapurdum [En ligne]*, nº 13, 2009, pp. 233-44. Disponível em: <http://lapurdum.revues.org/2102> (07-08-2015).

LOIS, Élida, “La crítica genética: un marco teórico sobre la disciplina, objetivos y método”, *Creneida*, 2, 2014, pp. 57-78. Disponível em <http://www.creneida.com/revista/creneida-2-2014/la-cr%C3%ADtica-gen%C3%A9tica-un-marco-te%C3%B3rico-sobre-la-disciplina-objetivos-y-m%C3%A9todos-%C3%A9lida-lois/>, (07-08-2015).

MCLEOD, Cindy A., *Louisa S. McCord and the «Feminist» Debate*, Electronic Theses, Treatises and Dissertations, The Florida State University, 2011, <http://diginole.lib.fsu.edu/etd> (04-07-2015).

MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino, “Biblioteca de traductores españoles” in *Edición Nacional de las obras completas de Menéndez Pelayo*, vol. 57. Santander, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952-1953. Disponível em:

<http://www.larramendi.es/menendezpelayo/i18n/corpus/unidad.cmd?idCorpus=1000&idUnidad=101290&posicion=1> (07-07-2015).

MENEZES, José de Azevedo e Daniel Augusto dos Santos, Francisco Maria de Oliveira e Silva, *et al.*, *Camillo Homenageado. O escriptor da graça e da beleza*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1921.

NAZARETH, Santos, *Problemas e Soluções. Algumas palavras aos leitores do «Homem-Mulher»*, Lisboa, Typographia Lisbonense, 1873.

Notícia não assinada, *Chicago Tribune*, nº 323, 3 de Julho de 1872, p. 2.

Notícia não assinada, *Diário de Notícias – Rio de Janeiro*, nº 498, 7 de Junho de 1872, p.2.

Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 65, 3 de Setembro de 1872, p. 259.

Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 86, 24 de Setembro de 1872, p. 343.

Notícia não assinada, *Diario Illustrado*, nº 93, 01 de Outubro de 1872, p. 372.

OLIVEIRA, Maria A. Nazaré de, *Os Biógrafos de Camilo*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 2010, disponível em: http://run.unl.pt/bitstream/10362/5568/1/Biografos_Camilo.pdf (08-07-2015).

ORTIGÃO, Ramalho e Eça de Queiroz, Artigo sem título publicado n’*As Farpas*, nº correspondente aos meses de Setembro a Outubro de 1872, pp.3-35.

PEREIRA, Miriam Halpern, *Do Estado Liberal ao Estado-Providência: um século em Portugal*, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2012.

PIMENTA, Carlota, *Edições crítica e genética de «A Morgada de Romariz» de Camilo Castelo Branco*, tese de mestrado em Estudos Românicos (Literatura Portuguesa), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.

SOBRAL, Cristina, “Nota à edição”, *O demónio do ouro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014, pp. 355-69.

STUSSI, Alfredo, *Introduzioni agli studi di filologia italiana*, 4ª ed., Bologna, Il Mulino, 2011.

TANGANELLI, Paolo, “Los borradores borradores unamunianos (algunas instrucciones para el uso”, *Crítica genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos. Aportaciones a una «poética de transición entre estados»*, coord. por Bénédicte Vauthier y Jimena Gamba Corradine, Estudios Filológicos, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2012, pp. 73-96.

VAZ, Artur Emilio Alarcon, “Os primórdios da cultura impressa no extremo sul brasileiro”, *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*, Coleção PósLetras, coord. Socorro de Fátima P. Barbosa, Paraíba, Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2014.

VIZETELLY, Ernest A., *Republican France – 1870-1912 – her presidents, statesmen, policy vicissitudes and social life*, Londres, Holden & Hardingham, 1912.

A Espada de Alexandre

[rosto]

<Carta ao snr Raimundo> [↑[<A grande questão> [↓corte profundo]
<do>/na q\uestão
<Marido-esposa>[↑Homem-mulher], da <Esposa-marido>[↑Mulher-
homem],
do *Mata-aquelle!* do *Mata aquella!*
do *Mata-os-dous!*] [↑– A espada de Alexandre–]]
Por
certo philosopho tudesco, natural da
rua das Congostas, na cidade eterna,
e socio prendado de varias philarmo
nicas.

A ESPADA DE ALEXANDRE

<2 CORTE PROFUNDO NA QUESTÃO DO HOMEM-MULHER
E MULHER-HOMEM

POR

UM SOCIO PRENDADO DE VARIAS PHILARMONICAS >

[1]

<A grande questão> <[↑A espad]>

Carta ao meu visinho Raimundo, poeta laureado na «Aguia-d'-ouro»... <†>

Meu caro senhor e visinho.

Era por uma noite de lua cheia do agosto preterito. Estava eu á janella do terceiro andar, onde moro, nesta fragrante rua das Congostas, ninho de poetas e philosophos, selva ramalhosa onde VS^a regorgeia as suas lyras, e eu medito Theophilo e Rozalino Candido.

Estava[m] então VS^a e sua esposa, com as vidraças erguidas, banhados dos resplendores da lua, altercando em voz alta a respeito de um livro de Dumas-Filho, obra ã por ahi gira traduzid<o>/a\ com o titulo hermaphrodit<a>/o\ de: «O homem-mulher».

Disia sua esposa que o auctor do livro <*merecia ter a sua> atacava o pudor; e VS^a replicava que o auctor do livro [↑não] atacava <o impudor> [↑nada].

Redarguia S. Ex^{ca} que a mansão conjugal não era açougue,

CARTA AO MEU VISINHO [2 SNR.] RAIMUNDO <2,>

POETA LAUREADO NA «AGUIA -D'OURO» [2 «AGUIA D'OURO»^(*)]

MEU CARO SENHOR E VISINHO! [2 *Meu caro senhor e visinho!*]

Era por uma noite de lua cheia do agosto preterito. Estava eu á janella do terceiro andar, onde moro, n'esta fragrante rua das Congostas, ninho de poetas e philosophos, floresta ramalhosa onde v. s.^a regorgeia as suas lyras, e eu medito Theophilo e Rozalino Cândido.

Estavam então v. s.^a e sua esposa, com as vidraças erguidas, banhados de resplendores da lua, altercando em voz alta a respeito de um livro de Alexandre Dumas-Filho, obra que por ahi gira com o titulo hermaphrodita de HOMEM-MULHER.

Dizia sua esposa que o auctor do livro atacava o direito, a justiça, a religião e o pudor. Eeplicava o snr. Raimundo que o auctor do livro não atacava nada; pelo contrario defendia tudo.

Redarguia s. exc.^a que a mansão conjugal não é açougue,

[2 (*) Publicada pudicamente sem nome de auctor em 1872.]

nem a esposa vaca, nem o marido megarefe. Re<dar>/cal\citrava VS^a que a esposa devia considerar-se vaca desde q̃ o marido era boi. *L'homme-femme! – le bouf-vache!* Está claro.

Contenderam os meus presados visinhos *neste¹ honesto certame longo tempo; e <não posso determinar quem venceu> , ao mesmo passo q̃ mutuam^{te} se instruíam sobre os deveres de cada um, abriam no meu cerebro um <manancial> golpho de philosophias, que eu vou esguichar aos quatro ventos da terra.

Os sentimentos expostos n'esta carta, meu illustrado visinho, são uma especie de prolegómenos com que antecedeo a publicação de um drama em que estou trabalhando, intitulado O HOMEM DE CLAUDIA. Não se presume, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores ao meu drama no Theatro-Circo. Não, snr Raimundo. Eu sou publicista da eschola de Mestre Theophilo – o symbolico,

[...um que tem nos *malabares*
Do summo sacerdocio a dignid^e,

como a respeito d'elle vaticinou Camoens, no Cant x, est. 11.]² Público um livro; sei q̃ ninguem m'o compra nem m'o lê; mas convenço-me, á laia do mestre, que os meus livros ensinam tudo q̃ os outros sabem. Esta ronha pegou-m'a elle, [↑o Grão-Lama,] que imagina fazer <systemas ethnographicos>[↑ reformas scientificas com os seus livros de dentadura anavahada] como Cadmus fazia homens com os dentes do <monstro> [↑dragão]. Ajoujei-me <a elle>[↑na canga deste pedagogo,], e vou bem.

Revertendo ao ponto:

¹ neste: *palavra parcialmente apagada por mancha de gordura que alastra por várias folhas (ver descrição material do ms.).*

² *O acresento foi feito na página [1v]. É o único deste género em todo o manuscrito.*

nem a esposa vaca, nem o marido megarefe. Recalcitrava v. s.^a que a esposa devia considerar-se vaca, desde que o marido era boi. *L'Homme-Femme – Le Bœuf-vache!* Está claro. [2 boi. Isso é assim.]

Contenderam largo espaço os meus prezados visinhos n'este honesto certame; e, ao mesmo passo que mutuamente se illustravam nos deveres de cada um, abriam no meu [2 , esguichavam do meu] cerebro um jacto de philosophias que eu passo a golphar aos quatro ventos da terra.

Os sentimentos bem ou mal expendidos n'esta carta, meu prezado visinho, são uma especie de prolegómenos com que tenciono predispor os animos para a representação de uma tragedia, em que trabalho ha muito, intitulada *O homem de Claudia*. Não se presume, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores para a minha tragedia no Theatro-Circo. Não, snr. Raimundo. Eu sou publicista da eschola de Mestre Theophilo – o symbolico,

.....um que tem nos MALABARES
Do summo sacerdocio a dignidade,

como a respeito d'elle vaticinou Luiz de Camoens, no Cant. x, est. 11.

Público um livro, [2 ;] sei que ninguém m'o compra, nem m'o lê; mas convenço-me, á laia do mestre, que os meus livros ensinam tudo que os outros sabem. Esta ronha pegou-m'a elle, o Grão-Lama, que imagina fazer reformas de raças com os seus livros de dentadura anavahada como Cadmus fazia homens com a dentuça do dragão. Ajoujei-me, pois, na canga d'este pedagogo, e vou bem.

Revertendo ao ponto:

3

Affirmam auctores de boa nota ã a mulher é femea. Neste parecer abundam D. Antonio, bispo do Algarve, [↑na Reforma do aprizoam^o] e Bento Pereira, na *Prosodia*. Auctoras, [↑tambem] de boa nota, asseveram ã o homem é macho. Do *inlace³ e coezão destas entidades heterogeneas forma-se o Macho-femea – o colchete <social>[↑philoginio.] Faça-me o favor, visinho, de <alcatruzar>[↑alçapremar] o seu intellecto á altura destes principios. Em <questoens>[↑materias] transcendentis, seja-me aguia, e não kágado.

No principio do mundo – (não iremos mais longe) – <creou> [↑extrahiu] Deus a femea do intercosto do homem. <Eras felizes! Hoje em dia, o antropophago, se pilha o homem, o que lhe tira das costas é o bofe, um homem civilisado><Tempos do paraizo><Tempos><Dias>Aurora do paraizo! Então era a costella do homem ã dava a mulher! Hoje em dia, ha homens com todas as costellas <quebra>[↑parti]das por que desejaram uma! O lombo do rei da criação perdeu toda a importancia desde ã os anthropophagos <ameaçaram>[↑pegaram] de extrahir d'elle <bifes> *sandwich<es>/s\ <aux cõteteletes>*.

Este exemplo <barbaro>[↑indelicado], induziu a <femea>[↑esposa] a considerar o marido uma substancia comestivel entre o prezunto de <viado>[↑javali] e o paio d<e>/o\ <Lamego>[↑Alem-Tejo]. D'ahi <a desconsideração,>[↑o desacato,] <a>/o\ <quebra>[↑deslize] d'aquella patriarchal idolatria com que dez centos de mulheres <acatavam>[↑genuflectiam] a Salomão.

Affirmam auctores de boa nota que a mulher é femea, *femina*. N'este parecer abundam D. Antonio Ayres, bispo do Algarve, na «Reforma» do aprisoamento, e Bento Pereira, na *Prosodia*. Auctoras tambem de boa nota asseveram que o homem é macho. Do inlace e coezão d'estas entidades heterogenias forma-se o Macho-Femea, o colchete phyloginio. Faça-me o favor, snr. Raimundo, de alçapremar o seu intellecto á altura d'estes principios. Em materias transcendentis seja-me aguia e não kágado.

No principio do mundo (não iremos mais longe por em quanto) extrahiu Deus a femea do intercôsto do homem. Aurora do paraizo! Então era a costella do homem que dava a mulher; hoje em dia, ha homens com todas as costellas partidas porque desejaram uma ou duas mulheres! O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importancia desde que os nossos irmãos anthropóphagos pegaram d'extrahir d'elle *sandwichs*.

Este exemplo indelicado seduziu a esposa a considerar o marido uma substancia comestível entre o prezunto .de javali e o fiambre de viado. D'ahi, o desacato, o deslize d'aquella patriarchal idolatria com que dez centos de mulheres genuflectiam ao santo rei Salomão.

³ inlace: *idem nota anterior*.

Abastardado o antigo preito da costella ao costado, os philosophos <e os theologos> inventaram a alma para de alguma forma <nobilizarem> [↑afidalgarem] a junção da carne á carne, do osso ao osso. <Caro carnis mea, os ex ossibus meis. Com a alma,>Ideada a alma, cumpria ungir com os oleos mysticos o pacto da alliança entre espirito e espirito. <Occorreram>Accudiram os <theologos> canonicos com a invenção do sacramento. <Creio>Espero que o meu visinho <Raimundo>[↑poeta] não ignore que os sacramentos são sete. E, se esta especie de duvida offende a sua piedade, sirva-me de desculpa aquillo ã diz Plutarcho no <<> *Tractado sobre a maneira de ler poetas*: «A religião, coisa difficil de perceber, está assima da intelligencia dos poetas». Mas do Sacramento do matrimonio sei eu que o snr Raimundo [↑, apesar de mtº lyrico,] percebe o essencial, por que eu mesmo o ouvi dizer a sua esposa: – «O matrimonio é divinamte instituido» Por signal ã ella, áttica e sceptica, lhe respondeu: “Bem me fio eu n'isso”.

E a rasão de sua esposa duvidar da procedencia divina da instituição, meu caro visinho, eu lhe digo em que bases se funda. Instituição divina ha so uma: é o mundo. Esta crença hade prevalecer em quanto meu mestre Teophilo não

Abastardado o antigo preito da costella ao costado, da parte ao todo, os philosophos inventaram a alma para d'alguma forma afidalgarem a junção da carne á carne, do osso ao osso – phrase bíblica sobremaneira bonita e aziatica. Ideada a alma, cumpria ungir com os oleos mysticos o pacto da allianca entre alma e alma. Accudiram os canonicos com a invenção do sacramento.

Espero que o meu visinho não ignore inteiramente que os Sacramentos são sete. E, se esta sombra de duvida offende a sua orthodoxia, sirva-me de desculpa aquillo de Plutarcho no seu tractado *Da maneira de lêr poetas*. Diz elle: «A religião, coisa difficil de perceber, está acima da intelligencia dos poetas.» Mas do sacramento do matrimonio sei eu que o snr. Raimundo, sem embargo do seu alto lyrisimo, percebe o essencial, porque eu mesmo o ouvi dizer a sua esposa:

«O matrimonio foi divinamente instituido.» Por signal que ella, áttica e sceptica, lhe respondeu: – Bem me fio eu n'isso!

E a razão de sua esposa duvidar da procedencia divina da instituição, meu caro visinho, eu lhe digo em que bases se funda.

Instituição divina ha só uma: é o mundo. Esta crença hade prevalecer emquanto meu mestre Theophilo não

quizer provar ã o mundo é obra dos mozarabes. Divino é tão somt^e aquillo ã humanam^e se não faz. Os sonetos de VS^a não me parecem absolutamente de instituição divina. O casamento³ também não; por ã actuam n'esse acto <[↑, mediante o ministerio do padre,]> o amor, o interesse, a vergonha, o medo, o reumathismo, a papa de linhaça posta por mão de esposa <nas gastro interitis>[↑carinhosa nas inflamações do apparatus digestivo.], etc. Estas coisas são tão divinas como eu; e, se não ousou dizer como o visinho, é por que VS^a, na sua qualidade de <poeta>bardo, tem <fogo †>lume divino, *mens divina*, <que o dispensa do calorico das algibeiras>arde, fumea, evola-se, como Elias — <incença>[↑volatização] de que se não gabam <os n>/aqui\ os nossos visinhos <merceir><especieiros> <adinheirados>[↑pecuniosos] por <cauza> ã o <oiro>[↑dinheiro] pucha por elles para baixo como <os elithros>[<↑as escamas>os elythros] pela tartaruga.

<A graça divina com> VS^a sabe que, na antiga Germania, <segundo> [↑consoante Cornelio] Tacito descreve, aquelles barbaros ditosos cazavam-se sem sacramento, sem sacerdote e sem templo. O noivo, em prezença de <seus> parentes <e dos>[↑seus e] da noiva, disia: «Recebo-te como m^a legitima mulher, p^a te haver e possuir, desde hoje, boa ou má, rica ou pobre, p^a te amar e assistir em tempo de saude e de doença, até ã a morte nos separe» Alli, divind^e e padre, n'aquella

quizer provar que o mundo é obra dos mosarabes. Divino é tão sómente aquillo que humanamente se não faz. Os sonetos de v. s.", por exemplo, não me parecem absolutamente de instituição divina. O casamento também não, [2 ;] por que em tal acto influem o amor, o interesse, o medo, a vergonha, o reumatismo, a papa de linhaça posta por mão de esposa carinhosa nas irritações do apparatus digestivo, etc. Estas coisas são tão divinas como eu; e, senão [2 se não] ousou dizer como o visinho, é por que v. s.^a, na sua qualidade de bardo [2 vate], tem lumes divinos, *mens divina*; arde, fumea, evola-se como Elias – volatização de que se não gabam aqui os nossos visinhos pecuniosos por que o dinheiro pucha por elles para baixo como os elythros pela tartaruga.

V. s.^a sabe que, na antiga Germania, consoante Cornelio Tacito descreve, aquelles barbaros ditosos cazavam-se sern sacramento, sem sacerdote e sem templo. O noivo, em presença de parentes seus e da noiva, dizia-lhe: «Recebo-te como minha legitima mulher, para te haver e possuir, de hoje ávante, boa ou má, rica ou pobre, para te amar e assistir em tempo de saude e doença, até que a morte nos separe».

Alli, divindade e padre, n'aquella

⁴casamento: *idem nota anterior*.

augusta cerimonia, eram os arcanos sagrados⁵, *arcana sacra*, o mysterioso respeito ao Deus invisivel, consagrado nos solitarios murmurios das florestas, *lucos ac nemora consecrant*. <As prendas de noivado eram um cavallo arreado, e um>

Ora, <veja-me>[↑medite], snr, [n']estes selvagens onde <o>/a\ <adulterio>mulheres rapadas, as aduleras, eram por tanta maneira raras, que apenas aparecia uma para sevar a execração das turbas. Pois olhe que não havia la n'aquelles matagaes idea de <sacramento, nem de> <[↑costella]><[↑mulh]> femea fabricada da costella do homem. La disia-se que a creadora do mundo fôra uma enorme vaca, <e cá>[↑e] vivia-se honradam^e, <com>não obstante <os>/a\ estupid<os>/a\ <primordios> [↑cosmogonia] de uma vaca [↑bruta]; e por aqui, no pino da civilização, com tantas vacas sabias, vamos a pique! As nossas femeas restituem-nos a costella, pondo-n'o-l-a como appendiculo nos craneos; e, em vez de se tosquiarem á guiza de germanas, alcantilam as cabeças com uns riçados delirantes! Atroz!

<Veja a distancia que mede entre o ceo>Diga-me, poeta laureado, não será injuriar Deus attribuir-lhe o vinculo sacramental do matrimonio, donde derivam tantos infernos <vistos>sabidos, tantos infernos ignora<n>dos, tantos coraçoes nobilissimos prevertidos, <tantas flores d> tant<o>/a\ <esca> deshonra escarnecida pelos folioens dos palcos, tanta mulher emborcada no golphão das lagrimas a que a sociedade chama o lodaçal das prostituiçoes?

augusta cerimonia, eram os arcanos sagrados, *arcana sacra*, o mysterioso respeito ao Deus invisivel, consagrado nos solitarios murmurejos da selva, *lucos ac nemora consecrant*.

Ora, medite, snr., n'estes selvagens, onde as mulheres rapadas, as aduleras, eram por tanta maneira raras, que apenas apparecia uma para cevar a execração das turbas! Pois olhe que não havia lá n'aquellas florestas dodonicas idea de femea fabricada da costella do homem. Lá dizia-se que a creadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vaca, e vivia-se honradamente apesar de tão estúpida cosmogonia [2estúpido genesis] de uma vaca bruta; e, por aqui, no pino da civilização, com tantas vacas sabias, vamos a pique! As nossas femeas restituem-nos a costella, pondo-no'l-a como appendice ao craneo; e, em vez de se tosquiarem á guiza das germanicas, alcantilam as cabeças com uns riçados delirantes. Atroz!

Diga-me, [2 Diga-me, visinho e] poeta laureado: não será injuriar Deus attribuir-lhe o vinculo sacramental do matrimonio, d'onde derivam tantos infernos sabidos, tantos infernos ignorados, tantos coraçoes nobilissimos [2 gentilissimos] pervertidos, tanta deshonra escarnecida pelos folioens dos palcos, tantas alcovas devassadas, tanta mulher emborcada no gôlphão das lagrimas a que a sociedade chama o lôdo [2charco] da prostituição?

⁵ arcanos sagrados *aparece com um sublinhado cancelado no manuscrito.*

As <obras divinas desfecham n>estradas complanadas pela mão de Deus levam a taes voragens? Ó snr Raimundo, não parvoejemos por amor ao Catholicismo. Não façamos da nossa hypocrisia aspa de patibulo em que estamos sempre a cravejar a memoria de Jesus, sobre quem <*não desfechou>Deus refrangiu <a>/o\ mais luminoso resplendor da sua gloria. Jesus não fez o casamento: quiz fazer a nova Eva, com o pé sobre a cabeça da serp<ente>/e\, e a fronte encostada ao seio do <Adão novo,><do homem>amante <,>. Ah! Jesus disse: «Amai-vos !» Isto de: «maridai-vos» é verbo, ã não deriva do hebreu nem do chaldeu. Ser-me-hia mais facil enconral-o em Petronio que em S. Paulo. Ha ahi <um> ressaibo impudente <que o> nessa palavra <,>/. \ <q>/Q\quando ella vier do intimo seio aos labios da mulher, ja la dentro não ha flor ã lhe perfume o fartum. Maridança! <*Pr> A expressão deslavada d'um acto sem

Levam a taes voragens as estradas [2 veredas] complanadas pela mão de Deus?

Ó snr. Raimundo, não parvoejemos por amor ao catholicismo. Não façamos da nossa hypocrisia aspa de patibulo em que estamos sempre a cravejar a memoria de Jesus, sobre quem Deus refrangiu o mais divino reflexo da sua gloria.

Jesus não fez o casamento: quiz fazer a nova Eva, com o pé sobre os colmilhos da serpe, e a fronte amparada no seio amantissimo do homem. Ah! Jesus disse: «Amai-vos !» Isto de: «maridai-vos» é preceito de concilios, e é palavra que não soa no lexicon hebreu nem chaldeu. Ser-me-hia mais facil enconral-a em Petronio que em S. Paulo. Ressuma d'essa palavra um travo de impudor. Quando ella vier do intimo seio aos labios da mulher, já lá dentro não ha flor que lhe perfume o furtum [2 fortum]. *Maridança!* – expressão deslavada de um acto sem

vislumbre de ideal, <um desfloram^o da prosodia>[↑a desfloração a começar na prosodia,], um <reduzir>[↑rebaixam^o] [d']<esse>[↑aquelle] prodigio da fantasia de Deus – da mulher – á condição da femea, <da maquina<, da leira onde se> com saco uterino>[↑ de retorta, de recepiente, de maquina de costura silenciosa, de saco uterino], <da leira alqueivada> [↑materia grangeada] para reproduzir, como q^m <alqueiva>[↑aduba] um torrão ã hade verdejar couves lombardas. Atroz! <meu visinho>[↑snr Raimd^o], atroz!

Que é o adulterio? É a rasão insurgida contra o absurdo do vinculo indissolúvel. A mulher, que morre, no acto da sua rebelião, que é? Hoje é uma infame ã uns deploram e outros insultam na tumba. D'aqui a cem annos será celebrada como holocausto da emancipação.

Por que d'aqui a cem annos, visinho, não haverá matrimonio nem adulterio [↑– este crime convencional, e estranho á natureza – como diz o meu collega Girardin]; haverá amor <alimenta>duravel e mantido <pela certeza>mutuamente pela <recor>liberdade de quebrantar o pacto. O sacramento, o nó indesatavel, serão os anjos, os filhos. Por que os filhos, os meninos queridos de Jesus, desde então conversam com Deus, e haurem-lhe dos olhos divinos o raio de luz que reverbera entre os coraçoes de seus pais. Não <hav>[↑desc]erá a treva do tedio <nas>[↑sobre as] almas amadas. <Quando o dragão da lascivia passar> A aza branca do filho cobril-as-ha, quando a hydra da lascivia <sahir>[↑resaltar] das ruinas de algum antigo mosteiro de bernardos ou bernardas.

vislumbre de ideal, a desfloração a começar na prosodia [2 lingua], um rebaixamento d'aquelle prodigio da fantasia genetica – da mulher – á condição da femea, de retorta, do [2 de] recipiente, de maquina de costura silenciosa, da [2 , –] materia grangeada para reproduzir, como quem aduba um torrão que hade verdejar couves lombardas!

Atroz, snr. Raimundo, atroz!

Que é o adulterio?

É a razão insurgida contra o absurdo do vinculo indissolúvel.

A mulher que morre no acto da sua rebelião, que é? Hoje, é uma criminosa que uns deploram, e outros improperam na sepultura. D'aqui a cem annos será celebrada como holocausto da emancipação.

Por que, d'hoje a cem annos, visinho, não haverá matrimonio, nem adulterio – crime convencional e estranho á natureza, na judiciousa phrase de Girardin <2 – >; haverá amor duravel e mantido mutuamente pela liberdade de quebrantar o pacto. O sacramento, o nó indesatavel, serão os anjos, os filhos. Por que os filhos, as creanças amadas do defensor de Maria Magdalena, desde então conversam com Deus, e haurem-lhe dos olhos divinos o raio de luz que reverbéra entre os coraçoes de seus pais. Não descera a treva do tedio sobre as almas amadas. A aza pura e alva do filho cobril-as-ha, quando a hydra da lascivia resurtir das ruinas de algum extincto mosteiro de bernardos ou bernardas.

<Por que o casamento> Que é o matrimonio? A definição dada pela m^a collega Maria Deraismes rescende aromas de tão subtil feminilidade, que não ha ahi coisa mais balsamica de donzellice e pudicicia.

Ora leia, meu poeta, e confesse q̃, a par d'isto, os seus madrigaes são trovas [↑desbragadas] de fadista da rua das Gaviás. «O cazam^o, – diz ella, <z>/r\efutando Dumas-Filho – é a junção de dois organismos, cada um com seu officio a exercer, em consequencia de precisoens, appetites, desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um com outro, sendo o objecto desta satisfação a perpetuid^e da especie. Eis a essencia, o fim do casamento....» (1)

Esta minha collega <é poetisa>physiologica <, e deve ser>[↑, ao que parece, é] lida em Sanches, *De matrimonio*, <e outros authores><Bichat e outros auctores anatomicos.>e conhece anatomia. [P^a] Alguns espiritos rasteiros <veem>[↑prefiguram-se] no hymeneu suavidades, arrôbos, idealisaçoens e <chimeras>[↑borboletas iriadas]; a snr^a D. Maria da EVA, não: essa vê dois órgãos com appetites. <Podia> Em materia de cazam^o, é organista.

<Mas é sabia.> N'outra passagem, pag. 38, esta <sábia> [↑philosophia,],

(1) ÈVE, *contre Monsieur Dumas Fils*. Pag. 47.

Que é o matrimonio?

A definição, dada recentemente pela minha collega Maria Deraismes, recende aromas de tão subtil feminilidade, que não ha ahi coisa mais balsamica de donzellice e pudicicia!

Ora, leia, poeta e senhor meu, e confesse que, ao par d'isto, os seus madrigaes são trovas de marujo que fadeja nas fontes cabalinas da Travessa dos Barbadinhos.

«O casamento – diz a dama, invectivando Alexandre Dumas – é a união de dois organismos, cada qual com seu officio a exercer, em consequencia de precisoens, appetites, e desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um pelo outro, sendo o objecto desta satisfação a perpetuidade da especie. Eis a essencia, o fim do casamento.» (*)

Esta minha collega physiologica, ao que parece, é lida em Sanches, *De matrimonio*, e tem bastantes luzes de anatomia. Para alguns espiritos rasteiros e ignaros prefiguram-se no hymeneu suavidades, arrôbos, idealisaçoens, evoluçoens [2 volatisaçoens] mais ou menos gasosas, borboletas iriadas, etc. A snr^a D. Maria da EVA, não. Essa vê dois órgãos com appetites. Em materia de casamento não é christan, nem mahometana, nem pagan: é organista.

Em outro lança, pag. 38, a mesma philosopha,

(*) EVE, *contre Monsieur Dumas, Fils*. Pag. 47.

discreteando a respeito dos ditos órgãos, pondéra que «a physiologia, parte da biologia, tractando dos órgãos em actividade, requer a mais rigorosa imparcialid^e e a regeição plena de tudo que é contrafeito» Apoiada! <*vis> Gosto desta mulher! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe: «Caza-te com esta D. Maria da Eva, se queres saber biologia».

Outra m^a collega, q̃ por nome não perca, diz que «se a sua filha for sanguinea e de compleição robusta, lhe não escolherá marido fraco ou desfalcado de forças pela libertinagem.»[2]

É tambem organista.

Ca está outra: a snr^a D. Hermance Lesguillon, versada em Aristoteles. Esta abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, por que elle parece alvitrar q̃ as meninas se façam freiras. E então, esta douta matrona, authora de quatorze livros, exclama: «Qual é o fim da criação? É decisivam^e convento para as mulheres e mosteiro p^a os homens? Isto, a fallar verd^e, é ridiculo! Onde quer o señr que ellas vão? Aos vicios contra-natura

discreteando ácerca dos ditos órgãos, pondera que «a physiologia, parte da biologia, quando tracta dos órgãos em exercicio, requer a mais rigorosa imparcialidade, e a regeição plena de tudo que é postiço.»

Apoiada! [2 Bravo!] Gosto d'esta senhora! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe: «Caza-te com esta D. Maria da EVA, se queres saber biologia.»

Outra minha collega, que por nome não perca, diz que: «se a sua filha fôr sanguinea e de compleição robusta, lhe não escolherá marido fraco ou desfalcado de forças por libertinagem.» (*)

É também organista.

Cá está outra: a snr.^a D. Hermance Lesguillou, versada em Aristoteles.

Esta dama abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, porque elle parece alvitrar que as meninas se abstenham de interpretar muito á lettra o preceito genesiaco. A douta matrona, auctora de quatorze livros, exclama:

«Qual é o fim da criação? É decisivamente convento para as mulheres e mosteiro para os homens? Isto, a fallar verdade, é ridículo ! Onde quer o snr. que ellas vão? Aos vicios contra-natura,

(2) LA FEMME-HOMME, *Réponse d'une femme a M. Alexandre Dumas Fils*, pag. 40.

(*) LA FEMME-HOMME, *Réponse d'une femme a M. Alex. Dumas Fils*, pag. 40.

como Aristoteles os affirma do *masculino* nas republicas gregas?» <(3)> [(3)] Veja-me esta sábia, ó snr Raimundo! <)> <Quer vê-la a *chover>O que ella foi desencantar em Aristoteles! Quer agora regalar-se com um pedacinho de apóstrophe contra o mesmo vicio dos gregos? Ah! vai: «Cautela! eterno masculino! O proprio D^s se offende d'esses attentados contra a natureza! Esses impudicos mysterios q̃ commett<eis>/es\ contra a mulher, obra da predilecção e ternura divinas, ultrajam Deus!» (4) *Mysterios* impudicos que ella lá sabe, como se não fossem mysterios..! Vista dupla do genio. Em fim, <é mulher>[↑sempre é dama] q̃ lê Aristoteles, como <a sua>[↑sua esposa], meu visinho, não é capaz de soletrar o *Primeiro de Janeiro*, esta litteratura de dez reis, que nunca chega a formar uma intelligencia de pataco!

A referida litterata conta que certa menina, sua amiga, estando para cazar, leu o *Homem-mulher*. <Tremula>[↑Tremia] de pavor, <naquella phrase do>qd^o entrou o noivo. Pergunta-lhe elle q̃ tem. Ella mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe aquelle

(3) L'HOMME, *Réponse a M. Alexandre Dumas Fils*. pag. 31

(4) Pag. 32.

como Aristoteles os attribue ao *masculino* nas republicas gregas?» (*)

Veja-me esta sábia, ó snr. Raimundo!

Quer agora regalar-se com um pedacinho de apostrophe contra o mesmo vicio dos gregos?

«Cautela, eterno masculino! O próprio Deus se offende d'esses attentados contra a natureza! Esses impudicos mysterios que commetteis contra a mulher – obra da predilecção e ternura divinas – ultrajam Deus!»(*)

Mysterios impudicos que ella lá sabe, como se não fossem mysterios. Vista dupla do genio. Emfim, sempre é dama que lê Aristoteles, como a sua esposa, meu visinho, não é capaz de soletrar a *Palavra*, gazeta de lettras de 10 reis, as quaes não podem formar uma intelligencia de pataco.

Conta a referida litterata que certa donzella sua amiga, em vespera de cazar, leu o *Homem-mulher*. Entrou o noivo, e achou-a a tremer de pavor com o livro entre mãos. Pergunta-lhe que tem; ella mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe com o dedo de ágatha aquelle

(*) L'HOMME, *Réponse a M. Alex. Dumas Fils*. Pag. 31

(*) *Id.*, pag. 32.

truculento MATA-A!

– Que lhe parece isto?! – perguntou a pallida noiva.

– Admiravel! – responde o gentil namorado – Não ha ahi palavra de mais.

O fim, <sobr>principalm^{te}, é optimo

A menina desmaiou; e, logo ã recobrou o alento, disse á mãe que não queria tal marido.

Rodeiam-na as suas amigas, forma-se uma synagoga de senhoras conspicuas, e dá-se a palavra á loira Alice <p^a> [↑ afim de] que ella explique as rasoens ã teve para repellir o noivo.

E a menina, entre outras phrases, tirou estas do arquejante peito:

— Aquelle *mata-a! mata-a!* zumbia-me na cabeça! Tive medo! Como hade a gente jurar ã hade ser sempre a mesma, quando se <não> tem o <livre> arbitrio, <*<se>/co\m>[↑em] dependencia de outrem?... Poderei responsabilizar-me de o amar sempre? Se elle me sahir detestavel por sentim^{tos}, violento, caprichoso, despota, poderei eu ter mão da m^a paciencia? Se elle me não agradar depois, heide amal-o?...–

Esta <innocente>[↑prevista] menina, <visinho>[↑Snr Raimundo], bacorejou-lhe onde iria parar ao diante, e teve medo. Honrado susto! Não lhe assevero

truculento *Tue-la! Mata-a!*»

– Que lhe parece isto? – disse a pallida noiva.

– Soberbo! – responde o gentil namorado – Não ha ahi palavra ociosa. O remate principalmente é optimo!

E a menina, sem mais delongas, desmaiou. E, assim que recobrou os sentidos, disse á mãe que não queria semelhante marido.

Rodeiam-na as suas amigas; forma-se synagoga de senhoras conspicuas, e concede-se á loira Alice a palavra para explicaçoens. .

E a menina entre outras phrases, expediu estas do seio arquejante:

– Aquelle *mata-a! mata-a!* zumbia-me nos miolos ! Estarreci!..

Como hade a gente jurar que será sempre a mesma, quando o livre arbitrio está dependente de outro? Poderei responsabilizar-me por amal-o sempre? Se me elle sahir abominável, por sentimentos, e violento, caprichoso e despota, poderei soffrear a minha impaciencia? Se elle me não agradar [2 ,] depois, poderei amal-o ? –

Visinho, bacorejou-lhe á prevista menina onde iria parar ao diante, e teve medo. Honrado susto! Não lhe assevero

que ella soubesse miologia e manuseasse a physica de Aristoteles; mas de tal donzella ha mt^o que esperar. Destas vitellas ten<z>/r\as é que se fazem as vacas sabias e duras.

Mas não se persuada ã a discreta Alice aprezilhe no collo de alabastro a tunica de vestal. Não, seãr. Ella tenciona cazar, por que as matronas academicas fallam mt^o em orgãos e propagaçoens da especie, mas hade cazar, diz ella [↑mt^o aforçurada:]

— Com um sujeito cujos sentimentos <ella>eu conheça <bem>mt^o de raiz; quero ã mutuamente saibamos a que nos hemos de ater, e se nossas sympathias são re<p>/c\iprocas... La do enxoval ã estava prompto não se me importa [ja]... Eu ia cazar com um homem ã não amava nem conhecia... Primeiro ã tudo quero amar os sentimt^{os} honestos do meu namôro. Com taes condiçoens, tudo se arranja bem. Seremos depois indulgentes um p^a o outro...” (5)

Bastante petisca; mas boa rapariga [↑de lei!]. Confessa ingenuamt^e que <ia caz>esteve a ponto de cazar com homem ã não amava; mas cazava tão voluntariamt^e como voluntariamente o regeitou. Por maneira ã, se não apparece o livro de Dumas, vejam que destino estava aparelhado para o noivo d’aquella crea

(5) Pag. 43 e 44

que ella soubesse biologia, nem miologia [2 physiologia], nem manuseasse as políticas aristotelicas; mas de tal donzella ha muito que esperar, scientificamente fallando. D’estas vitellas tenras é que se fazem as vacas sabias e duras,

Mas não se persuada, senhor meu [2 attencioso visinho], que a discreta Alice aprezilhe no colo de alabastro a tunica de vestal. Longe d’isso. Tenciona cazar, porque as matronas academicas lhe preleccionam biologicamente que a perpetuidade da especie é condição indeclinavel. Diz ella então muito aforçurada:

– Heide cazar com pessoa cujos sentimentos <2 eu> conheça radicalmente; quero que eu e elle saibamos com o que podemos contar, e se as nossas sympathias são reciprocas... Lá do enxoval, que estava prompto, não se me importa já... Eu ia cazar com um sujeito que não amava nem conhecia. Primeiro que tudo, quero amar os sentimentos honestos do meu namoro. Com taes condiçoens, tudo se arranja bem. *Seremos depois indulgentes um para o outro.* (*)

Bastante petisca; mas boa rapariga de lei! E ingenua então... até alli! Confessa que esteve a ponto de cazar com homem que não amava; mas cazava tão de vontade como voluntariamente o regeitou. De sorte que, se não apparecesse o livro de Alexandre Dumas, veja v. s.^a que destino se estava aparelhando [2 «armando»] para o marido d’aquella senho

(*) Pag. 43 e 44.

tura! [Diz ella que quer marido indulgente. Podéra!

<Ó> <v>/V\isinho, [↑, sabe o snr?-) eu se tivesse um filho, dizia-lhe: “Ó rapaz, se <queres fazer inveja aos viados [↑da tapada] de Villa viçosa, caza com esta menina perliquiteta.»>[↑não levas a mal que o almoxarife da caza de Braganza em V^a Viçosa te mande recolher á tapada, como <individuo tresmalhado> <ruminante>[↑ cervo] tresmalhado, caza com esta menina perliquiteta»]

Agora, pagina e meia séria, snr Raimundo. Ca tenho a pitada <eng> engatilhada ao nariz circumspeto. Devo-me ao futuro do meu paiz: vou <ser grave.>[↑enviar-me] gravem^e á posteridade.

Não me consta que <em Portugal,>[↑neste Portugal, por em q¹⁰,] alguma<s> das <senhoras> [↑gentilissimas damas] que <professam lettras>recolheram a herança das Sigeas e Possolos e Alornas, haja<m> sahido á liça a terçar com o <vadio phra>fulminante estylista francez. <Parabens ás minhas patricias>Parabens á <pleyade>constellação de estrellas que scintillam annualm^{te} no *Almanak das Senhoras* <Se alguma <dellas <se>escrever>, [↓mestras de escriptura e contas,]⁶ se a Snr^a Canuto ou a Snr^a Dine, vestidas de Pantasileas, entrarem na estacada a <florejar>[↑floretear] com o eburneo cabo das suas pennas deamantinas, eu não

⁶ Não é habitual que Camilo faça uma emenda mediata na sublinha quando dispõe da sobrelinha, como parece ser aqui o caso. Admito que este intrincado passo possa ter outra interpretação mas a que apresento pareceu-me a mais consistente com o sentido do texto.

ra!

O' visinho, sabe o snr.? eu, se tivesse um filho indulgente, dizia-lhe : «Rapaz, se não levas a mal que o almoxarife da caza de Bragança, em Villa Viçosa, te mande agarrar e recolher á tapada como cervo tresmalhado, caza com esta menina perliquiteta [2 biológica].»

Agora, duas paginas sérias [2 austeras], snr. Raimundo.

Cá tenho a pitada [2 do mazalipatão] engatilhada ao nariz circumspeto. Devo-me ao futuro do meu paiz. Vou enviar-me gravemente á posteridade.

Não me consta que em Portugal, por em quanto, algumas das gentilissimas damas, que recolheram a herança das Sigeas, Alornas e Possolos, haja sahido á liça a esgrimir com o fulminante estylista francez. Parabéns á constellação <2 de estrellas> que scintillam [2 scintilla] anualmente no *Almanach das Senhoras!*

direi ao meu filho que se matrimonie com a snr^a Dine nem com a senhora Canuto><Não ha ahi>⁷Que não desçam <da><à região onde a>da região alta, onde são contempladas ca dest<e>/a\< abysmos <escuros †>[↑lobregos]>[↑cavernas onde urram alcateias de feras.] S<.or>/e\ anjos descerem a <con>inovelar-se comnosco sahirão <lamacentos <, d>>[↑desluzidos,] incarvoados do suor negro < q̃ nas> das nossas <luctas, dentro do subterrâneo pa> pugnas<, polluidas das>. Nós, os <atheletas [↑luctadores]>[↑gladiadores]⁸ dest<e>/a\ <circulo><[↑curro]>[↑ arena], <os>se as sanctas estrellas se apagarem, não teremos a quem saudar, moribundos.

Não as induzam exemplos de escriptoras francezas, nesta melindrosa contenda de adulterio. A sciencia, q̃ sobeja n'ellas, é resvaladia pelo pudor abaixo ate á deshonra da idea e da forma. Já lhes não basta a área honesta dos argumentos colhidos nos mananciaes doces do coração e da alma. Entram balisas a dentro das sciencias naturaes. Graduam chimicam^{te} os globulos [↑cruoricos] do sangue <rubro>de cada mulher. Pedem desculp<as>/a\ para o temperamento sanguineo, e não acham tão <raso>[↑perdo]avel o <*prec>despenho da mulher lymphatica. Devassam-se os latibulos de Sodoma, e <encostam-se a>[↑dardejam por sobre a espadua de] Aristoteles flechas <ironicas>[↑sarcasticas] á cara dos <lazaros>[↑lazaros] que raspam a sua lepra nas <sentinas d>[↑sargetas] <da ultima *e as [↑ das fezes]>. Abrem Bichat e Richerand para nos descreverem o q̃ é a esposa ana

⁷ O segmento imediatamente substituído (Que não desçam...) começa na p.14 e nela se inscreve até anjos descerem a <con>inno. A representação da cronologia correcta da emenda obriga à sua presença nesta página.

⁸ A palavra gladiadores foi acrescentada no espaço que ficou entre as palavras atheletas e luctadores, ambas canceladas.

Que não baixem da região excelsa em que são contempladas cá d'estas cavernas onde urram alcateas de feras. Se anjos descerem a involverem-se comnosco, sahirão desluzidos, com as candidas plumas incarvoadas do suor negro dos nossos pugilatos. Nós, os gladiadores d'esta arena, se as sanctas [2 sagradas] estrellas se apagarem, não teremos a quem saudar, moribundos.

Não as induzam exemplos de escriptoras francezas n'esta melindrosa contenda. A sciencia perigosa, que lhes sobeja, é escorregadia, pudor abaixo, até ao desdouro da idéa e da forma. Já lhes não basta a área modesta dos argumentos colhidos nos mananciaes doces do coração e da alma. Rompem as fronteiras das sciencias physicas e graduam [2 calculam] chimicamente os globulos cruoricos do sangue de cada mulher.

Dão vénia e desculpa aos temperamentos rijos [2 nevroticos], e acham menos perdoavel o desacerto da esposa lymphatica. Devassam os latibulos de Sodoma, e dardejam por sobre a espadua de Aristoteles frechas sarcasticas á cara purulenta dos lazarus que raspam a sua lepra nas sargentas [2 nos muladares]. Abrem Bichat e De Bienville para nos ensinarem o que é a esposa ana

tomica e fisiologicamente. Uma, ã é mãe<... *o>/, p\romette consultar as titilaçoens nervosas e <os>/o\ <estos *sucessos>[↑arfar arterioso] do corpo de sua filha, quando houver de lhe escolher o homem <, o órgão competente *ca *vo>. <Uma>[↑<*Esta>É uma] senhora [↑q^m] cogita e escreve estas carnalidades, á beira de sua filha; <imprime>[↑estampa] o seu livro, e atira-o ao enxurro, á onda suja que <se alastra>[↑espuma] nos tapetes das salas de *la Chaussée d'Antin*. As <pombas>avezinhas, esvoaçadas do pombal do *Sacre-Cœur* para o baile, para o teatro, para o *Bois de Bulogne*, seguem o olhar lavateriano das mães a cada homem anemico ou <pujante de tecidos cellulares>[↑plethorico, descarnado ou inxundioso] ã se avisinha. Isto sobrepuja a torpeza tolerada á mulher que esconde o seu aviltamentos nas alfurjas. <Desta>Neste phrenesi de esgaravatar no temperamento do homem, será racional que elle se sujeite a ser apalpado no craneo pela <d>/M\ãe da nubente, com o Spu<z>/r\zheim <, > aberto, para <confrontar>[↑averiguar] a bossa da concupiscencia, e confrontar entre si <os>/as\ <frontaes>[↑protuberancias] das duas cabeças <devotadas a<os>/o\ sponsa<es>/li\cio>[↑examinadas p^a o mecanismo do cazamento]. Alvitres d'aquella estofa, dados por um ebrio n'um *staminet*, <somem>[↑revessam]-se precipitados n<a>/o\ <phares>sedimt^o do *hachich* e do absyn-

tomica e fisiologicamente. Uma, que diz ter filha ainda creança, promette consultar o calorico, os estos e o arphar do sangue de sua filha nubente [2 nubil], quando houver de lhe escolher o homem.

É uma senhora quem cogita e escreve estas carnalidades, e as estampa e atira o livro á onda suja, que espuma nos tapetes das salas de Pariz e de todo mundo. As avezinhas, esvoaçadas do pombal do *Sacré-Cœur* para o baile, para o teatro, para o *Bois*, seguem o olhar lavateriano das mães a cada homem anémico ou plethorico, descarnado ou inxundioso, que se aproxima. Isto sobreleva a torpeza tolerada á mulher que esconde o seu aviltamento nas alfurjas. N'este phrenesi de esgaravunchar em temperamentos, será racional que o noivo se exhiba e sujeite a ser apalpado no craneo pela mãe da noiva, com Spurzheim aberto, para averiguações de bossas, e confronto de protuberancias das duas cabeças examinadas como aptas ao maquinismo da procreação. Alvitres d'aquella estôfa, dados por um ebrio no *estaminet*, revessam-se precipitados no sedimento do absyntho e do *ha*

tho; mas <gravados em livro>[↑ coados pelos prelos], <seriam o opprobrio do chronista>[↑ <honestariam as>[↑ <desculpam>] [↑ tornam] <as>/a\] chronic<as>/a\] das <ceias>[↑ orgias] de Trimalcião [↑ <a>/o\ <*cor> <[↑ digna das att]⁹> [↑ um digno]¹⁰ <††>/livrinho\ da puericia; mas <escriptas>[↑ derivadas] por <uma senhora, hão de ter nome> [↑ entre os dedos translucidos de] uma senhora, [↑ ah! eu] não lhes sei o nome! <;> <...>/-\ a minha vontade é chorar um choro alto, como o propheta: *flevit fletu magno*.

¹¹E VSª não chora, snr Raimundo! Esprema-me dessas intranhas de poeta [↑ fios de lagrimas]; depois, enxugue <os olhos>[↑ -se], e leia, se <me faz favor>está de pachorra.

Estas e outras damas, que <erguem lastimas á volta da sepultura>[↑ escrevem taes livros inspirando se n<o>/a\ <dezas> catastrophe] de Denise Mac Leod, assassinada [↑, pouco ha,] pelo marido, <não>affugentam a piedade de ao pe d<o>/a\ <torreão sagrado ã> <paixão † se> sepultura onde o anjo triste da paixão se abraça á cruz <d<a>/e\ Magdalena. <A desgraça é <uma consagração, quando> [↑ sagrada, quando] a victima † †><A crimi><O tumulo é coito d>>das Marias egypsiacas e Margar. de Cortona. [↑ A desgraça n]O tumulo é inviolavel. As mais austeras consciencias se condoem das infelizes dilaceradas pelas rodas deste <pessimo>maquinismo social; porém, a <dor não in> compaixão não é assentimento ás imprudentes senhoras que pregam ás turbas mostrando a tunica ensanguentada da victima

⁹, ¹⁰ Não havendo espaço para para os cancelamentos serem feitos uns acima dos outros na entrelinha, estes ocuparam a mesma progressivamente à esquerda.

¹¹ No espaço entre estas duas linhas aparecem dois lembretes.

O primeiro deles, escrito como se fosse mais uma linha do texto, diz:

Citar Montesquieu - Citar Stael - Contradições dos 2 - Ambos foram citados, ou ao menos mencionados. O primeiro nas pp 21, 24 e 32 e a segunda nas pp 20 e 22.

O segundo, escrito perpendicular ao resto do texto (coisa muito invulgar na escrita camiliana), ocupa o espaço da linha do lembrete anterior e ainda a sangria do início de parágrafo, está requadrado e diz: Provar a inutilid^e da dissolução do Mat. Isto foi, de facto, o que tentou fazer da p 20 à 33.

chich; mas, decoados pelos prelos, tornam a chronica das orgias de Trimalcião um livrinho digno da puericia, um «Ramilhete de christãos»; e, se derivam por entre os dedos translucidos de uma senhora, ah! eu não lhes sei o nome! – a minha vontade é chorar um choro grande como o propheta Ezechias : *flevit fletu magno!*

E v. s.ª não chora, snr. Raimundo? Esponje-me d'essas entranhas de poeta fios de lagrimas; depois, enxugue-se, e leia, se está de pachorra.

Aquellas e outras damas que taes livros escrevem, inspirando-se da catastrophe de Denise Mac Leod, assassinada, pouco ha, pelo marido, afugentam a piedade de ao pé da sepultura onde o archanjo sombrio e mesto da paixão se abraça á cruz das Marias Egypsiaca e de Cortona [2 de Maria Egypsiaca e de Margarida de Cortona]. A desgraça no tumulo é [2 A memoria da desgraçada na podridão do tumulo é] inviolavel. As mais austeras consciencias se commiseram das infelizes dilaceradas pelas rodas [2 engrenagens] d'este pessimo maquinismo social; todavia, a compaixão não é assentimento ás irreflectidas damas que peróram ás turbas mostrando a tunica ensanguentada da victima, como quem mostra o punhal de Lucrecia.

¹²<Se ellas nos internecerem até ao pranto,> vingaram¹³ <Ou nos internecem a lagrimas, [↑ ou] premindo-nos> <O commoverem-nos é com lag> Se nos querem commover, chorem. Lagrimas, lagrimas: nada de rhetorica <, lardeada de>[↑lardeada de doutorices]. Em vez de physiologia, espiritalidades. A miologia é deixál-a á cirurgia operatoria, á plastica e aos pintores. Contem-nos segredos da sua fragilidade; <não nos> coisas do seio para dentro¹⁴; flores da alma, que ainda afogadas na raiz por abundancia de lagrimas, tem sempre aroma¹⁵. <Mas> Em organismo, em sangues ricos e pobres, em <estudos> disciplinas do <2>/3\° anno medico, façam-nos a fineza de nos não insinarem <,>/. \ <por que receamos ã o máo exemplo nos arraste a preleccionar> <por que> <r>/R\receamos que S. Ex^{cas} nos <tirem da mão o compendio> forcem a fazer crochét em quanto ellas, montando os oculos, <folheam um> abrem o grande volume de Harveus, e, para nos cunfundirem, declamem: *Exercitationes de generatione animalium, quibus accedunt quædam de partu: de membranis ac humoribus uteris et conceptione*. Eu tenho este livro, visinho; e, se <m>/um\ã f^ã, que heide ter

Se nos querem commover, chorem primeiro. Lagrimas, lagrimas.

Nada de rhetoricas lardeadas de doutorices. Em vez de physiologia, espiritalismo. Alma; e de corpo só o *quantum satis*. Contem-nos segredos das suas fragilidades maviosas; coisas do seio para dentro ; flores do coração, que, ainda afogadas e delidas na raiz por abundancia de lagrimas, espiram sempre olores de innocencia. Se se desviam da honra, aconselhadas por suas sabenças, então está tudo perdido! Em organismos, em sangues ricos ou depauperados, em disciplinas do 3.° anno medico, façam-nos o favor de nos não aperfeiçoarem. Receamos que s. exc.^{as} nos intimem tarefa de *chrochet*, enquanto ellas, montando os oculos, abrem o grande volume de Harveus, e, para nossa confusão e escarmento, peguem de declamar: *Exercitationes quædam de partu: de membranis ac humoribus uteris et conceptione*. Eu tenho este livro, visinho; e, se uma filha que heide ter,

¹²No cabeçalho desta página aparece mais um lembrete: A opinião de Target - Portalis e Simeon. Portalis e Target foram efectivamente citados ou mencionados nas páginas 21 e 32 respectivamente.

¹³Apesar de não estar cancelada, a palavra vingaram foi de facto tratada como se o estivesse. Camilo escreve a primeira linha e, antes de chegar ao fim da mesma, cancela-a e passa à linha seguinte. Faz o mesmo com a segunda e só na terceira, apesar de cancelar também o início da frase, continua depois com o texto.

¹⁴dentro: t, r e o parcialmente ocultas por uma mancha de tinta posterior à escrita.

¹⁵aroma: o e m parcialmente escritos sobre uma mancha de tinta anterior à escrita.

me abrir o livro, e o traduzir no artigo «Propagação da especie» mato-a-!>/\ para que <ninhum> o filho do snr Al. Dumas, vindo a ser meu genro, m'a não mate, aconselhado pelo <meu> pai.

<Estas respostas ao auctor da *Princeza Jorge*> Snr. Raimundo, eu não sei se sua esposa é <versada na sciencia> [↑ instruída] e bastante profunda em Ponson du Terail. Que nao vá ella arrenegar do mão visinho da porta, arguindo-me de zoilo d<as>/e\ damas que versam com mão diurna e nocturna os romances da *Bibliotheca economica*. Não, sñr. Acato a sciencia das mulheres quando a figura lhes dá um ar de viragos, um não sei que de neutralidade no sexo. <Amo a poesia>Que sua senhora <cante> [↑- moça e galante – <arpegi>recite] ao piano trovas de sua lavra, e escreva o soneto acrostico no dia natalicio do esposo, acho isso bonito, <mas, snr Raimundo, não soffra que ella converse com>senhoril e <digno>[↑benemerito] de <ser remunerado com>um beijo casto <,>/e\ digno da frente da Minerva antiga. Mas se ella descambar da[s] <lira para a *epopeia><[↑canção]><[↑doçuras da maviosi], e do *Almanak do Palhaço* para>branduras de Sapho para as meditações socio-

me abrir o livro e o traduzir no capitulo *Propagação da espécie*, mato-a; [2-] para que o filho do snr. Alexandre Dumas, vindo a ser meu genro, m'a não mate [2 vendi-me], aconselhado pelo pai.

Snr. Raimundo :

Eu não sei se sua esposa é instruída e bastante profunda em *Ponson du Terrail*. Que não vá ella arrenegar do mau visinho da porta como de todos os diabos, malsinando-me de zoilo de damas que versam com mão diurna e nocturna os romances da «Bibliotheca economica».

Não, senhor.

Acato a sabedoria das senhoras, quando a figura lhes dá geito de viragos, feitio de mestras regias jubiladas, e um não sei que de sexo canónico.

Que sua esposa, moça e galante, recite ao piano trovas de lavra propria, e escreva o soneto acrostico no dia natalicio do marido, acho isso bonito, senhoril e benemerito de um até dois osculos castos e dignos da testa da Minerva antiga. Mas, se ella descambar das branduras erothicas de Sapho para meditações socio

[20]

logicas da snr^a Canuto, peço-lhe snr Raimundo, que a obrigue a ler as obras de meu mestre Theophilo, afim de ganhar odio á letra redonda — virtude supranumeraria dos escriptos d'aquelle varão.

Houve damas que <† vingaram implacavel>lograram intalhar os seus nomes na arvore <et>immortal da sciencia; essas, porém, não deslizaram da senda florida por onde as abelhas do Hymeto lhe sahiam a dulcificar mulherilmt^e a phrase. Dou-lhe como exemplo Stael.

De involta com vastissimo saber entreluzem [↑nos seus livros m^s grados] <graças>[↑donaires] feminis, genio acendrado na fragua do coração [.] <amor que dilata a zona de sua paixão por toda a lam> <que> Ao proposito desta esteril <contenda †>[↑peleja que] se renova cada vez que um marido se furta ás prezas da deshonor atirando a esposa adultera ás da morte, Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divorcio, e reprovou-o. No estremado livro, chamado *Da Allemanha* diz ella «<que é>[↑ser] forçoso confessar que a facilid^e do divorcio, nas provincias protestantes, mancha a sanctidade do cazamt^o. Mudar de marido e arranjar a peripecia d'uma co-

logicas <2 da snr.^a Canuto>, peço-lhe, visinho, que a obrigue a lêr as obras de meu mestre doutor Theophilo, a fim de ganhar odio á letra redonda – virtude supranumeraria dos escriptos d'aquelle varão.

Houve damas que lograram intalhar seus nomes na arvore immortal da sciencia; essas, porém, não desgarraram da senda florida por onde as abelhas do Hymeto lhes sahiam [2 zumbiam] a dulcificar mulherilmente a phrase. Dou-lhe como exemplo Stael.

De involta com vastissima lição entreluzem, nos seus livros mais grados, donaires feminis, e genio acendrado na fragua do coração. Ao proposito d'esta esteril peleja, que se renova cada vez que um marido se furta ás prezas da irrisão publica, atirando ás da morte a esposa adultera, Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divorcio, reprovando-o. No extremado livro chamado *Da Allemanha*, escreve a insigne pensadora: «É forçosa coisa confessar que a facilidade do divorcio, nas provincias protestantes, macula profundamente a sanctidade do matrimonio. Tanto monta mudar de marido como urdir as peripecias de um dra

media, tanto monta. A boa indole dos homens e das mulheres não deixa que esses rompim^{os} sejam amargurados... É certo, porém, que por esse modo o character perde a consistencia, os bons costumes relaxam-se; o espirito paradoxal abala as mais sagradas instituições, e não ha determinar regras sobre coisa nenhuma».(❖)

Aqui tem sentimentos que frizam com honrado primor em indole de senhora, á cerca de questão, a todas as luzes, <melindroza>[↑pessima p^r nimiamt^e <melin><perigosa>arriscada]. Aquella opinião é talvez vulneravel; <mas o que ella tem mais impenetravel que o tenda>não resiste, p^r ventura a Montesquieu ou Portalis; mas o que a sciencia lhe respeita é a honestidade. Filha, esposa e mãe, tudo no extremo em que a insigne escriptora vingou sê-lo em vida tão aparcellada de angustias, respiram n'aquelle <recatado>[↑religioso] e pudibundo respeito á sanctidade do cazamento. Ella não quer o divorcio; quer a dignid^e no soffrim^o, quando falleça no *homem* a dignidade de esposo.

❖ *De l'Allemagne. Des Femmes.* Pag. 27, ediç. de 1864.

ma. Lá, a boa indole dos homens e das mulheres permite que semelhantes rompimentos não sejam amargurados... É, todavia, certo que, á conta d'isso, a consistencia do character alquebra-se, os bons costumes abastardam-se, o espirito paradoxal alue as mais sagradas instituições, e não ha ahi determinar regras sobre coisa nenhuma. » (*).

Aqui tem sentimentos que frizam honradamente primorosos em indole de senhora n'esta questão, a todas as luzes pessima, por nimiamente arriscada. Aquelle parecer é talvez vulneravel, e não resistirá, por ventura, a Portalis ou Montesquieu; mas o que a sciencia lhe respeita é a honestidade. Filha, esposa e mãe,— tudo no extremo em que a eminente escriptora logrou ser, em vida tão aparcellada de angustias — respiram n'aquelle pudibundo resguardo [2 acatamento] á seriedade do cazamento [2 matrimonio]. Ella não quer o divorcio: quer a dignidade na paciencia, quando falleça no homem a probidade de marido.

(*) *De l'Allemagne, Des Femmes,* Pag. 27, ediç. de 1864.

Compare-m'a, snr Raimundo, com estas emancipadoras letradas de 1872. Em quanto <Stael>[↑a poetisa de *Corinna*] linimentava suas maguas de <desterrada>[↑expatriada] com a *Messiada* de Klopstoc, est'outras, com o cerebro <afogueado>[↑[ainda] escaldado] da zona ardente do petroleo, justificam <a>/o\ <desprimor>[↑desaire] de uma esposa com a fisiologia de Muller <na mão>, e vão ler á luz dos brandoens funereos, que ladeam <com>o athaude [↑de Denize Mac Leod,] as vaias que Aristoteles <atirava aos>[↑desfechava contra os] pederastas gregos.

Quer VS^a ver um <modêlo de dialogo> <[↑modelo de dialogo]> [↑<specimen> molde de altercação] que a Snr^a D. M^a da EVA lhe offerece a justificar a adúltera?

MARIDO

O adulterio de minha mulher pode fazer-me pai de filhos de outro.

Esposa

O adulterio de meu marido pode arruinar-me os bens de fortuna

Marido

Tu devias ter força e rasão para não succumbir.

Compare-m'a, snr. Raimundo, com estas Hippatias de 1872 [2 actuaes]. Em quanto a poetisa de *Corinna* linimentava suas maguas de expatriada com a *Messiada* de Klopstock, est'outras, com o cerebro ainda escaldado dos lampejos de petroleo, justificam o desaire das esposas com a fisiologia de Muller, e vão ler, ao lampejo [2 clarão] dos cirios mortuarios <2 ,> que ladeam o ataúde de Denize Mac Leode, as vaias que o philosopho de Stagyra desfrechava contra os pederastas espartanos.

Quer v. s.^a ler, a occultas de sua esposa, um modelo de altercação, entre marido e mulher, que D. Maria da EVA lhe offerece em desculpa da adúltera?

[2 Veja se gosta.]

MARIDO

O adulterio de minha mulher póde fazer-me pai de filhos alheios.

ESPOSA

O adultério de meu marido póde arruinar-me os bens de fortuna.

MARIDO

Tu devias ter força e juizo para não succumbir.

Esposa

E tu ã representas a rasão, foste o primeiro a prevaricar; não fiz mais que pagarte na m^{ma} moeda.

Marido

A m^a culpa foi um capricho dos sentidos

Esposa

E a m^a foi uma necessidade. Quizeste que eu fizesse de viuva sem ter inviuvado❖

Aqui tem! [↑ Eu não sei se lhe diga, como o poeta:

Que honras e famas

Em taes damas não ha p^a ser damas] A nação, onde uma senhora recatada escreve isto, lavra-lhe nas intranhas o <cancro>[↑scirro] de Ninive e Babilonia.

E, por tanto, <amigo preclaro> visinho e amigo, esta mulher e <as> outras [↑sabichans] do mesmo gyneceu, abrem margem a suspeitar-se que somos entrados em <epoca> grandes trabalhos de decomposição. Salve-se quem poder com a sua mulher, <desta peor Troia, cujo fogo> e alguns penates redusidos a lettras sacadas sobre os <†> bancos dos Hottentotes, e vamos embora

❖ *Maria Deraismes, EVA, Contre Mons. Dumas Fils, pag. 49, e 50.*

ESPOSA

E tu, que representas a razão, foste o primeiro a prevaricar: não fiz mais que pagar-te na mesma moeda.

MARIDO

A minha culpa foi um mero capricho dos sentidos

ESPOSA

E a minha foi uma necessidade. Quizeste que eu fizesse de viuva sem ter inviuvado. (*)

Aqui tem! Que senhoraça! Não lhe faz saudades a decencia das *Cartas* de Ninon de Lenclos? [2 e as theorias de Thereza philosopha?] Eu estou em dizer-lhe como o poeta,

que honras e famas

*Em taes damas não ha para ser damas (**)*

E, por tanto, visinho e amigo [2 visinho muito prezado], á vista do que pregam estas pandorgas folicularias, – symptoms de scirro incurável no coração da França, – somos entrados em periodo de [2 na crise da] decomposição. Salve-se quem poder com a sua companheira d'esta peor Troya, e leve alguns penates reduzidos em especies bancarias sobre os hottentotes, e vamos para lá muito nas boas horas,

(*) *Marie Deraismes, ÉVE, Contre M. Alex. Dumas Fils, pag. 49 e 50.*

(**) *Lusiad, cant. 6.º est. 44.*

se VS^a não prefere antes <que moralisemos>[↑ ã fiquemos p^a moralisar] as massas.

Eu por mim anteponho o martyrio á fuga. Irei bradar ás portas de Jerusalem, [sem me esquecer de Amarante, Lamego e outras Ninives corruptas;] e se os de dentro me quebrarem a cabeça como fizeram ao outro, <faça-me VS^a> arrange VS^a a fazer de mim um <vulto><[↑homem]>[↑sujeito] legendario, depois de <ouvido>[↑ consultado] mestre Theophilo [↑– o arbitro das castas –] sobre a raça em que me hade <atroncar>[↑grudar].

Sou apostolo comedido e modesto, snr Raimundo. Não me desvanço com presumpções de o convencer. <Que a semente>O que faço é alqueivar os bravios; mais tarde virá o sementeiro. <§ A huma> Repare por essa vida de seis mil annos alem que as geraçoens <desenrolam>[↑fluctuam] desde o cháos. Que vê? Uns altos [↑e eternos] padroens assignalando as paragens ã o genero-humano fez para ouvir as preleçoens da rasão. Esses padroens chamam-se Moisés, <Philo>; Fó, <Confucio,>Hong-Fou-Tsé, <So>²Platão, ¹Socrates, [↑Aristoteles, Cicero,] S. *Paulo¹⁶, ²Luthero, ¹Dante, Vico, Voltaire, Descartes, [↑ Leibtniz, Newton, <*Cinzer>Buffon, <etc>, <etc> Montesquieu, etc.]

Cuida VS^a que as torrentes da vida progressiva se estancaram neste <paul>[↑pantano] <in>descompassado em que as rans <da sciencia nos>[↑por entre os rabaças nos] estão grasnando <? §>[ciencia<de <†>/cabotagem\?>[↑... de rans]] Não, senhor. A <humanidade>[↑natureza humanal] está <parada, <por>a espera d'outros oraculos, com os olhos postos n<o>/as\ brumas do horisonte.

se v. s." não prefere antes que fiquemos para [2 fiquemos por aqui a] moralisar as massas.

Eu, de mim, anteponho o martyrio á fuga. Irei bradar debaixo dos muros d'esta segunda Jerusalem, sem me esquecer de Barcellos, Amarante, Lamego, e outras Ninives corrompidas. Se os de dentro me amolgarem a cabeça á pedrada como fizeram ao outro enviado do Senhor, arrange v. s.^a a formar de mim um sugeito legendario, depois de consultado mestre Theophilo – o árbitro das castas – sobre a raça em que me hade grudar.

Sou apostolo comedido e modesto, snr. Raimundo. Não me desvanecem presumpções de o convencer. O que faço é alqueivar bravios: o sementeiro virá mais tarde.

Repare, no entanto [2 se faz favor], por essa vida de seis mil [2 milhares de] annos fóra que vem fluindo desde o cháos. Não vê uns altos e eternos padroens assignalando paragens que o genero-humano fez para ouvir a consciencia de sua força, o Deus interior, pela voz dos oraculos? Sobre esses padroens ha umas estatutas que topetam com as estrellas. Chamam-se Moisés, Fó, Kong-Fu-Tsé, Socrates, Platão, Aristoteles, Cicero, Paulo, Galileu, Luthero, Vico, Descartes, Kant, Kepler, Leibnitz, Newton, Pascal, Montesquieu, Voltaire, etc.

Cuida v. s.^a que as torrentes da vida intellectual e progressiva se rebalsaram n'este pantano descompassado em que as rans, por entre os rabaças, nos estão coaxando sciencia... de rans? Está illudido, visinho. A natureza humanal

¹⁶ Paulo: *buraquinho de fagulha em Pau.*

Faz favor de olhar também <?>/, \ visinho?

Vê um <vaga-lume>pirilampo a>[↑<como em tarbalho de>em fermentação, com as grandes orelhas abertas aos <rumores>[↑rugidos] da idea nova que vem da Cafraria, e o oculo de longa mira assestado contra as brumas do horisonte onde lhe corisca a espaços um perilampo que se não é Theophilo, sou eu¹⁷

Se é elle, digam-lhe que se abra [.] <, que falle, com dispensa [↑até] da <grammatica>[↑syntaxe].> <Elle, que><[↑Quem] inventa <as> raças, <menos><melhormente as><costuma> ethnologo> Melhorar os costumes das raças deve ser-lhe mais fácil que [↑a costumeira de] invental-as. E elle, como VS^a sabe, inventou-se a si <, coisa que *nem> – inventou aquillo <q̃ o visinho alli vê>! <Pois então>Pois então q̃ falle, com dispensa até da syntaxe. Que <luza>[↑espirre candeias] na treva que se está condensando á volta do grande cerebro social – a familia! <Que nos explique em fim>[↑Que nos diga, em fim,] o que se hade fazer ao dono ou dona desta prenda.

<A não sr elle ou eu>

<E em quanto o evidente¹⁸ não emerge a fronte do seu mergulho ás aravias> Ninguem receia que <elle>se esquive¹⁹ de vir a esta gafaria de tabardoens, com o seu emplasto de ran<.>/, \ <El> <Quem tem>[↑Elle q̃ entrou] com <73>/37\25 paginas, <a trinta linhas por pagina, e quarenta letras por linha,> <no> para o gazofilacio da patria, sabia isto, visinho? E <a patria> [nós, os seus discipulos] que <o sauda>[↑se sente] laudanizad<a>/os\ espera[mos] que elle, depois desta operação [↑somnolenta] de <mesmerismo> Cagliostro, nos transporte

¹⁷ O segmento imediatamente substituto (<como em trabalho de...>) começa na p.24 e nela se inscreve até contra as brumas. A representação da cronologia correcta da emenda obriga à sua presença nesta página.

¹⁸ evidente: primeiro e completamente oculto pelo cancelamento (ver descrição material do manuscrito).

¹⁹ esquive: segundo e falta parcialmente devido a queimadura de fagulha referida na nota 15.

fermenta, tem febre corno puérpera d'um grande feto que lhe escouceia os flancos, fita grandes orelhas abertas aos rugidos da idéa nova que vem da Cafrária, e assesta o oculo de longa mira ás brumas do horisonte, onde, a espaços, lhe corisca um pyrilampo, que, se não é Theophilo, sou eu.

Se é elle, digam-lhe que se abra. *Epheta!* – palavra hebraica, que quer dizer : *abre-te!* Melhorar os costumes das raças deve ser-lhe mais facil que a costumeira de invental-as. E elle, como o visinho sabe – inventou-se a si, inventou aquillo! Pois então que falle, com dispensa até da syntaxe. Que espirre candeias na treva que se está condensando á volta do cerebro social – a familia. Que laqueie a grande arteria aórta da sociedade humana – o matrimonio. Que defeque o in testino cego das raças germanicas e latinas da ténia que o rói – o adulterio. Que nos diga, em fim, Theophilo o que se hade fazer ao dono ou dona d'esta prenda!

Ninguém receia que se esquive de entrar nesta gafaria de tabardoens, com o seu emplasto, elle, que entrou com 3725 paginas em 8.º no gasofilacio da patria. Sabia isto, visinho? E nós, os seus discipulos laudanizados esperamos que o mestre, depois desta somnolenta operação de Mesmer, nos transporte

em espirito ás regioens <diafanos> translucidas do espiritismo.

<No emtanto, eu, acordado>

Entretanto que <elle> [↑ o vidente] incuba, vou eu arroteando <no> [↑o] chavascal que elle depois tozará mais a preceito

Snr Raimundo:

Alexandre Dumas-Filho quer que Caim cazasse com uma macaca, <da qual se geraram> natural do paiz de Nod, terra desconhecida a Strabão. Isto é logicamente rigoroso. <Terr<as>/a> [↑Paiz] desconhecid<as>/o\ a Ptolomeu e outros geographos antigos é <terra> [↑paiz] de macacos. Se VS^a não encontrar no Mappa de Portugal, uma terra onde fui creado, a Samardan, <esca>chasqueada pelo p^e Tr^{co} M^{el} do Nascimento²⁰, fica imaginando ã eu em pequeno andava la pelas arvores a brincar com as caudas dos cynocephalos, meus mestres de gymnastica e mimica. «Donde és tu, meu amor?» – pergunto á mulher que adoro nas praias da Foz – Sou de S. Gonhedo – responde ella <, com certo aprumo como se dissesse que era de>. Abro o *Diccionario Geographico* de que ando munido<.> [↓depois dos ultimos acontecimentos.] Procuo S. Gonhedo: não acho. Começo a suspeitar

ás regioens translúcidas do espiritismo.

Entretanto, porém, que o vidente incuba, vou eu arroteando o chavascal que elle depois tozará mais a preceito.

Snr. Raimundo, poeta laureado e amigo [2 poeta, visinho e caro amigo]:

Alexandre Dumas-Filho quer que Caim cazasse com uma macaca, natural do paiz de Nod, terra desconhecida a Strabão. É logicamente rigoroso que um paiz desconhecido a Ptolomeu e outros geographos antigos seja paiz de macacas. Se v. s.^a não achar no mappa de Portugal a terra onde fui creado e educado, a Samardan, <2 tão chasqueada por Filinho Elysio,> fica authorisado a decidir que eu, em pequeno, andava lá pelos bosques a brincar com as caudas dos cynocéphalos, meus mestres de gymnastica e gesticulação.

– D'onde és tu, meu amor? – pergunto, na praia da Foz, á mulher que adoro.

– Sou de S. Gronhedo – responde [2 respondeu] ella.

– De S. Gonhedo ? Espera ahi.

Abro o «Diccionario geographico» de que ando munido depois dos ultimos acontecimentos. Procuo *S. Gonhedo*, e não acho.

Começo a suspeitar

²⁰ Tr^{co} M^{el} do Nascimento: *referência ao poeta Francisco Manuel do Nascimento. Faltou o traço para diferenciar o T do F maiúsculo.*

que o meu amor é macaca; <remiro-a disfarçadamente,>[↑disfarço, acendo o meu charuto,] e safo-me. Isto é o mais prudente.

<Da primeira> [De Caim] e de sua esposa Catarhina ([↑sem *dom*:] receio que VS^a, esquecido dos seus estudos zoológicos, faça a mulher quadrumana de Caim homonima da namorada de Luiz de Camoens. *Catarhina* é uma das duas tribus da primeira familia de macacos. Veja, ao proposito, Milne Edwards, Dumeril, Lamarck, e a mim [↑, *passim*]) – <de Caim> – de Caim e de sua esposa Catarhina procedem, segundo Alex. Dumas as mulheres de má raça e condição bravia. Pelos modos, nesta geração maldita não ha muitos macacos, tirante uns que macaqueam, Kant e Schegel como um chimpanzé pode remedar um acrobata arabe.

<Ao>/A\ <herd><descen>progenie de Caim, [↑continuada em Cham] com o dobar dos seculos, ageitou-se de modo q□ ja se confunde, hoje em dia, com a descendencia de Sem e Japhet. VS^a, por exemplo, está convencido que sua senhora é da raça escolhida, e faz mt^o bem. <Supp>Mas supponha que sua mulher amua e morde o labio por q̃ o visinho hesita em lhe <reformat>[↑renovar] a

que o meu amor é de Nod <2 ;> – que é, pelo menos, amacacada. Disfarço, accendo o meu charuto, e safo-me. É o mais prudente.

De Caim e de sua esposa Catarhina (sem *dom* : receio que v. s.^a, esquecido dos seus estudos zoológicos, faça a mulher quadrumana de Caim homonima da inspiradora de Luiz de Camoens. *Catarhina* é o nome de uma das duas tribus da primeira família de macacos. Veja Milne-Edwards, Dumeril, Lamarck, e a mim, *passim*) – de Caim e de sua esposa Catarhina procedem, segundo Alexandre Dumas, as mulheres de má raça e condição bravia. Pelos modos, n'esta progenie maldita, os machos são poucos, sem embargo de enxamearem por ahi em barda uns que macaqueam Schlegel e Kant [2 Comte e Spencer] como uma foca póde remedar um acrobata árabe.

A geração [2 descendência] de Caim, continuada em Cham, brunida pelo esmeril dos seculos, adelgaçou-se e puliu-se de feitio que já se confunde hoje em dia com a descendencia abençoada de Sem e Japhet.–V. s.^a (permitia o exemplo) está persuadido que sua senhora é da raça boa, e faz muito bem; mas vá de hypothese que sua mulher amua e trinca o lábio porque o visinho resiste a renovar-lhe a

cuia. Parece-me que será acertado reparar se ella nessa occasião róe as unhas ou anda de cadeira em cadeira a dar uns saltos suspeitos. Se este desgraçado <incidente>[↑episodio] se realizar, VS^a não será demasiadam^e iniquo desconfiando q̃ está cazado com uma senhora q̃ tem nas veias um lithro de sangue de macaca. Feito este descubrimento nenhuma cautella é de mais. A prudencia, pela m^a boca humilde, aconselha o visinho que lhe dê a cuia, e uma noz para ella se desamuar.

Posto isto, começam a transparecer <as minhas all> os meus principios ácerca do adulterio, não acha?

O adulterio é um f<ac>/a<talismo. A mulher, de stirpe macaca, é irresponsavel da ferocid^e de Caim. A rola rulha, <a macaca grasna>o sagui chia: cada um consoante a sua natureza [↑glossologica]. O homem não <pode <eme>corrigir> deve sangrar á ponta de punhal a arteria onde o grande architecto injectou máo sangue.

<A condemnação>O crime deprehende-se da liberd^e de o não praticar. Onde falta o livre arbitrio cessa a responsabilid^e.

O homem, que mata a mulher victima da fatalid^e do seu organismo, será capaz de me <dar um tiro>[↑disparar um revolver] por que eu lhe não aceito a corte; <por q̃ >[↑e eu não lh'a aceito p^f q̃] não está na m^a

cuia. Parece-me que será então acertado reparar se ella [2 ,] n'essa occasião [2 ,] róe [2 rilha] o sabugo, se coça os quadris com o dedo indicador, e anda de cadeira para cadeira a dar uns saltos suspeitos. Se este desgraçado presupposto se realizar, v. s." não será demasiadamente iniquo desconfiando que está matrimoniado com uma senhora que tem nas veias um litro de sangue de macaca. Feito o descubrimento anthropomorpho (queira desculpar esta gregaria), nenhuma cautella é de mais. O bom siso pela minha boca humilde [2 discreta] aconselha o visinho que lhe dê a cuia, duas cuias, e três nozes para ella se desarrufar. Se não fizer isto,... estende-se, snr. Raimundo.

Começam a entre-luzir os meus principios ácerca do adulterio. Já achou, visinho ?

O adulterio é um fatalismo organico. A mulher de stirpe macaca é irresponsavel do fratricidio e cazamento bestial de Caim. A rôla arrulha, o sagui chia, cada qual segundo a sua natureza glottica. O homem não deve sangrar á ponta de punhal [2 navalha] a arteria onde o supremo gerador injectou sangue viciado. Ninguém se lemhrou de fazer irmans da caridade as hyenas, nem encarregou os pachidermes de missionarem aos pretos seus visinhos.

O crime deprehende-se da liberdade de o não praticar. A bossa impede o arbitrio.

O homem <2 ,> que descadeira a mulher victima da fatalidade do seu organismo <2 ,> será capaz de me desfechar um revolver á queima roupa, se eu lhe não aceitar a côrte. E eu não lh'a aceito, por que não está na minha

organisação aceitar a corte do masculino nem do neutro; Sou irresponsável da m^a esquiva; não posso amar o sujeito q̃ me enviou uma camelia ou um frasquinho de agua [↑de] colonia do Farina.

Os legisladores, menos <arredados>[↑arredios] da natureza, mandam que <o homem> marido e esposa se divorciem, dada a incongruencia de genios, aggravada pela prevaricação dos reciprocos deveres da fidelid^e conjugal.

O divorcio <não sera> restricto á separação dos corpos não sanêa as feridas abertas na honra. A mulher <arrasta o> [↑<leva> cae com] nome do marido <a>[↑em] todos os abysmos por onde a <imperiosa> irresistivel condição a resvala.

Hade elle matal-a para <desatar-se>[↑desalgemar-se] d'um pelourinho de ignominia? <Não. Eu><Se em cabo Verde o>Não; por que <na costa de Africa>mata um authomato inconsciente da sua queda; é como se andasse ás facadas aos seus amigos, por q̃ elles, na qualid^e de corpos, pendem para o centro da terra.

<Então que hade fazer um marido>

O divorcio constitue o cazamento eshcola de escan

organisação aceitar [2 receber] a côrte do masculino nem do neutro. Sou irresponsavel da minha esquiva ás caricias ardentes d'essa pessoa. Não posso amar o sujeito que me enviou uma camelia, ou um frasco de agua de Colonia do Farina [2 , mesmo da legitima]. Se esse galan me bater, sobre ser asno, é feroz.

Os legisladores, menos arredíos das leis naturaes, estatúem que marido e esposa se divorciem, dada a incongruencia de genios, aggravada pela prevaricação dos reciprocos deveres da fidelidade conjugal. O divorcio, porém, restricto á separação do toro conjugal e bens, não sanêa as feridas abertas na honra. A mulher resvala com o nome do marido a todas as voragens onde a irresistível compleição a baqueia.

Hade elle, por tanto, matal-a para desacorrentar-se do pelourinho do vilipendio? Não; por que mata um authomato inconsciente da sua queda. É como se andasse ás facadas aos seus amigos, por que elles, na sua qualidade de corpos, obedecendo á lei da gravitação, pendem para o centro da terra.

«O divorcio judiciario constitue o cazamento escola de escan

dalo – diz o auctor do «Supplicio de uma mulher». E acrescenta: «a intervenção dos juizes é cega ou prejudicial quase sempre. Se entre esposos ha rasoens de separação deem-lhe plena liberd^e do desquite»

Mas desquite incondicional – rompim^o sem clauzulas. <A mulher que teve um patrimonio, readquire-o; a que foi dotada pelo marido>Se ha dote, patrimonio, ou bens paraphernaes, a mulher é credora não ja do marido que é um titulo extincto, mas do indevido <deposita><retentor>[↑detensor] dos seus haveres.

Essa mulher pode encontrar marido de sua especie, com trez partes de macaco ou mais que lhe não estorve os instinctos, e ser ditosa [↑como a esposa de todos <aquelles <bem amados e † que>bem><a bem>os <homens de boa>sujeitos louvados de prol e tino] Aquelle <p>/h\omem pode to<m>/p\ar uma descendente de Japhet, <e ser dit>esposa leal, lymphatica, <uma>sancta, <da *tam>e ser ditoso.

<Se isto não é remedio, visinho, o unguento de Hatway>Mas o sacramento? pergunta-me o visinho com a Cartilha de Mestre Ignacio á vista.

O sacramento é um attentado contra a natureza. É como diz Girardin: «uma pretensão impia dos fabricantes de leis positivas, prophetas e le-

dalo» <2 – > diz o douto dramaturgo do *Supplicio de uma mulher*. (*) –E acrescenta: «A interferencia de juizes é quasi sempre cega ou nociva. Se entre cazados ha motivos de divorcio, deem-lhes plena liberdade de se desligarem». Até aqui o primeiro publicista de França.

Mas [2 seja] divorcio incondicional, rompimento sem clauzulas. Se ha dote ou bens paraphernaes, a mulher é credora, não já do marido, que é um titulo extincto, mas do detensor incompetente dos seus haveres.

Essa mulher, livre, póde encontrar marido de sua especie, com tres partes de macaco ou mais, que lhe não estorve os instinctos, e ser ditosa, como a esposa de todos os sujeitos de prol e tino <2 ,>

Que não são de ciumes offendidos.

E, simultaneamente, aquelle homem, desatado do vinculo infamante, pode topar urna descendente de Japhet, esposa leal, sanguinea ou biliosa, mas sobre tudo honrada, que é melhor que lymphatica.

E o sacramento? – pergunta-me o visinho com a Cartilha de Mestre Ignacio em punho.

O sacramento, snr. Raimundo, é um attentado contra a natureza; é, na phrase energica de Girardin: <2 –> «uma pretensão impia dos fabricantes de leis positivas, prophetas e le-

(*) *L'homme et la femme. Lettre a Mr. Alex. Dumas par E. Girardin.*

gisladores a desfazerem as leis naturaes para refazerem o genero humano sob o nome de Sociedade».

Olhe que Emile Girardin foi marido extremoso de Delphine Gay, a mais formosa alma no mais gentil corpo de Pariz. Pondere n'isto.

Mas a moralissima questão dos filhos! Que se hade fazer ás creancinhas, ás flores que desabrocham á ourela desses abysmos?

Os filhos, quer legitimos, quer bastardos, adulter<os>/inos\, ou incestuosos são eguaes perante a mãe. Ella é quem não duvida q̃ os filhos são seus. Receba-os, leve-os, que talvez leve comsigo os regeneradores da sua indole. Mas, se o marido os quizer p^a si, deixe-lh'os, que bem amparados ficam: deve ser <o>imenso o amor do homem que lava com suas lagrimas <na face de *as><a nodoa da face>o rosto manchado do filho da mulher perfida e repulsa.

<Mas então quer o philosopho>[↑Pergunta-me o visinho se], em conformid^e com estes paradoxos, o cazamento, a alliança de mulher e homem, acabam?

gisladores a desfazerem as leis naturaes para refazerem o genero humano sob o nome de Sociedade».

Observe que Girardin foi marido exemplar de Delphine Gay, a mais formosa e illustrada alma no mais gentil corpo de parisiense. Pondere [2 Medite] n'isto.

Mas muito mais ponderosa é a questão dos filhos. – Que se hade fazer ás creanças, flores que desbotoam á ourela d'essas sentinas [2esterqueiras], anjos nitidos que passam deplorativos por entre as lavaredas d'esses infernos?

Os filhos, legítimos ou bastardos, adulterinos ou incestuosos são eguaes perante a mãe. Ella é quem não duvida que os filhos são seus. Receba-os, leve-os, que talvez leve comsigo os esteios do seu rehabilitado decoro. Mas, se o marido os quizer, deixe-lh'os, que bem amparados ficam no seio do amor. Deve de ser immenso o bem-querer do homem que lava com suas lagrimas os estygmas na face do filho da mulher perfida e repulsa.

Pergunta-me o visinho se, em harmonia com estes paradoxos, o cazamento, a alliança sacramental de homem e mulher acabam.

²¹Não, senhor, tornam ao que foram.

<Responde-lhe>Target, o colaborador do Código Civil de França [↑responde-lhe melhor do que eu]: “Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher deve reconhecer um consórcio apto para dar aos filhos condições de legítimos”.

– Paganismo! Seja o que quiser; mas olhe que já não é de bom tom carear visagens quando a razão humana <respiga>[↑joeira <peças de> ouro²² pérolas no lixo] <n>/d\ a Roma de <Hortensio e Cícero,>[↑Agripa e Seneca,] de Cato Censorino e Marco Aurélio.

<Também lá cazavam as Marcellas, as><Lá não eram tudo²³ Fulvias e Messalinas>As romanas edificaram um templo ao pudor. Eram cazadas e honradas: chamavam-se Vetúrias, Cornélias, [↑Calpurnias,] Sulpícia Pretectata e Arrhias Marcellas: morriam com os maridos, ou vingavam-nos. O opróbio levantava um alto muro entre estas <mulheres>[↑matronas] e as Sílias e Octávias e <as>/A\puleias Varílias e as mulheres de Cláudio

<A liberdade d>Sabe o meu vizinho que <as famílias romanas,>na Roma pagã, <po>posto que o divórcio pendesse da simples deliberação dos cônjuges desavindos, ou ainda do mero capricho do marido imoral, decorreram quinhentos e vinte anos sem um exemplo de divórcio. [§] <Como explicar>Montesquieu dá

²¹ Neste cabeçalho aparecem, como apontamento ou lembrete, os seguintes nomes: Sília met. de Nero, Apuleia Varília, Octávia e <Messalina> Vetúria, Cornélie, Virgínia Arrhias Marcella, Sulpícia Pretectata. Foram utilizados nesta mesma página

²² ouro: apesar de não estar cancelada, esta palavra é tratada como se o estivesse, o que é preciso para manter a coerência da frase.

²³ tudo: falta o traço horizontal do t.

Acaba o que a sociedade fez, violentando [2 deturpando] o que a natureza tinha feito. Mulher e homem voltam ao que foram [2 eram].

Target, o colaborador do Código Civil da Convenção, responde-lhe melhor do que eu: *Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher, deve reconhecer um consórcio apto para dar aos filhos o direito da legitimidade.*

– Paganismo !

Seja o que v. s.^a quiser; mas olhe que já não é [2 de] bom tom trejeitar visagens e momos quando a razão joeira perolas no lixo da Roma de Agripa e Seneca, de Cato Censorino e Marco Aurélio. Se o vizinho admira nos Congregados e na Trindade muita senhora, devota e escrava de Maria Santíssima, não se edificaria menos entrando em Roma no templo do Pudor, edificado pelas Vetúrias, Cornélias, Calpurnias, Sulpícias Pretectatas e Arrhias Marcellas. Estas ou morriam com os maridos amados, ou vingavam-os. O opróbio não ousava erguer a cabeça petulante de sobre a alta barreira que extremava aquelas matronas das Sílias e Octávias, das Apuleias Varílias e das mulheres de Cláudio.

O vizinho sabe que na Roma pagã, dado que o divórcio pendesse da simples deliberação de um ou de ambos os cônjuges, ou ainda do mero capricho do marido imoral – quer elle se chamasse Nero ou Cícero – decorreram quinhentos e vinte anos sem um exemplo de divórcio.

Montesquieu explica

a rasão deste caso phenomenico: «Marido e mulher soffriam pacientem^e os dissabores domesticos, por saberem que podiam cortal-os; e só por ã tinham liberdade de tal acto, passavam a vida inteira sem practical-o»

<Ergo não desta>

<Vou agora fallar-lhe de nós, snr>

Ahi está a idea <atirada>[↑peneirada] aos [↑ventos] quadrantes da opinião tempestuosa das turbas. Ruja a leôa da hypocrisia na sua caverna que eu como o varão justo de Horacio <não vacillarei>ouvirei sem susto o <†>estridor do mundo derruido [↑á volta de mim]. *Impavidum ferient ruinae*.

Direi agora de VS^a e de mim <.>/,\ [e d'outros sucios do masculino]

<Desde ã > Napoleão disse na Ilha de Sancta Helena que um *homem deve ter muitas mulheres*: fez o ã disse, e formulou uma maxima ao alcance de todos os tolos. A aguia de Austerlitz <ergue>[↑alçou] ao[s] <nivel>[↑páramos] da sua <capacid^e>[↑elevação] axiomática <<o>/a\s <escaravelhos mais he> osgas e>[↑os infimos] escaravelhos <e do mais><que da infima>e osgas <, destas barracas desta><es>destes nossos paues burguezes. <O meu sapateiro fez-se um miramolim de cozinheiras; mente á>

o phenomeno: «Marido e mulher soffriam-se pacientemente os mutuos dissabores cazeiros, por isso mesmo que podiam acabal-os; e, só por que tinham livre o uso d'esse direito, passavam toda a vida sem pratical-o».

Ahi está a minha idéa peneirada aos ventos quadrantes da opinião tempestuosa das turbas. Ruja a leôa da hypocrisia na sua caverna – que eu, á laia do varão justo de Horacio, ouvirei sem pavor o estrondear do mundo derruído á volta de mim, visto que tenho assistido impavido aos estrondos de todas as philarmonicas de que sou socio prendado. *Impavidum ferient ruinae*.

Direi agora de v. s.", e de mim, e aqui do visinho especieiro da esquerda, e d'outros sucios do masculino.

Napoleão I, na ilha de Sancta Helena, mandou escrever no seu *Memorial* que « um homem deve ter muitas mulheres». Fez o que disse, e formulou aquella maxima ao alcance de todos os tolos, salvo seja. A aguia de Austerlitz alçou aos páramos da sua ascenção axiomática os infimos escaravelhos e osgas d'estes nossos paues burguezes.

O nosso velho amigo D João Tenorio incarnou em toda a casta de galan esgrouviado, de galan mazorr<al>/o\, de <gibôso> [↑galan corcunda] no ²corpo e na ¹alma. <Desde> Os monarchas <†>, constituídos Luizes XIV de refugo, metteram nos paços uns retalhos de Marrocos, com a differença ã os seus camaristas [↑ – os lançarotes–] não poderiam cantar de falsete na capella sixtina; por sua parte os sapateiros, convictos da egualdade homana, fizeram-se tambem miramolins de cozinheiras, sacrificando á sua galanice a honra das cozinhas e a perfeição das almondegas.

[↑¹Está] ³Prevertido ²pois o masculino, desde o <rei> throno até á tripeça <, o <ma>homem><das duas uma: ou a>.

E diga-me cá, visinho, onde iria cada homem buscar as vinte mulheres decretadas por Napoleão, o Magno? Fora do triangulo era impossível. VS^a sabe o que é o triângulo? <É o trian>Vem isso explicado no *Homme-Femme*. Triangulo é o homem-movimt^o, é a mulher-forma, e é Deus que se manifesta nessas duas coisas que se [↑unem]identificam <.>/.\ <alias>[↑E, se não se unissem,] nem o homem teria forma, nem a mulher se moveria. Por tanto, homem sem mulher é uma coisa sem feitio; mulher sem <forma> <p>/h\omem, nem se quer é <mo>movel, por ã é immovel. Mais claro do ã isto, so um preto.

O nosso velho amigo D. João Tenorio incorporou-se em toda a casta de galan esgrouviado, de galan mazorro, de galan aparrado no corpo e na alma. Os monarchas, constituídos Luizes XIV de refugo, metteram nos paços uns retalhos de Constantinopla, com a differença que os seus camaristas – os lançarotes – não poderiam gargantear de falsete na capella sixtina. Por sua parte, os sapateiros, convictos da egualdade do homem perante a mulher, fizeram-se também califas de sultanas cozinheiras [2 sopeiras], immolando á sua intemperança d'amores o decoro das cozinhas e a perfeição das almondegas [2 dos *croquets*].

Está, pois, derrancado o masculino desde o throno até á tripeça. [2 É o que é.]

E diga-me cá, ó visinho : onde iria cada homem buscar as muitas mulheres decretadas por Napoleão – o grande? Fóra do triangulo? era impossível. V. s.^a está bem certo do que é [2 seja] o triângulo? Vem isso lucidamente explicado no *Homme-Femme* de Alexandre Dumas. Triangulo é o homem-movimento, é a mulher-fórrna, e é Deus manifestado n'essas duas coisas que se unem. E, se [2 a] não se unirem e amalgamarem n'uma só, nem o homem terá fórrna, nem a mulher se moverá. Por tanto, homem sem mulher tem pezo, mas não tem feitio; mulher sem homem, nem se quer é um *movel*, por que é immovel. Mais claro do que isto, só um preto e a *Poesia do Direito* de mestre Theophilo.

Logo que <as camaras legis>o codigo penal não providenciou contra o homem [↑ – [contra] <a forma>o movimt^o,] que se quizesse apropriar vinte <movimt^{os}>[↑formas] d'uma assentada, era de esperar <grave> que a sociedade soffresse grande <abalo>[↑terramoto] nas suas m^s augustas instituições. Assim aconteceu. O homem, abroquellado com a impunidade, [↑e desfraldando o estandarte da natureza em bruto,] <†> arpoou as suas preas no proprio thalamo conjugal. <*Q>/T\al marido, ã tinha um[a] so <movimt^o>[↑forma], <perdeu a mulher, e ficou como intrévado>. Outros ã tinham <dois>[↑duas], e d'ahi para cima, lá <se foram mechendo>[↑se avieram com a sua vida] o melhor ã poderam e souberam.

<Surgiu>[↑Choveu] então aquella praga de leoens *dev<ora>/as\tadores, *leo vastratix* de Lineu, uns ribaldos que se jactanciavam de serem os pais de todos os nossos filhos. E seriam – o diabo o jure!

Estes <hunos>homens eram <trigueiros>[↑negros], ou palidos [↑Othellos ou Romeus]. Tinham maneiras scismaticas nas salas. Liam os romances de F. Soulié, <recheados de coraçãoes de> ã cheiravam a patíbulos ainda ensanguentados. Bebiam cognac como nós bebemos aguas de Entre-ambos-os rios Comiam bribigoens e outros testaceos com salada de malaguetas. As duas da manhan sahiam das suas cavernas da Aguiad'Ouro, <com *uma boa ><e levavam>[↑chapeo derrubado, capote ás canhas, e içavam] a dessolação á[s] <cidade>[↑fam^{as}], <escalando os terceiros andares com>[↑<por m> mediante as] escadas de seda [.] <

Logo que o Codigo Penal não providenciou contra o homem, contra o movimento, que se quizesse apropriar vinte fórmias de uma assentada, era de esperar que a sociedade soffresse grande terramoto nas suas mais augustas instituições. Assim aconteceu. O homem, abroquellado com a impunidade, desfraldando a bandeira da natureza em bruto, arpoou as suas prêas no próprio thalamo conjugal. Tal marido, que tinha uma só fórmia, perdeu a mulher, e ficou amorpho, sem feitio de casta nenhuma.

Outros, que tinham duas fórmias e d'ahi para cima, lá se avieram melhor com a sua vida. A mulher, essa é que nunca ficou intrevada, á mingua de movimento, porque o homem para ella era como o ramo de Virgilio : – homem ido homem substituído:

Primo avulso non deficit alter.

Choveu então aquella praga de leoens devastadores, *Leo vastratix* de Lineu – uns ribaldos que se gabavam de ser pais de todos os nossos filhos. E seriam <2 ;> – o diabo o jure!

Estes homens eram negros ou pallidos – Othellos ou Romeos. Tinham maneiras scismaticas nas salas. Sombrios como anjos precipitados; [2 .] demónios ainda bellos do resplendor do céu perdido. Liam romances do visconde de Arlincourt, cheirando a patíbulos ensanguentados. Bebiam cognac, na abundancia <2 ,> em que o *crévé* [2 *petit crevè*] de hoje em dia, o seu filho degenerado, bebe agua de Entre-ambos-os-rios para desintupir o figado. Comiam bribigoens e outros testáceos com salada de malaguêtas.

Ás duas da manhan sahiam dos seus antros da Aguiad'Ouro [2 «Aguiad'ouro»], chapeo derrubado, capote ás canhas, e içavam a devastação das familias pelas trapeiras com escadas de corda.

as fa>

Eram conhecidos estes perversissimos Richelieus de esnoga. Toda a gente sabia que elles bebiam o sangue de umas mulheres pelos craneos das outras. E, não obstante, a sociedade conferia-lhes a primazia na elegancia <, >/e\ o bom gosto nas fidalgas estouvices <, >. Era vêl-os nas salas. As meninas remiravam-os de esguelha, tremulas de amor e medo. Aconchegavam-se da egide tutelar das maes ã lhes disiam [↑a suar de afflicção]: «Aquelles homens tem manfarrico! Meninas, não olhe<is>/m\ para elles, ã <d>/t\em<-se> perdido muitas donzellas, e de cazadas não ha conta nem medida»

E as meninas ficavam sabendo que as cazadas se perdiam como as donzellas; e, se perguntavam o destino dessas perdidas, as mães respondiam: «Não vês alli D. Pulcheria, D. Athanazia, D. Herminigilda <?>etc?»

Ellas olhavam, e viam as trez senhoras e as *etcæteras* refesteladas em suas poltronas, arraiadas de setim e pedras; e depois, viam-nas <sobraça<ndo>/das\ dos leoens>sobraçadas pela cinta, nos braços d'quelles homens precitos, regamboleando a perna com furor macábroy n'aquellas polkas de então, que era[m] a propria lascivia.

Estes devassissimos Richelieus de esnoga eram conhecidos. Toda a gente fina sabia que elles bebiam as lagrimas de umas senhoras pelos craneos das outras. E, não obstante, a sociedade decretava-lhes a primazia na elegância, o primor na cortezia, o born-gosto nas fidalgas estouvices [2 estouvances].

Era vêl-os nas salas!

As meninas remiravam-os de esguêlha, tremulas de amor e mêdo; e aconchegavam-se da egide tutelar da mãe que lhes segredava em suores de afflicção:

– Aquelles homens tem mafarrico! Meninas, não olhem para elles, que tem perdido muitas donzellas, e de cazadas não ha conta nem medida.

E as meninas ficavam sabendo que as donzellas se perdiam como as cazadas; e, se perguntavam o destino d'essas perdidas, as mães respondiam:

—Não vedes alli D. Pulcheria? D. Athanazia? D. Herminigilda? *etc?!*

Ellas reparavam castamente, e viam as trez nomeadas, e as *etcæteras*, refesteladas em poltronas, arraiadas de seda [2 gorgoroens] e pedras. E, depois, viam-as ir, sobraçadas pela cinta desnalgada, nos braços d'aquelles homens precitos, regamboleando a perna com furor macábroy n'aquellas polkas de então que eram a propria lascivia, o segredo descoberto das corêas na festa da deusa Bona.

Eram assim educadas as meninas: mostrava-se-lhes o seductor fatal com o prestígio das graças; mostrava-se-lhes a mulher impura com as regalias da polka.

Parabens, visinho! [d']aquelles homens [↑uns] morreram, <ou ja><de velhos>[↑outros, prostrados] ao canto d<e>/a\ leoneira, urram nas <suas>angustia<m>/s\ da gotta, e <*tom> pitadeam do mestre da fabrica. Durma socegado nos braços de sua esposa [↑fiel] e da policia civil. Escada de corda não consta <nos annaes da>ha mt^{os} annos, que as patrulhas topassem uma <em funcçoens>funcionando contra o pudor publico. <As> muitas [↑Das cordas de] que houve presumo ã <serviram>os seus possuidores se serviram, inforcando-se a final com ellas.

Verdade é que se dispensam escadas, se a hypothese ethologica de Alex. D. é verdadeira – a hypothese das macacas <./,\ <§Estes>á²⁴ qual eu racionalmt^e associo a hypothese dos macacos <,>. Estes bichos atrepam contra todas as previsoens da policia. Um sapaju é capaz de inroscar a cauda na<s grades da j> sacada do meu visinho aqui da esquerda e baloiçar-se á janella do <me> snr Raimundo com a maior limpeza de trabalho. *Quod di omen avertant* – o que os deuses não permittam!

Eram assim iniciadas as meninas ao sahir do collegio: mostrava-se-lhes o seductor fatal com o prestígio das salas e dos amores defesos; mostrava-se-lhes a mulher deshonesta com as regalias dos diamantes e das polkas.

Parabens, visinho! D'aquelles homens, uns morreram; outros, prostrados ao canto da leoneira, urram nas angustias da gotta, e pitadeam do meio-grosso.

Durma v. s.^a socegado nos braços da esposa fiel e da policia civil. Escada de corda não consta ha muitos annos que as patrulhas topassem uma funcçonaudo contra o pudor publico. Das muitas cordas que houve, suspeito que os seus possuidores se serviram, inforcando-se a final com ellas para desaggravo dos bons costumes.

Verdade é que se dispensam escadas, se a hypothese ethologica [2 antropológica] de Alexandre Dumas é verdadeira – a hypothese das macacas, á qual eu racionalmente associo a hypothese dos macacos, com bastante desaire do meu sexo. Aquelles bichos atrepam contra todas as previsoens da policia. Um bugio é capaz de enroscar a cauda na sacada do visinho da esquerda, e baloiçar-se á janella do snr. Raimundo com a maior limpeza de trabalho: *quod di omen avertant* – o que os deuses não permittam!

²⁴ O á está, no manuscrito, escrito no pequeno espaço que ficava livre depois de macacas, na linha anterior à do Estes, mas pertence a esta emenda emenda (a representação escolhida respeita a cronologia e não a topologia).

Seja como for, ouço dizer que os defunctos leoens, se não deixaram <cachorros>[↑leônuculos] com as manhas paternas, inocularam na geração actual <a vacina da sua>o que quer ã fosse da sua posthema. Por aqui na nossa rua e nas travessas limitrophes, graças ao ceo, não tem havido ã eu saiba supplicio de macaca; <nem mesmo>observo, porém, <com as faces um tanto pudendas>, que, uma vez por outra, certos maridos, < ã ainda não><estranhos das>ignorantes do cazamento de Caim no paiz de Nod, vão exercitando a missão do avô sem se importarem dos costumes da avó: matam.

<Isto é mal feito, visinho>

Esta acção, visinho, <não>[↑se] me [↑não] parece digna, [↑sem reserva,] do maior elogio, <sem reserva. Eu não> <c>/t\ambem a não exprobo em termos de Sganarello, que defende o <seu> impudor [↑proprio] <com a>arguindo a crueldade alheia [.] <; mas quero que se respeitem as protuberancias no homem, <como †>quero que se>

Isto de trahir <e matar> é um funesto pendor do organismo. E matar, a meu ver, é <outr<o>/a\>[↑uma] funest<o>/a\ <in>e irrecusavel influicção da nevrose. A mulher, que vencer os impetos do seu temperamento, é [↑m^s ã] divina: <esmaga debaixo do> p^r ã sopeza a natureza, <esmaga><agrilhoa> <que tambem é divina>divinam^{te 25} saturada do deus universal, do [↑gran] Pan indivisvel

Seja como fôr, oiço dizer que os defunctos leoens, se não deixaram leonuculos com as mânhas paternas, inocularam na geração actual o que quer que fosse da sua posthema. Por aqui na nossa rua e nas travessas limitrophes, graças aos temperamentos, não tem havido, que eu saiba, supplicio de macaca; observo, porém [2 todavia], cheio d'estas tristezas modernas, que, uma vez por outra, lá ao longe, certos maridos, ignorantes do cazamento de Caim no paiz de Nod, vão exercitando o officio do avô sem se importarem dos costumes da avó: matam [2 . Matam].

Esta acção, visinho, se me não parece digna, sem reserva, do maior elogio, tambem a não impropero em diatribes de Sganarello [2 Menelau] que defende o seu impudor proprio, arguindo a crueldade alheia.

Isto de trahir é um funesto pendor do organismo. E [2 ; e] matar, a meu vêr, é uma funesta e irrecusavel influicção da nevrose. Mulher, que refrear os impetos do seu temperamento, é tanto como divina, senão é mais, porque sopeza [2 supplanta] a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan <2 indivisvel>.

²⁵ O divinam^{te} foi escrito reaproveitando o divina cancelado anteriormente (a risca só cancela, levemente, as três primeiras letras).

<a propria>O homem <trahido>[↑atraído], que sente em si o <decorrer>[↑retalhar] de duas laminas, o amor <, > e <a> honra [↑a <quimeral>] – e <antes quer><a sede †|> sujar-se em sangue <que> a sarjar-lhe a um tempo o coração e o cerebro – <este homem>, que <precisa><sente>[↑ arde em] ancias de matar com <o mesmo afôgo e ard> ardera outr'ora em ancias d'amor, <á mulher que>esse homem, se perdoou, é um sancto, é a mais bella e perfeita desgraça que Deus creou!

Não argumentemos, porem, com as excepções: <incensemo-las nas aras sacratis> balancemos o thuribulo á Providencia dessas almas, e voltemos á feira franca onde o diabo de Gil Vicente infeirava as suas vitualhas.

O vulgar dos adulterios é a retaliação, a desforra, a mulher que <se>[↑a si se] despreza por que se vê desprezada do marido. Elle, sacerdote do amor, erguera-lhe altares, e idolatrára; depois, <ap> esfriado o fervor, apeára o idolo, e assentára sobre a peanha <†> a <divind>deidade nova aureolada de seducções infames. Primeiro, o amor e vaidade choraram no coração da mulher immolada; depois o orgulho bebeu as lagrimas, converteu-as em peçonha de vingança, e nivelou a mulher vingada hombro a hombro d<a>/o\ <mulher>homem libertino. Elles ahi estão dignos

Homem trahido, que sente em si o retalhar de dois gumes, amor e honra, dois cautérios a sarjar-lhe a um tempo coração e cerebro, – que arde em ancias de matar como ardêra ou tr'ora em ancias d'amor, [2 –] tal homem, se perdoou, é um sancto, é a mais bella e perfeita desgraça que Deus creou.

Não temos, porém, que ver com aquellas excepções. Balancemos o thuribulo da nossa admiração á Providencia d'essas almas, e desandemos para a feira franca onde o sátan [2 Sátan] de Gil Vicente infeirava as suas vitualhas.

O commum dos adulterios é a retaliação, o despique, a mulher [2 despique da mulher] que a si se despreza por que se vê aviltada do marido. Elle, sacerdote do amor, erigira-lhe altar e idolatrára; depois, esfriado o fervor, apeára o idolo, e assentára sobre a peanha profanada a deidade nova, com resplendor de seducções infames. Primeiramente, o amor e vaidade choraram no coração da mulher expulsa do templo; em seguida, o orgulho represou as lagrimas, fêl-as peçonha de vingança; e, por derradeiro, nivelou a mulher vingada hombro a hombro do homem libertino. Elles ahi estão, dignos

[40]

um do outro, levados pelo delicto social ás leis authenticas da natureza. <*Al>Acabou o marido-esposa. Restaurou-se o macho-femea. Romperam o pacto da fidelidade? deshonraram-se reciprocamente? Muito bem! <não se matem:>[↑<viva>[↑Hossanah] a[os] f^{os} da natureza! Urrah pelo rebanho de Epycuro! Qual matarem-se! Vivam!] vivam no lar, ou na rua, nos ²arminhos ou na ¹lama; mas vivam, e <vivam >amigos como <peessoas>[↑gente] de boas e bem saldadas contas.

Isto é o q̃ a lei quer, o que a religião da caridade aconselha, e o q̃ a sociedade <r>tolera com um bem dissimulado respeito.

Ha ahi todavia uns celibatarios, extraviados da igreja, amantes extremosos, pais <do>loucos de amor aos filhos, mas, em fim, uns celibatarios [↑impudícos] que riem sobcapa dos maridos <, d><*moeda refece e de †> logrados.

Quem disse a esses malsins do lar alheio q̃ taes maridos são logrados? Com que <dire> iniquidade se marêa a fama da esposa estygmatisando-a de perfida? <O logro é o embuste.>Marido logrado e esposa perfida sao

um do outro, levados pelo delicto social ás leis authenticas da natureza. Acabou o artificio do marido-esposa. Restaurou-se o macho-femea. Romperam o pacto da fidelidade? deshonraram-se reciprocamente? Muito bem! Hossanah aos filhos da natureza! *Urrah* [**2** *Hurrah*] pelo rebanho de Epicuro! Qual matarem-se! Vivam! no lar ou na rua, na lama ou nos arminhos; mas vivam e medrem como gente de boas e bem saldadas contas.

Isto é o que a lei quer, o que a religião da caridade aconselha, e o que a sociedade tolera com um bem dissimulado respeito.

Todavia, ha ahi uns celibatarios, extraviados dos concilios, amantes extremosos, pais loucos de amor aos filhos, [**2** ;] mas, em fim, celibatarios impudícos, que sorriem, a occultas, dos maridos logrados.

Quem disse a esses malsins do lar alheio que taes maridos são logrados? Com que protervia se marêa a fama da esposa estygmatisando-a de perfida? Esposo trahido e mulher treda são

[41]

os ã reciprocant^e se enganam. <Onde está um>Cessa a infamia do engano onde começa a luminosa tolerancia d<o>/a\ <per>desforra. A invasão da crytica ao gremio da familia, que não pede a interferencia do código penal, é uma injuria estúpida.

<Umas pessoas ã p>

<Eu sei, vis> <Que forte *sois,> Snr. Raimundo, sei <que>d'umas pessoas que <dard><p††l><dardejam><*so>motejam os maridos, <justa ou> injustamt^e <deshonrados>[↑enxovalhados] pelo vicio congenial <ou pelo desforço <*fus> plausivel> das mulheres. Esses, que hoje escarnecem o homem deshonrado, ap<re>/e\drejal-o-hão ámanhan, se elle offerecer o cadaver da adultera como remissão da sua honra. – Matar! Oh! não, assassino! Despenhasse-l'a antes com um pontapé, de abysmo em abysmo, até ella cahir nos nossos alcouces!] Nos ja ca temos encontrado mulheres tão illustres como a tua. Borrifamo'l-as com a champagne das nossas orgias. <Sapateamos com ella o cancan> Ouvimol-as espumar dos labios roixos o nome dos maridos por entre o acre dos licores, vimol-as <esverdearem-se e re> repintadas de espoliaçoens esqualidas no rosto, soubemos depois que <a enxerga>[↑o lençol] d<o>/a\ <hospital>[↑miserecord^a] as levou da enfermaria á vala... E os maridos viveram e sobreviveram, e hão de viver e so-

os que reciprocamente se mentem. Cessa a ignominia da perfidia onde começa a luminosa tolerancia da desforra. E, por tanto, a invasão da crytica ao seio da família, que não reclama a interferência do Codigo Penal, é uma villania estúpida, um insulto á liberdade dos cultos.

Snr. Raimundo, sei de umas pessoas <2 ,> que mofam cruelmente dos maridos enxovalhados pelo desdouro das mulheres. Ora, esses que hoje escarnecem o homem deshonrado, apedreja-l'o-hão ámanhan, se elle offerecer o cadáver da adultera como resgate da sua honra.

– Matar! Oh! não, assassino! Despenhassel-a antes com um pontapé, de abysmo em abysmo, até aos nossos alcouces. Nós já temos encontrado cá mulheres illustres como a tua. Borrifamol-as com a champagne das nossas orgias. Ouvimol-as espumear dos labios roixos o nome dos maridos por entre o acre do alcool. Vimo-'las repintadas [2 escoriadas] de esfoliaçoens esqualidas no rosto. Soubemos emfim que o lençol da misericordia as baldeou da enfermaria á vala. E os maridos viveram e sobreviveram,

[42]

breviver todos os que tiverem na cabeça juízo, e no coração o augusto preceito *Não matarás!*

Apoiados, snr Raimundo, apoiados!

Estes homens fallam bem: são os philosophos, os christãos, os sociologicos, os professores, os jornalistas, os jurados, os juizes.

<Creio que ja lhe disse, visinho, que não tenho um filho a quem possa>²⁶

<S^r Raim>Se eu tivesse tido um filho, havia de encourçal-o para se affrontar, intemerato e invulneravel com esta sociedade cancerosa.

Creal-o-ia debaixo de mão e no regaço da mãe virtuosa até aos trinta e cinco annos. Depois, mandal-o-ia estudar primeiras lettras e ultimas com professo[r]<res> de provada sanctidade de costumes, mestre regio, que tivesse tido a heroica abnegação de viver com o <seu> ordenado [↑]lhe dá o governo, sem me sahir á estrada <.>/, \ <nem se ter os Comp> e me roubar o relógio. Aperfeiçoada desta arte a educação intellectual do meu herdeiro, eu iria com elle a um ponto culminante da cidade, á

por que tinham juízo na cabeça, e abrigavam religiosamente no coração o augusto preceito: *não matarás!* –

Apoiados! snr. Raimundo, apoiados! Estes homens fallam bem: são os sociologicos, os philosophos, os estoicos, os cultos, sou eu, é v. s.^a, se me não illude a confiança que puz na sua capacidade, hão de ser os jornalistas, os legisladores, os juizes e os jurados, quando a brocha der a ultima de mão neste mascarrado edificio social.

Se eu tivesse um filho, havia de encourçal-o para se affrontar, intemerato e invulneravel com esta sociedade cancerada. Creal-o-hia debaixo de mão, e no regaço da mãe virtuosa, até aos trinta e cinco annos, vestido de menina. Depois, mandal-o-ia estudar primeiras lettras, e ultimas, com professor de acrizolada sanctidade de costumes — mestre régio que houvesse tido a heroica abnegação de viver com o que lhe dá o governo, sem me sahir á estrada a roubar-me o relógio. Aperfeiçoada d'esta arte a educação intellectual de meu herdeiro, eu iria com elle a um ponto culminante da cidade, á

²⁶ Esta linha e a seguinte apressentam evidências de que não foram escritas uma imediatamente a seguir da outra, mas sim de que no meio decorreu pelo menos parte da escrita da página [44] (cf. **Capítulo 3, secção 1.2.2.**).

[43]

Torre dos Clerigos, por exemplo, á falta da montanha de A. D, e dir-lhe-hia o segt^e:

Torre dos Clerigos, por exemplo, na falta da montanha de Alexandre Dumas, e dir-lhe-hia o seguinte :

[44]

«Meu <,>filho, <tens quarenta annos>. Fizeste exame de instrução primaria; – coisa ã eu não era capaz de fazer. Sabes as Raizes da formação dos tempos, conjugas um verbo irregular, tens <conhe> luzes não vulgares do preterito mais ã perfeito composto, bebeste a longos haustos os Logares Selectos do snr padre Cardoso, e vislumbraste Nieburh atravez da historia patria do snr Motta Veiga. <Por sobre tudo isto sondaste os arcanos do systema metrico>Estás prompto. Eu não sei nada d'isso, por que desbaratei a minha mocidade <em tolices, *delicta juventutis meæ* entrei nos penetraes de sciencia por aquelle alphabeto que disia A arvore, B, besta etc. Dizem hoje os p>com o *Thesouro de meninos*, e depois com as meninas da thesoura, umas costureiras que me <desararam. Não pude voar ás <†>/em\inencias onde te puz> cortaram os voadouros, quando eu <fazia vôo ás regioens da sciencia>[†batia as azas p^a a região superior do «Novo methodo». *Delicta juventutis meæ*.

«<Tu, porém, meu filho com o que sabes>

Em compensação, fiz <convergir para o>[†<plan> enxertar no] teu cerebro <os raios luminosos da sciencia>[†a arvore da sciencia de D'Alembert. És um reportorio dos conhecimentos humanos.] <que te>[†Estás] habilita[do] <a ser>[†p^a] tudo, desde porteiro do Montepio dos empregados publicos até ministro da marinha <ou talvez><, pasta que>. <É tua a terra. Faz-te esperto.> Portugal é a conquista dos talentos. <Faz-te esperto><Ocuppá o teu logar na republica> Tens uma cadeira na Academia real das sciencias e outra no gabinete de leitura de Lamêgo. <Segue-os> Tem-me de ôlho estas duas couço

«Meu filho, tens quarenta annos. Fizeste exame de instrução primaria: – coisa que eu não era capaz de fazer. Sabes as *Raizes da formação dos tempos*, conjugas um verbo irregular, tens luzes não vulgares do *Pretérito mais que perfeito composto*, bebeste a longos haustos os *Logares selectos* do <2 snr.> Padre Cardoso, e vislumbraste Guizot atravez da historia patria do <2 snr.> Motta Veiga. Estás prompto. Eu é que não sei nada d'isso; porque desbaratei a minha mocidade com o *Thesouro de meninos*, e depois com a tisoura das meninas, umas costureiras que me cortaram os voadouros, quando eu batia as azas para a região superior do *Manual encyclopedico*. Perdi-me. *Delicta juventutis meæ*.

«Em compensação, meu filho, fiz enxertar no teu cerebro dois garfos da sciencia universal. És um reportorio dos conhecimentos humanos e prestadíos. Estás habilitado para tudo, desde porteiro do Monte-pio dos empregados publicos até ministro da Marinha.

«Portugal é conquista dos talentos, como sabes.

«Espera-te uma cadeira velha na Academia Real das Sciencias, e outra no Gabinete de Leitura de Lamego. Tem-me d'olho estas duas couço

[45]

eiras luminosas dos penetraes da immortalid^c

Tenho a satisfação de saber que chegaste á idade florida dos quarenta sem haver perdido uma petala da tua grinalda de virgem [.] [↑No meio desta fornalha, portaste-te como verdad^{ra} salamandra.]²⁷ <graças á tua indole e <aos meus conselhos><as delicias da> [↑â] instrução primaria que te embeveceram>. <Todo o meu j>Era grande o meu jubilo quando te via chegar a caza em mangas de camiza, e rosado de pudor me disias <qual> <em que mãos de> q<ual>/ue\ mulher de Pharaó te despira o frak! <E tantas fora><E que porção dellas, meu filho! A dymnastia egypciaca>És um menino d<o>/a\s <tempos> eras antig<o>/a\s. <Se nascesses no reinado do Snr D. João V, ou da mãe deste q^{lo} muito> [↓Em tempos de D João V e outros reis castos serias sacristão de Mafra ou da Patriarchal;] Hoje em dia, a virtude da <castidade>[↓continencia]<per><podera> levada a tamanho apuro, poderá quando mt^o permittir-te a directoria [↑interna] do Asilo das velhas do Camarão.²⁸ Meu filho, é tempo de <tomar>intrares na forma, quero dizer, de teres forma, de <ajunctares> completares <a mulher> o triangulo com a esposa. Caza-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco annos, período não sobejo para bem digerires e ruminares estas ideas. É bom ruminar desde

eiras luzentissimas dos penetraes da immortalidade.

«Tenho a satisfação de saber que chegaste á florida idade dos quarenta, sem que uma só petala se haja fenecido na tua grinalda de virgem. Em meio d'esta fornalha de Babylonia, portaste-te como verdadeira salamandra. Era grande o meu jubilo quando te via chegar a caza em mangas de camiza, e, rosado de pejo, me dizias que mulher de pharaó te despira o fraque! És um menino das eras antigas. Em tempo de D. João V e outros reis castos, serias sacristão de Mafra ou da Patriarchal. Hoje em dia, a virtude da continencia levada a tamanho apuro, poderá, quando muito, permittir-te a directoria interna do Azilo das velhas do Camarão.

«Meu filho, é tempo de intrares na fôrma, quero dizer, de teres fôrma, de completar o triangulo com a esposa.

«Caza-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco annos – período não de sobra para bem digerires e ruminares certos preceitos. É bom ruminar desde

²⁷ Há indícios topográficos que evidenciam que esta frase foi acrescentada depois de escrita a que vem a seguir: Era grande...

²⁸ Entre este parágrafo e o seguinte há, no manuscrito, um espaço que corresponde a três linhas e que foi aproveitado (só na metade direita) para escrever o acresento que refere ao Rei D. João.

[46]

ja para ã depois não estranhes <o>/a\s <funcionalismo> operaçoens physiologicas de ruminante.

Procura, entretanto, esposa que não saiba ler nem escrever, se tanto for possível; receio porém ã a não topes neste paiz onde a instrucção está por <tanta> tal maneira derramada. *Derramada* é o termo. Se, á falta d'outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas *Artes da cozinha*, ã se tem publicado em Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe ã ella conheça este segundo sugeito, mas tão somt^e do <Almanak>*Cozinheiro dos Cozinhos*, que elle deu á estampa com outros poetas <byronianos> causticados da inspiração <v> de Beudellère. Que tua mulher procure o vampiro d'aquelles genios [↑taosom^{le}] no seio de um timbal de borrachos.

Averigua, antes de mais nada, se tua noiva procede directamente de sua quinta avó e respectivo avô, sem travessia. Tal avó tal neta, percebes?. Indaga que frades, e de ã ordem, entravam em caza das avoengas do teu namôro, e não será demasiada pesquisa

já, para que depois não estranhes as operaçoens physiologicas [2 gástricas] de ruminante.

«Entretanto, procura esposa que não saiba lêr nem escrever, se tanto for possível; receio, porém, que a não topes n'este paiz onde a instrucção está por tanta maneira derramada. *Derramada* é o termo lídimo.

« Se, á mingua de outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas *Artes da cozinha*, que se publicaram neste abençoado refeitorio de Portugal, desde Fernão [2 Domingues] Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe que ella conheça este segundo sugeito; mas tão somente do *Cozinheiro dos cozinhos*, que elle deu á estampa com outros poetas causticados da inspiração satanica de Beudellère. Que tua mulher procure o vampiro d'aquelles genios unicamente no seio de um timbal de borrachos.

«Averigua, antes de mais nada, se tua noiva procede directamente de sua quinta avó e respectivo avô, sem travessia. Tal avó tal neta. Indaga que frades, e de qual ordem, entravam em casa das avoengas do teu namôro; e não será demasiada pesquisa

[47]

esquadrinhar se a mãe d'ella ainda alcançou os <frades>[↑bernardos]. <Tal frade tal beat>Sabido e provado que a menina é de boa linhagem, observa se isto de fundilhar <cueca> ciroulas e <reformatar>[↑pontear] piugas não são para ella coisas <legendarias>[↑lendarias], tradiçoens myticas de Penelope e da rainha Bertha. Bom será que ella seja caroavel da criação de patos e galinhas, e outros «lances cazeirissimos ao modo de fallar de D. Fr^{co} M. de M. <Letria e rabanadas em dias solemnes bem s> Que não te esqueça espreitar-lhe com aturada vigilancia o temperamento: se te sahir sanguinea, alimentação vegetal: legumes, <[↑alface]> [↑chicoria,] fructas e macarrão. Se biliosa ou lymphathica, não duvido ã a faças quinhoeira das substancias fibrinosas; se predominarem os nervos, [↑saturados de electricid^e,] subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. <Se> Pelo que é de temperam^{os} entende-te com Alberto Pimentel, auctor dos «Sanguineos [↑lymphatico] e nervosos» escriptor <excellente>e amavel que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horoscopo pela espinal medula, <ou>[↑e] pela systole e dyastole.

esquadrinhar se a mãe d'ella ainda alcançou os bernardos.

«Sabido e provado que a menina é de boa linhagem, observa se isto de fundilhar ciroulas e apontar piugas não são para ella coisas mero legendarias [2 lendarias], tradiçoens myticas de Penelope e da rainha Bertha. Bom será que ella seja caroavel da criação de parrecos e gallinhas, e outros «lances cazeirissimos» ao modo de fallar de D. Francisco Manoel de Mello.

«Que não se te olvide de espiar-lhe com aturada vigilancia o temperamento, como clausula em que muito bate o ponto. Se te sahir sanguinea,— alimentação vegetal, legumes, muita chicoria, fructas e macarrão. Se lymphathica, não privo que a faças quinhoeira de substancias fibrosas. Se os nervos predominarem, subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. Em summa, pelo que é de temperamentos, intende-te com Alberto Pimentel, auctor dos *Sanguíneos, lymphaticos e nervosos*, amavel escriptor que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horóscopo da systole-dyastole [2 systole e dyastole], e da espinal medula.

[48]

«Estás cazado, meu filho. <Lembra te>Tens uma alma no seio da tua, uma segunda consciencia a derigir, como pai, como esposo, como sacerdote. Na qualid^e de padre da fam^a não me admittas acolito, percebes?

«Serás fiel a tua mulher, leval-a-has ao Circo, uma vez por outra á muzica do quartel-general e ás figuras de cêra [↑authorisadas pelo governd^{or} civil]. <A>/D\e comedias chamadas de Cazaca, <a> e dramas lardeados de can-can, e Quadros-vivos, livra como de peste <, rapaz>! Irás onde ella for; passarás com ella as noites inverneiras, <jogando a>fazendo uma paciencia, ou jogando o burro, isto em qt^o não ha prole. Quando houver filhos, andarás com elle[s] ás cavalleiras, em qt^o a mãe jubilosa lhes está costurando os atafaes. Visitas de casta nenhuma <. Nem velhos nem velhas, po>, sem ressalva de sexo ou idade. Diz o <bom padre>[↑experto] Manoel Rosado nas *Lgrimas de Jerusalem*: «Está o mundo cheio de velhos e velhas que lêem de cadeira vicios aos moços e ás moças» Isto foi <dito> [↑escripto] ha dozentos e cincoenta annos! Que diria hoje o bom do frade! O que disse n'outro lanço: «Já não ha virtudes nem cherume d'ellas.»

«Estás, pois, cazado, meu filho. Tens outra alma no âmago da tua, uma segunda consciencia a dirigir, como pai, esposo e sacerdote. Na qualidade de padre de tua mulher, não me admittas acolyto, percebes?

«Serás fiel a tua mulher; leval-a-has ao Circo de quando em vez; e de tempo a tempo á musica do quartel-general, e ás Figuras de cera, auctorisadas pelo chefe da policia, por causa das Venus [2 Calypigias]. De comedias chamadas «de cazaca», e dramas lardeados de can-can, e Quadros-vivos, livra como de peste.

«Irás onde ella fôr; passarás á sua beira as noites de janeiro, fazendo «paciencias» ou jogando o burro: isto emquanto não ha prole. Quando houver pequenos, andarás com elles ás cavalleiras, emquanto a mãe jubilosa lhes está costurando os atafaes.

«Visitas de casta nenhuma, sem ressalva de sexo ou idade. Diz o esperto [2 frei] Rozado nas *Lgrimas de Jerusalém*: «Está o mundo cheio de velhos e velhas que lêem de cadeira vicios aos moços e ás moças.» Foi isto estampado ha duzentos e cincoenta annos! Que diria elle hoje? O que escreveu n'outro lanço: «Já não ha virtudes nem cherume d'ellas.»

[49]

«Ora bem: conjecturemos agora, meu filho, que tua mulher, lealm^{te} amada, farta e cheia, querida e acariciada, pega de sentir-se invadida pela imagem de outro homem que viu no Circo <, rapaz><a remiral-a pelo binoculo>. <Contempla>Considera, filho, meu infeliz, que o <homem><frequentador>/freguez\ da Gran-duqueza é um desses cachorros da raça funesta dos leons, que atravez das lentes do binoculo <lhe> despede coriscos á<s> alma de tua mulher, <e t'a queimam, pondo-lhe o sangue em ebulição n'um grao superior a mais [↑aquosa e] bem organizada companhia de incendios.> [↑queimando-<ta>/lhe\ [↑as grandes] arterias, <veias pequenas> as medias, as filamentosas, as capillares, tudo em que <vive> ha sangue e palpitar <n'um corpo>].[↑na economia animal]<Contempla, filho meu,>Considera, outrosim, que ella, <amestrada pela> [↑ouvindo a cavilosa] natureza, mãe dos escandalos, em vez de se confessar a ti q̃ es o seu padre [↑lareiro], confessa-se á cozinheira, e, por entre os soluços da honestidade moribunda, [↑abre-]lhe <vai <contando> abrindo> o peito onde a sua má estrella lhe photographou a [↑ternissima] cara <audaciosa> do frequentador do circo.

«Para te não torturar <[↑lentam^{te}]> [↑pausadam^{te}] com hypothes, meu filho, vamos á ultima. A cozinheira entrou no triangulo <. *Hor> ; tua mulher recebeu cartas e respondeu a ellas, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel, dos teus enveloppes; e, p^a cumulo de affronta, da pena com que tu <commentavas>[↑enriquecias de notas] o *Cozinheiro dos Cozinheiros*, ou <fazias>[↑esboçavas] na-

«Ora bem: conjecturemos agora, meu filho, que tua mulher, lealmente amada, farta e cheia, querida e acariciada, pega de sentir-se invadida ob e subrepticamente pela imagem de certo homem que viu no Circo ou nas Figuras de cera. Considera, ó misero, que o freguez da Gran-Duqueza é um d'esses cachorros da raça funesta dos citados «leons», que, atravez das lentes do binoculo, despede [2 expede] coriscos á alma de tua consorte, queimando-lhe as grandes arterias, as medias, as filamentosas, os vasos capillares, tudo em que ha sangue e palpitar na economia animal. Considera, outrosim, que ella, ouvindo a cavillosa natureza, mãe dos escandalos, em vez de confessar-se a ti, que és o seu padre lareiro, manifesta-se á cozinheira; e, por entre os soluços da honestidade moribunda, abre-lhe o peito onde a sua má sina lhe photographou a ternissima cara do Saint-Preux do Circo.

«Por te não polear inquisitorialmente com hypotheses, vamos á ultima. A cosinheira entrou no triangulo. Tua mulher recebeu cartas, e respondeu-lhes, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel pautado, dos teus enveloppes, e, para remate da affronta, da penna com que tu enriquecias de glossas o *Cosinheiro dos cozinheiros*, ou esboçavas na

[50]

rizes [↑tortos] p^a entreter os rapazes.

«Neste tempo, por <infortunio, eras>outra hypothese desgraçada, <eras> [↑suppõe] tu [↑q̃ eras] sócio prendado como eu de varias philarmonicas onde ias uma noute por outra prestar a Offenbac o preito da tua trompa. Tua mulher, com sorriso refece, dava-te á sahida o osculo do costume, e esperava-te á entrada, com a voz convulsa, perguntando-te se fôras feliz nos b-moes, e te sahiras bem do solo da Ilha de Jafanapatão.

«Ah! meu filho, estavas trahido como todos os musicos incautos, trahido como todas as victimas das [↑bellas] artes, <qd^o <as mulheres>o instrum^{to} de sopro> quando a alma entusiasta os guinda assima <da esteira raza>[↑do capacho] em que as mulheres se <achata> [↑acocoram] com as suas aspiraçoens <*traem e>razas.

«Estás pois atraídoado!

««A mulher, que ama>E, por tanto, se essa mulher q̃ tanto amavas, te levou o punhal hervado da deshonra ao coração onde lhe tinhas a imagem; se te coou peçonha mortal no beijo que te deu com os labios <req> estuosos do fogo lascivo de outros; se te fez a fabula dos visinhos, se te <poz na>[↑levou a] praça <como cevo de vadios que retostam> onde ha o gragalhar <†> lacerante e ahi te poz como de corvos que crocitam á volta do corpo onde presentem morta uma alma; se te <d>leva [↑o nome] pelos seus <ladeiros>[↑lameirae] <como <sapo esqualido que><ama>serpente que <trama>leva

rizes tortos para intreter os rapazes.

«N'este tempo, – vá outra conjectura desgraçada – suppõe tu que eras socio prendado, como eu, de varias philarmonicas aonde ias, uma noite por outra, prestar a Offenback [2 Offenbach] o preito da tua cometa de chaves. Com refece sorriso, tua mulher dava-te á sahida o osculo do costume, e esperava-te de volta, perguntando-te com a voz convulsa da consciencia irrequieta se foras feliz nos bemoes, e tiveras palmas no solo do 2.º acto da «Ilha de Jafanapatão» [2 *Ilha de Jafanapatão*].

«Ah! filho! Estavas trahido como todos os musicos incautos, trahido como todas as victimas generosas das bellas artes, quando a alma entusiasta as etherisa acima do capacho onde as esposas se amesendram com as suas aspiraçoens razas!

«Atraídoado, pois!

«E, por tanto, se essa mulher <2 ,> que tanto amavas, te cravou o punhal hervado da deshonra no intimo seio onde lhe tinhas a imagem; – se te coou mortal peçonha no beijo que te deu com os labios crestados da lava de outros labios lubricissimos [2 lubricos]; – se te fez a fabula dos visinhos, e te plantou [2 espectacularou] na praça onde ha o gargalhar dilacerante, e ahi te poz ao cêvo dos corvos que crocitam á volta do corpo onde farejam morta uma alma; [2 :] – se te levou [2 rojou] o nome pelos seus muladares, a rojo da [2 seus esterquilinios na] cauda

[51]

*roux a debater-se-lhe> [↑a rastos da cauda]²⁹ <de um rouxinol e o leva a>dos seus vestidos mercadejados com corpo; se te acalcanhou o coração, e te matou no cerebro o roixinol dos teus cantares, e te levou a dyspepsia, <ao escorbuto, á comsumpção>a enterite chronica, ao escorbuto, á cacochimia, se em fim te poz a honra <no ataude da morte>entre o suicidio ou o <eter>irremedavel opprobrio, sabes o que hasde fazer, meu filho? sabes o que hasde fazer a essa macaca?

[33'] <Não faças nada! Deixa correr o marfim.

É como é.

Snr Raimundo, <acceite não como filho,>acceite esta carta saturada de <<optimos>[↑bons] concelhos>[↑boas <ideias>doutrinas] e extracto de papoulas. <Se>não como f°; mas, como [↑visinho e] marido, [↑e <visinho>]<não lhe faz mal nenhum, <adotal-a,><adoptal-<a>[lha]>de quem sou, etc.

[↑a] Setembro de 1872.

(Á sombra dos 2 tostoens)>

[51]

Não lh<es>/e\ faças nada; deixa correr o marfim»

Isto é o que eu diria ao meu filho; mas, como não o tenho, <nem>[↑e] me [↑não] quero ingerir nas vidas alheias, cerro-me por aqui.

<Visinho, seja como for, o corte está dado.>[↑Visinho, se a questão do Homem-mulher não está assim resolvida, sou eu mais tolo do que penso, e a questão é *dezi mais <†>/inf\ame que o acto que ella discute.]

<Agora>[↓Seja como for,] *Pax Domini sit semper tecum, e boas noutes.*

10 de setembro. Ano da Graça de 1872.

(Á sombra... dos 2 Tostoens)

²⁹ O segmento [↑a rastos da cauda] se inscreve na p.[50]. A representação da cronologia correcta da emenda obriga à sua presença nesta página.

de seus vestidos mercadejados com o corpo; – se te acalcanhou o coração, e te matou no cerebro o roixinol dos teus cantares; – se te incutiou no *eu* subjectivo a dyspepsia, a hepathite, a hypocondria, a cacochimia, e emfim te poz a honra e os intestinos entre o suicidio e o inevitavel opprobrio: sabes o que hasde fazer? sabes o que hasde fazer a essa macaca, meu filho? – Não lhe faças nada: deixa correr o marfim».

Isto é o que eu diria a meu filho; v. s.^a, porém, [2 visinho,] faça o que bem lhe parecer: eu não aconselho ninguém.

Visinho, [2 A final de contas, snr. Raimundo,] se a questão do *Homem-mulher* não está assim resolvida, sou eu mais lorpa do que penso, ou a questão é mais infame que o acto que ella discute.

Seja como fôr, *Pax Domini sit semper tecum, e boas noites.*

S. C. 10 de setembro, [2 .] Anno da Graça 1872.

<2 (Á sombra... dos 240 réis.)>

Anexo A

[Folha de guarda primeiro plano de encadernação]

[Cabeçalho]

Gasetas apero – Rua das Flores, 65.

Cypriano de Valera – G. Braga –

[Caixa de texto]

Cabale + conluio + vida remansosa

Dar *ala* aos caprichos + Baldear-se na gondola + Faire la cour – fazer sala, galantear.

Cortar o *estame* da vida – *Vislumbra-la* em vez de
/lo\briga-la – Olhos ã espirravam relampagos, coriscos, etc. granisavam flechas

Avec empressement – açodado, afervorado, aforçurado (com.)

Fui tão excessivo, tão *sobejo* –

Mal por mal eu antes quero as visoens da Cazotti *ã as de Ezequiel – Ás portas da morte – Selva – Redopear o fuso – Encavalgarem-se as nuvens – mt^o *boleio* da phrase – Fio das lagrimas – pranto deatado – *rebramam* os travoens – Eu p^r mim, creio em Deus e arrenego de todos os diabos. Em summa, finalm^{te}, em resolução. *Summa* dos males – (maximo) Dormindo a bom levar, a *maior* levar – *Escarceadas* ondas – Nos annos *dourados* – Espremidos pelas talas da morte (Rozado) Fallando ao nosso modo –

[Margem de goteira]

Solatium, etc

Consola ter parceiros na desgraça –

Apinhoadas – empilhadas, e não *conglobadas*...

Empinar-se –

Andar *a bella par* a la par – Palavras elegantissimas, estremadissimas, excellent.^{as}

Atroada

Estampido

[Folha de guarda segundo plano de encadernação]

[Caixa de texto]

<O príncipe dos poetas do >

<O grande épico>

O talento de Camoens fez o milagre de inserir na sua epopeia, sem a desdourar, coisas que nenhum poeta de hoje em dia, a † das liberd^{es} † † copia da verd^e, conseguiria enquadrar em moldura lyrica, sem usurpar o ingenho aos redactores de †. Se <algum sr> o snr G Junqueiro ou o sr I. *Segnier pensassem no mundo mais *idilico em <†> incluïrem <nos seu> n'um poema da actualid^e a noticia do presente de uns carneiros e d'umas gallinhas, com certeza regeitariam o presente , comendo-lhe o dever de o divulgar em alexandrinos . Luis de Camoens não hesitou em immortalisar o successo nos termos mais singelos<, mais> [↑e] populares. <Como> [↑Relata Gama contando [↑ao rei de Melinde] ã] os etiope <e>/lhe\ <mandaram> trouxeram gallinhas e carneiros. Camoens diz a coisa como ella foi.

... humanamte nos tratam

Trazendo nos gall^{as} e carneiros

Canto V Est <7>/6\4